

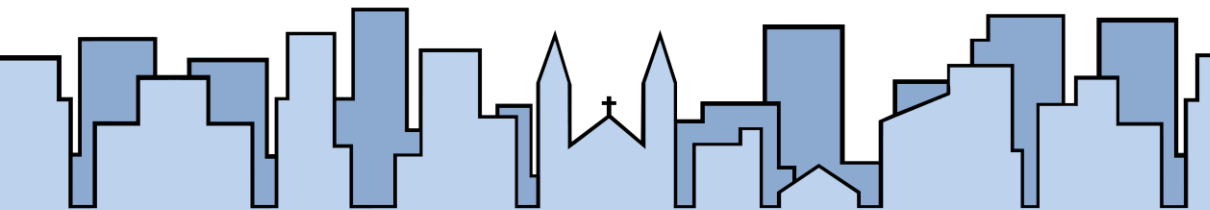
VICTOR HUGO SODRÉ DA COSTA
ANA CLAUDIA RAMOS SACRAMENTO

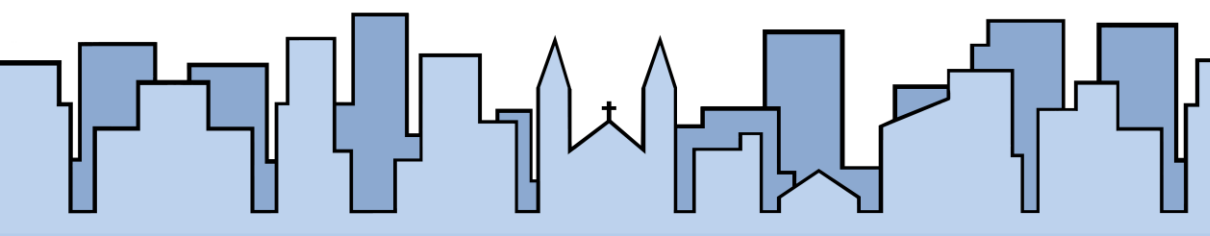
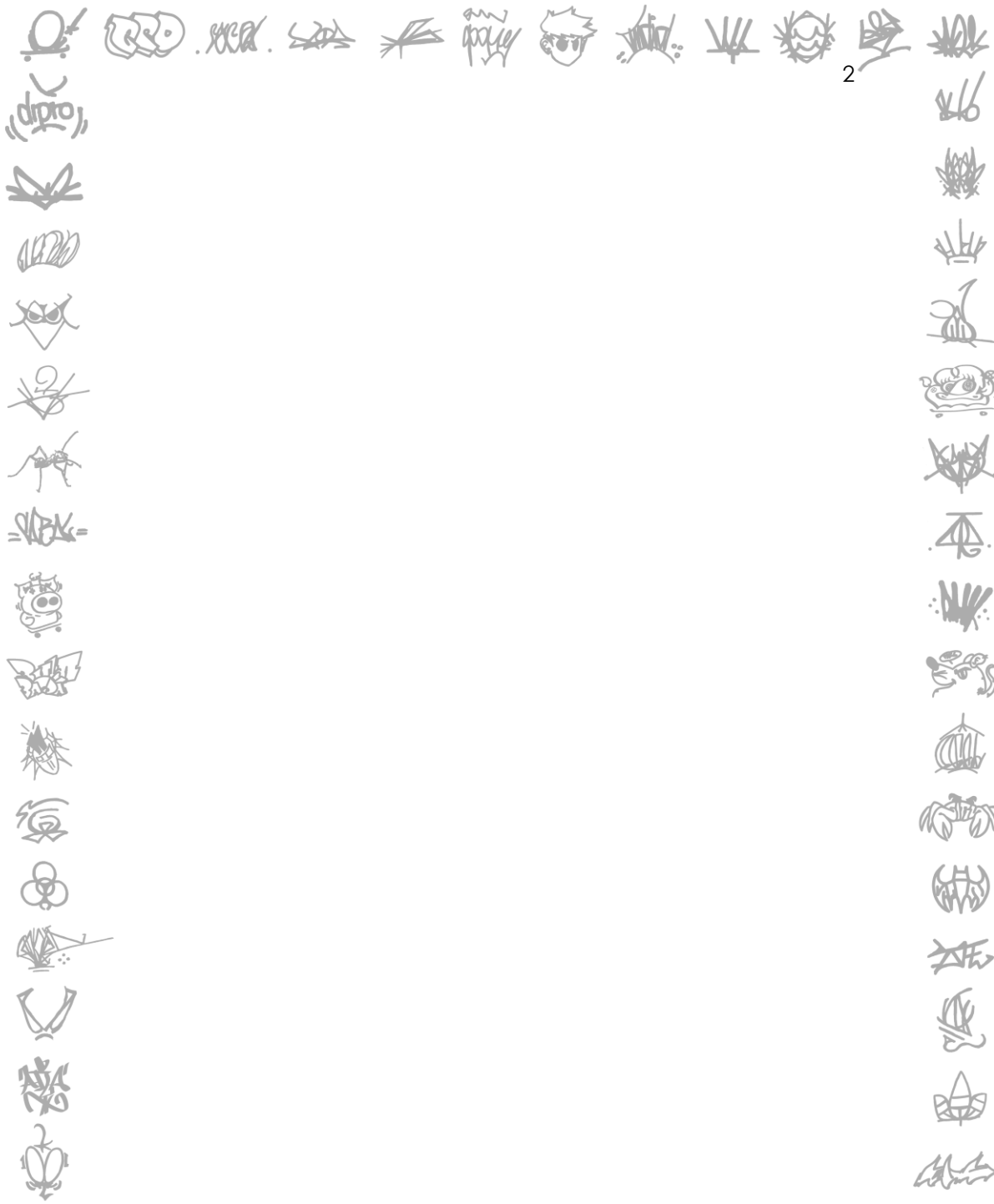
O RAP
E A GEOGRAFIA
NA CIDADE BERÇO
DE TALENTOS



O RAP E A GEOGRAFIA
NA CIDADE BERÇO DE TALENTOS


Pedro & João
editores



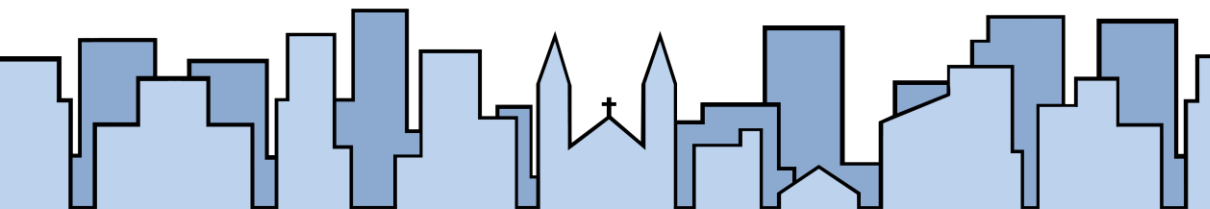




Victor Hugo Sodré da Costa
Ana Claudia Ramos Sacramento

O RAP E A GEOGRAFIA
NA CIDADE BERÇO DE TALENTOS


Pedro & João
editores





Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Victor Hugo Sodré da Costa; Ana Cláudia Ramos Sacramento

O Rap e a Geografia na cidade berço de talentos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 86p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0870-1 [Digital]

1. Rap. 2. Geografia. 3. Música. 4. Inclusão e equidade. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

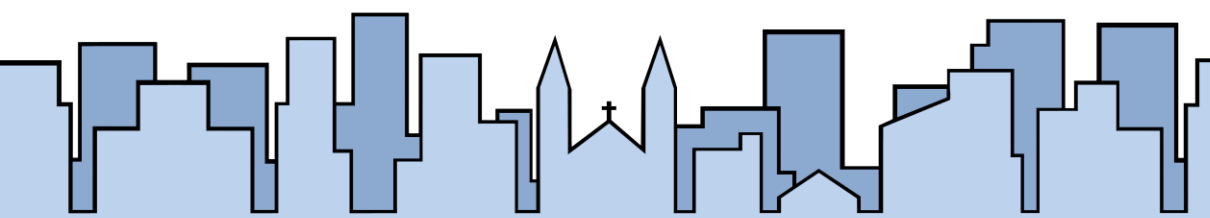


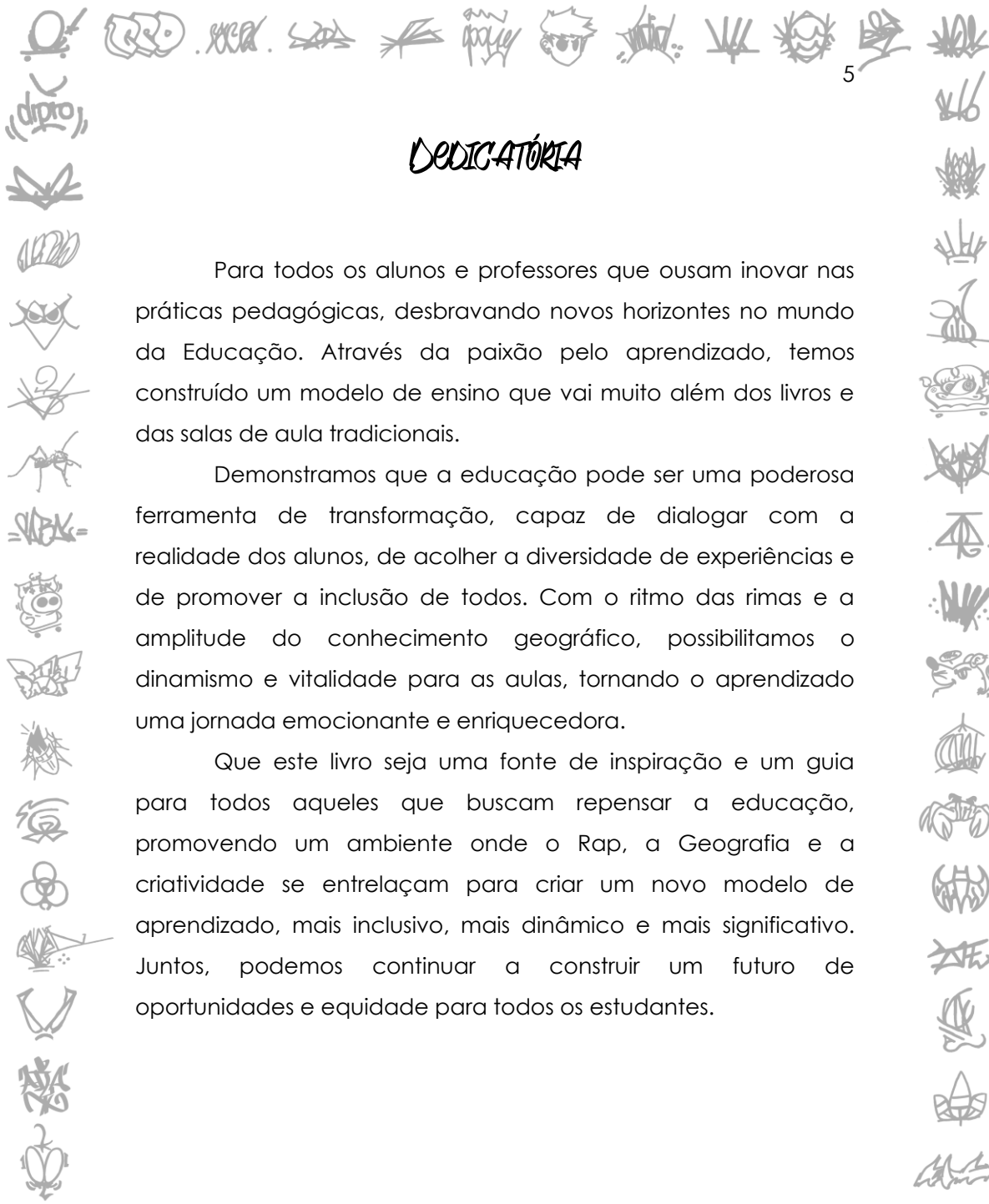
Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023



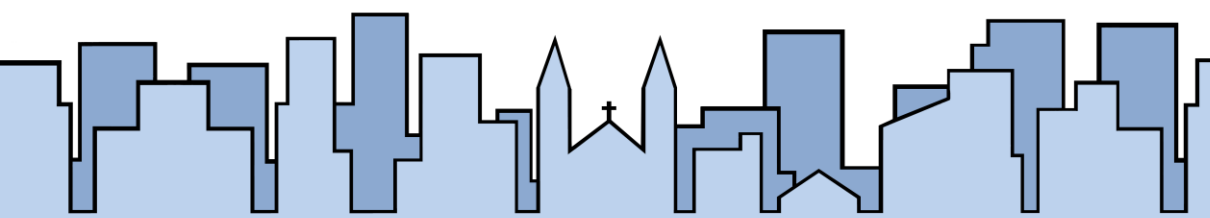


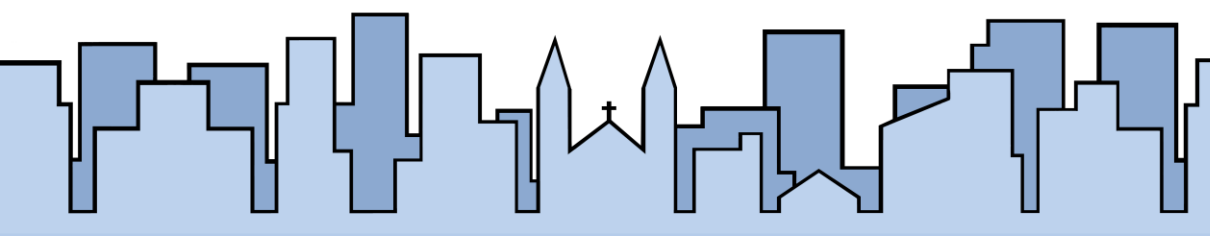
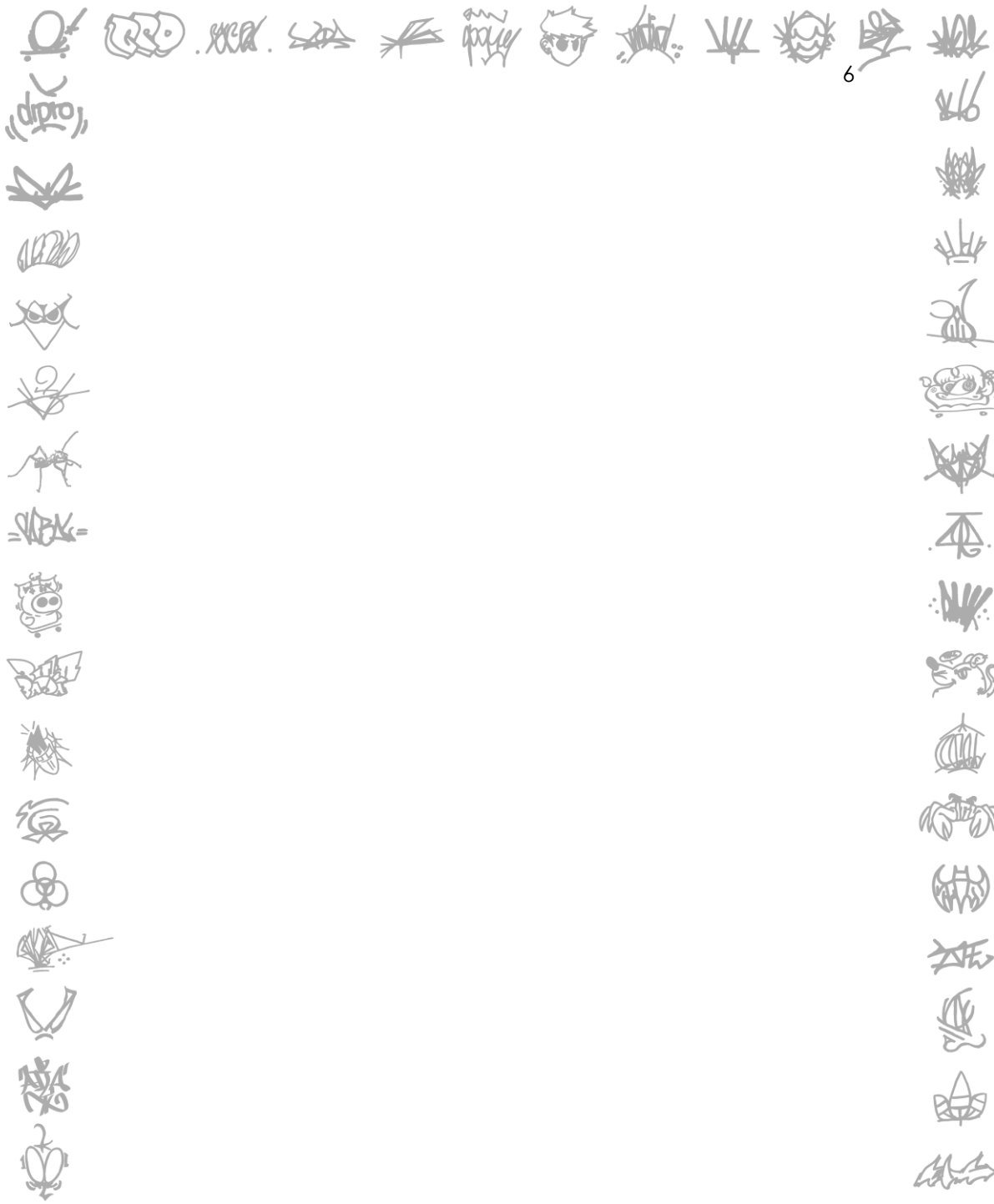
DEDICATÓRIA

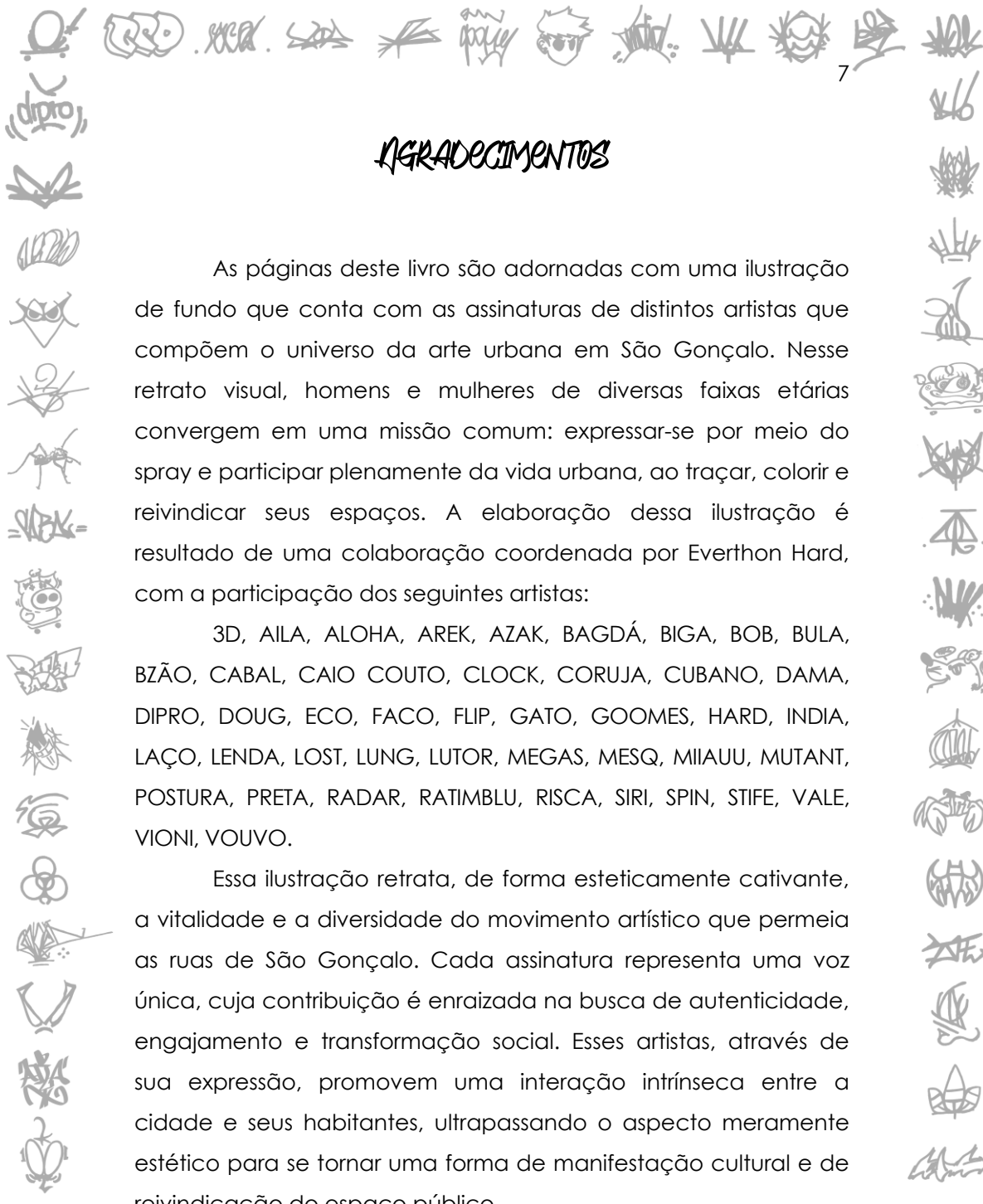
Para todos os alunos e professores que ousam inovar nas práticas pedagógicas, desbravando novos horizontes no mundo da Educação. Através da paixão pelo aprendizado, temos construído um modelo de ensino que vai muito além dos livros e das salas de aula tradicionais.

Demonstramos que a educação pode ser uma poderosa ferramenta de transformação, capaz de dialogar com a realidade dos alunos, de acolher a diversidade de experiências e de promover a inclusão de todos. Com o ritmo das rimas e a amplitude do conhecimento geográfico, possibilitamos o dinamismo e vitalidade para as aulas, tornando o aprendizado uma jornada emocionante e enriquecedora.

Que este livro seja uma fonte de inspiração e um guia para todos aqueles que buscam repensar a educação, promovendo um ambiente onde o Rap, a Geografia e a criatividade se entrelaçam para criar um novo modelo de aprendizado, mais inclusivo, mais dinâmico e mais significativo. Juntos, podemos continuar a construir um futuro de oportunidades e equidade para todos os estudantes.





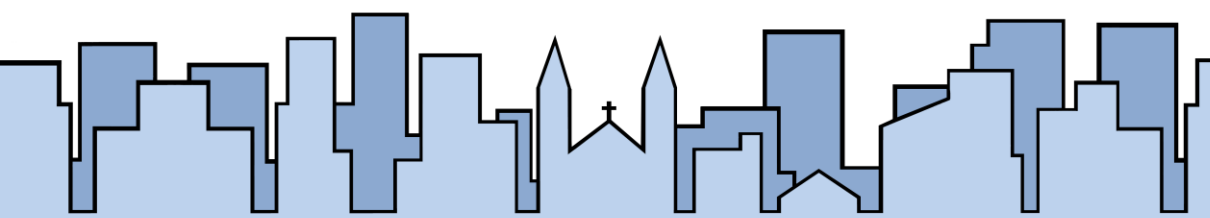


AGRADECIMENTOS

As páginas deste livro são adornadas com uma ilustração de fundo que conta com as assinaturas de distintos artistas que compõem o universo da arte urbana em São Gonçalo. Nesse retrato visual, homens e mulheres de diversas faixas etárias convergem em uma missão comum: expressar-se por meio do spray e participar plenamente da vida urbana, ao traçar, colorir e reivindicar seus espaços. A elaboração dessa ilustração é resultado de uma colaboração coordenada por Everthon Hard, com a participação dos seguintes artistas:

3D, AILA, ALOHA, AREK, AZAK, BAGDÁ, BIGA, BOB, BULA, BZÃO, CABAL, CAIO COUTO, CLOCK, CORUJA, CUBANO, DAMA, DIPRO, DOUG, ECO, FACO, FLIP, GATO, GOOMES, HARD, INDIA, LAÇO, LENDA, LOST, LUNG, LUTOR, MEGAS, MESQ, MIAUU, MUTANT, POSTURA, PRETA, RADAR, RATIMBLU, RISCA, SIRI, SPIN, STIFE, VALE, VIONI, VOUVO.

Essa ilustração retrata, de forma esteticamente cativante, a vitalidade e a diversidade do movimento artístico que permeia as ruas de São Gonçalo. Cada assinatura representa uma voz única, cuja contribuição é enraizada na busca de autenticidade, engajamento e transformação social. Esses artistas, através de sua expressão, promovem uma interação intrínseca entre a cidade e seus habitantes, ultrapassando o aspecto meramente estético para se tornar uma forma de manifestação cultural e de reivindicação do espaço público.



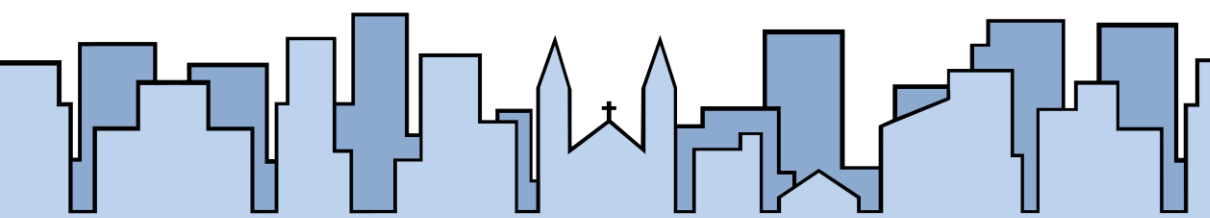


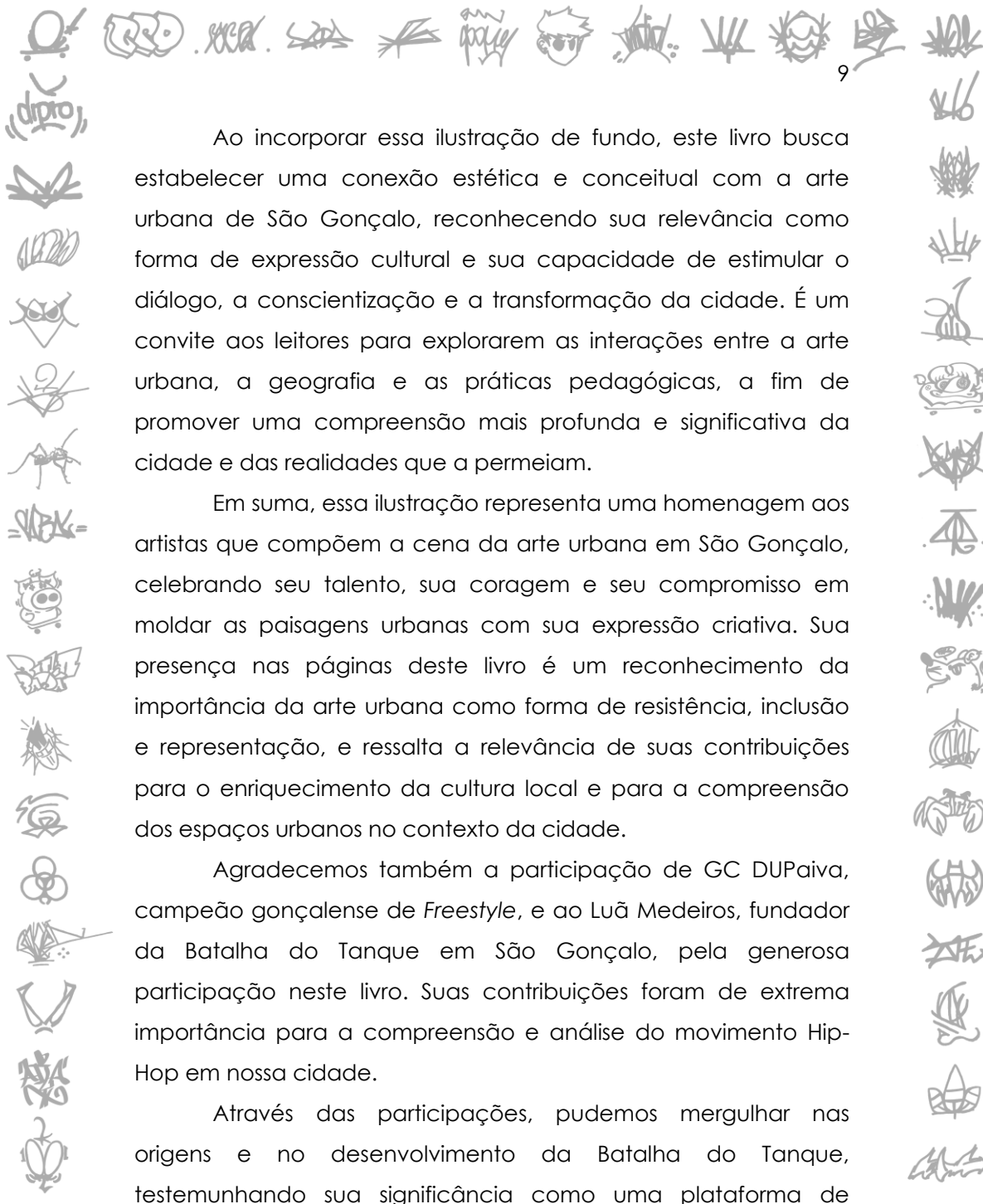
A presença dessas assinaturas nas páginas deste livro é um testemunho do respeito e da valorização desses artistas, que se tornaram agentes ativos na construção e representação da identidade urbana de São Gonçalo. A arte urbana, representada por meio de ilustrações, grafites e murais, desempenha um papel crucial na construção de uma narrativa visual, provocando reflexões e estabelecendo diálogos entre o espaço urbano, as vivências individuais e coletivas, e as demandas sociais.

Além de ser uma forma de expressão individual, o grafite no contexto do Hip-Hop também é uma manifestação de comunidade e colaboração. Os artistas frequentemente trabalham em grupos, compartilhando conhecimento, técnicas e ideias. A arte urbana se torna uma forma de união e de fortalecimento dos laços comunitários, proporcionando um espaço para o diálogo, a troca de experiências e o fortalecimento da identidade coletiva.

Para o Hip-Hop, essa expressão visual transcende as limitações do mundo artístico tradicional, proporcionando uma plataforma para a expressão criativa, o ativismo cultural e a transformação do espaço urbano, democratizando a arte e redefinindo as noções de beleza e valor artístico.

As ilustrações como xarpi, stencil, persona, grafites e murais desempenham um papel central no contexto do Hip-Hop, sendo uma forma de expressão visual que carrega consigo mensagens sociais, políticas e culturais. É uma ferramenta poderosa para reivindicar espaços, provocar reflexões e fortalecer comunidades.



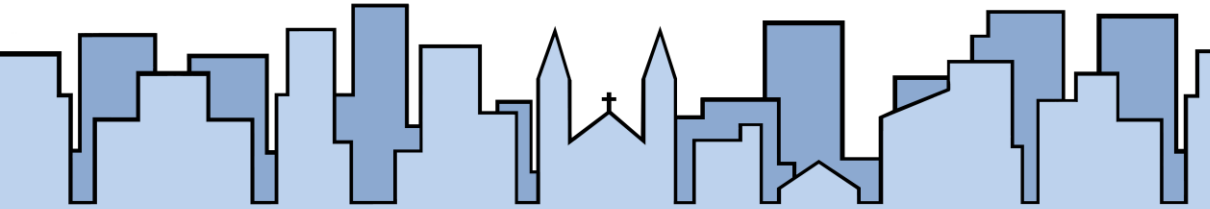


Ao incorporar essa ilustração de fundo, este livro busca estabelecer uma conexão estética e conceitual com a arte urbana de São Gonçalo, reconhecendo sua relevância como forma de expressão cultural e sua capacidade de estimular o diálogo, a conscientização e a transformação da cidade. É um convite aos leitores para explorarem as interações entre a arte urbana, a geografia e as práticas pedagógicas, a fim de promover uma compreensão mais profunda e significativa da cidade e das realidades que a permeiam.

Em suma, essa ilustração representa uma homenagem aos artistas que compõem a cena da arte urbana em São Gonçalo, celebrando seu talento, sua coragem e seu compromisso em moldar as paisagens urbanas com sua expressão criativa. Sua presença nas páginas deste livro é um reconhecimento da importância da arte urbana como forma de resistência, inclusão e representação, e ressalta a relevância de suas contribuições para o enriquecimento da cultura local e para a compreensão dos espaços urbanos no contexto da cidade.

Agradecemos também a participação de GC DUPaiva, campeão gonçalense de *Freestyle*, e ao Luã Medeiros, fundador da Batalha do Tanque em São Gonçalo, pela generosa participação neste livro. Suas contribuições foram de extrema importância para a compreensão e análise do movimento Hip-Hop em nossa cidade.

Através das participações, pudemos mergulhar nas origens e no desenvolvimento da Batalha do Tanque, testemunhando sua significância como uma plataforma de



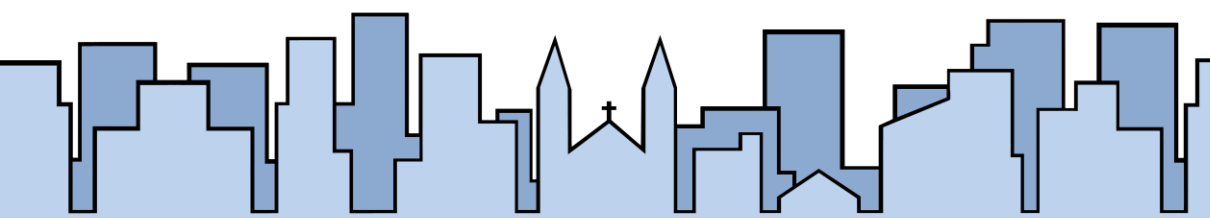
expressão artística e de empoderamento para a juventude. A visão pioneira e o compromisso com a promoção da cultura Hip-Hop têm sido fundamentais para a criação de um espaço de criação, troca de ideias e fortalecimento da comunidade em São Gonçalo.

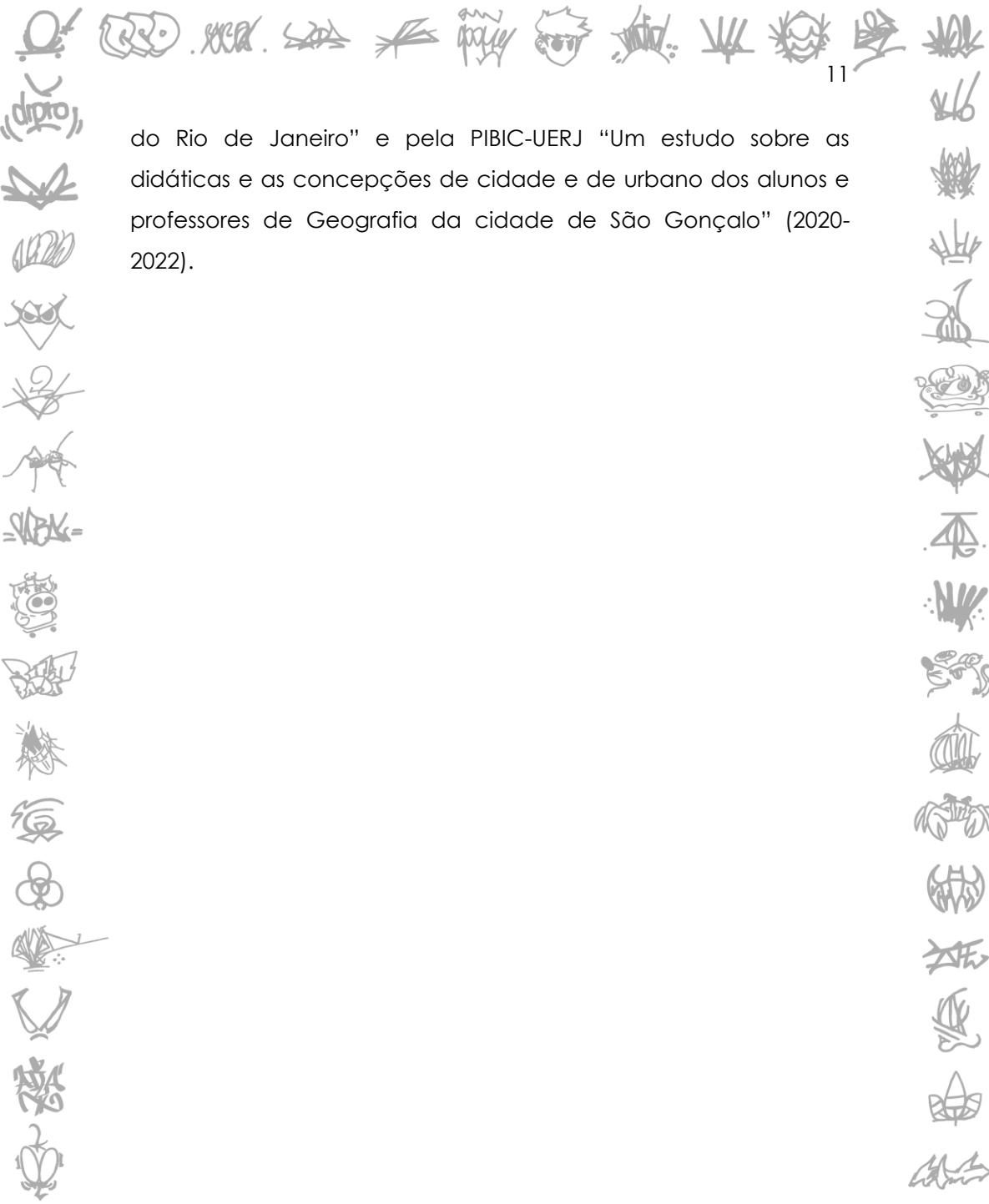
Agradecemos por compartilharem suas experiências, desafios e conquistas ao longo dessa jornada. Os relatos contribuíram favoravelmente para o nosso entendimento da cultura Hip-Hop em São Gonçalo, destacando a importância do envolvimento comunitário, do protagonismo jovem e da transformação social por meio da arte e da expressão criativa.

Este livro é profundamente enriquecido pelas suas contribuições, que não apenas documentam a história do Hip-Hop em nossa cidade, mas também servem como uma inspiração para futuras pesquisas, ações e projetos relacionados à cultura urbana e às práticas de empoderamento juvenil.

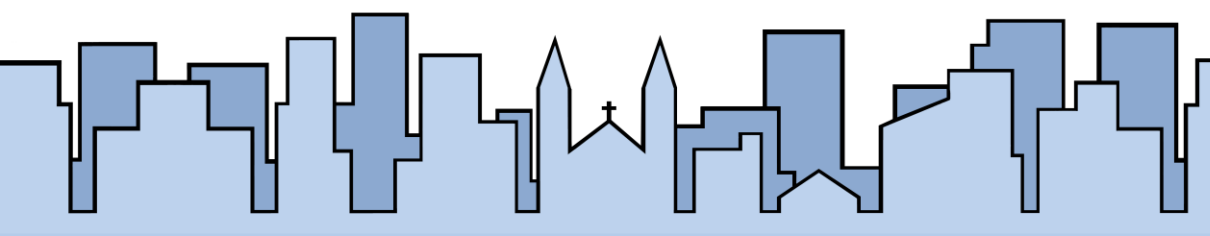
Seus comprometimentos e dedicações são um verdadeiro exemplo de como a paixão pela arte pode impulsionar mudanças significativas em nossa sociedade. Obrigado por compartilhar suas visões e por serem uma influência positiva na cena Hip-Hop de São Gonçalo.

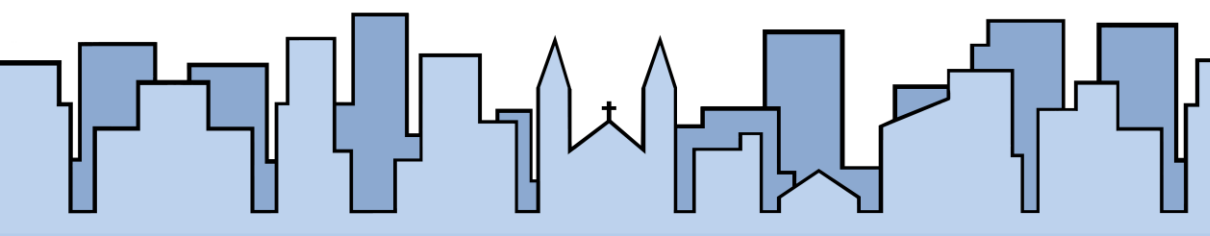
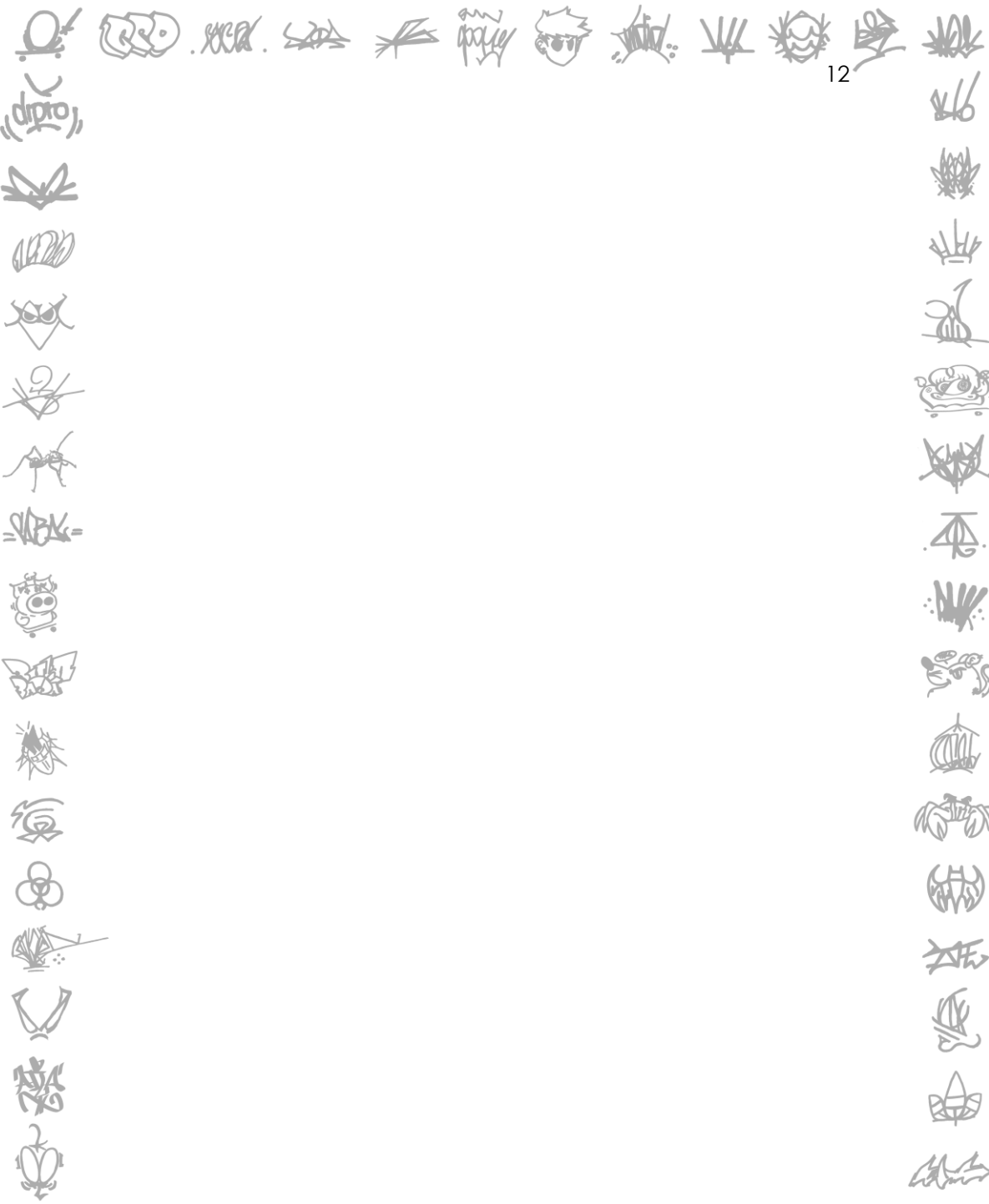
Agradecimentos ao Projeto Temático - FAPERJ- Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (2022-2026) e ao Projeto Universal do CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2022-2025) pelos financiamentos dos Projetos de Pesquisa “Propostas e Materiais Didáticos para os professores de Geografia no Estado

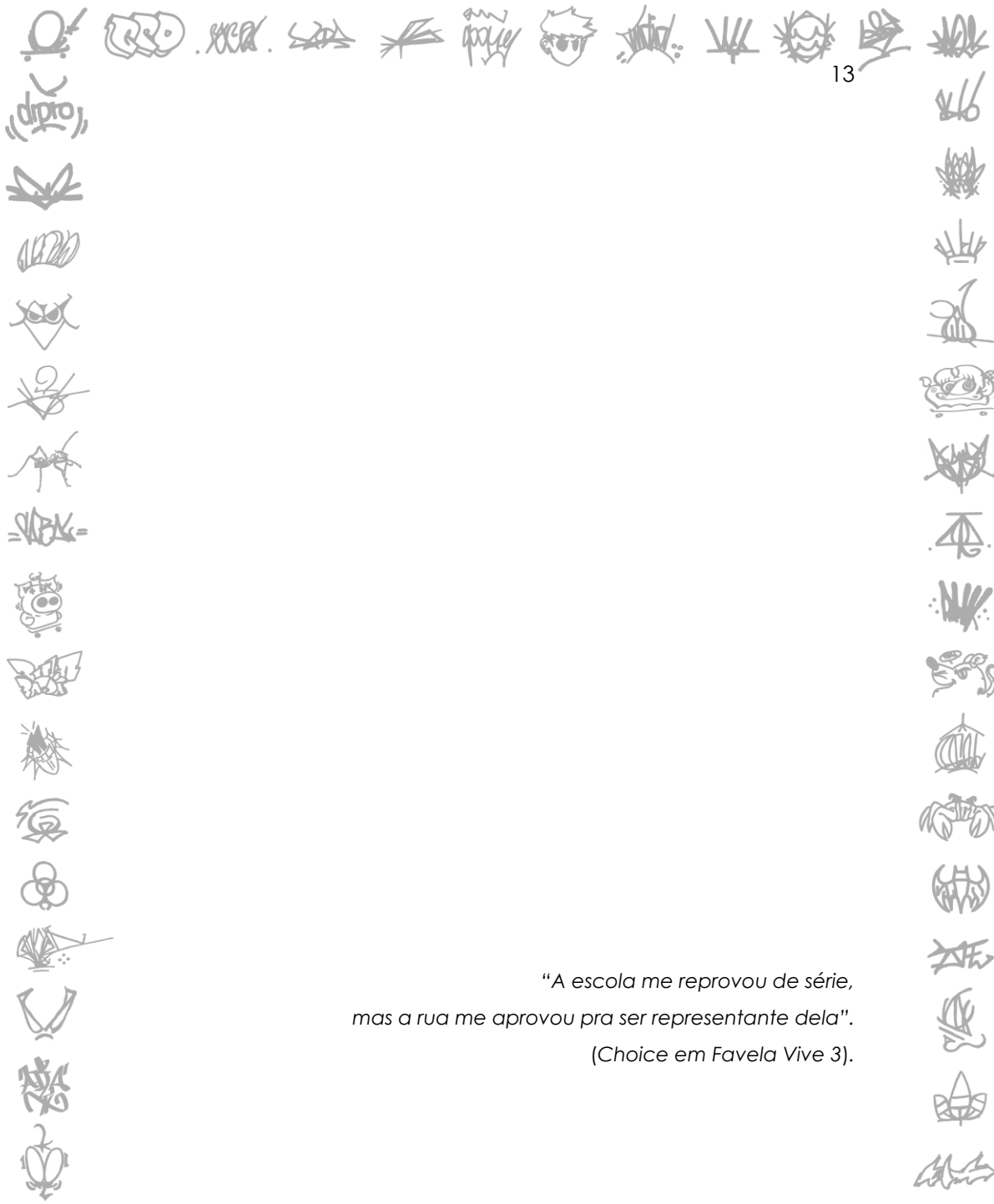




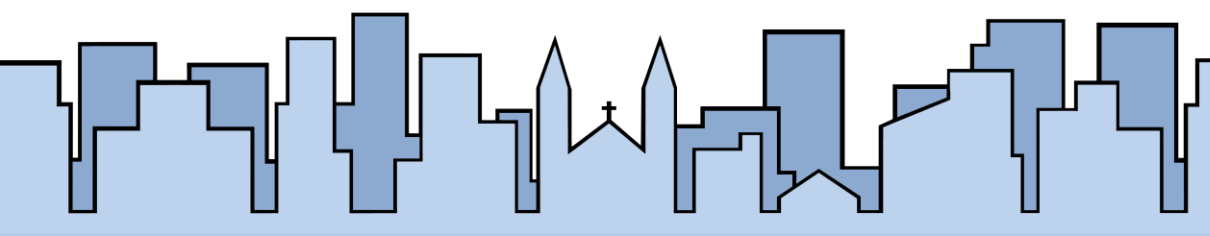
do Rio de Janeiro” e pela PIBIC-UERJ “Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e de urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo” (2020-2022).

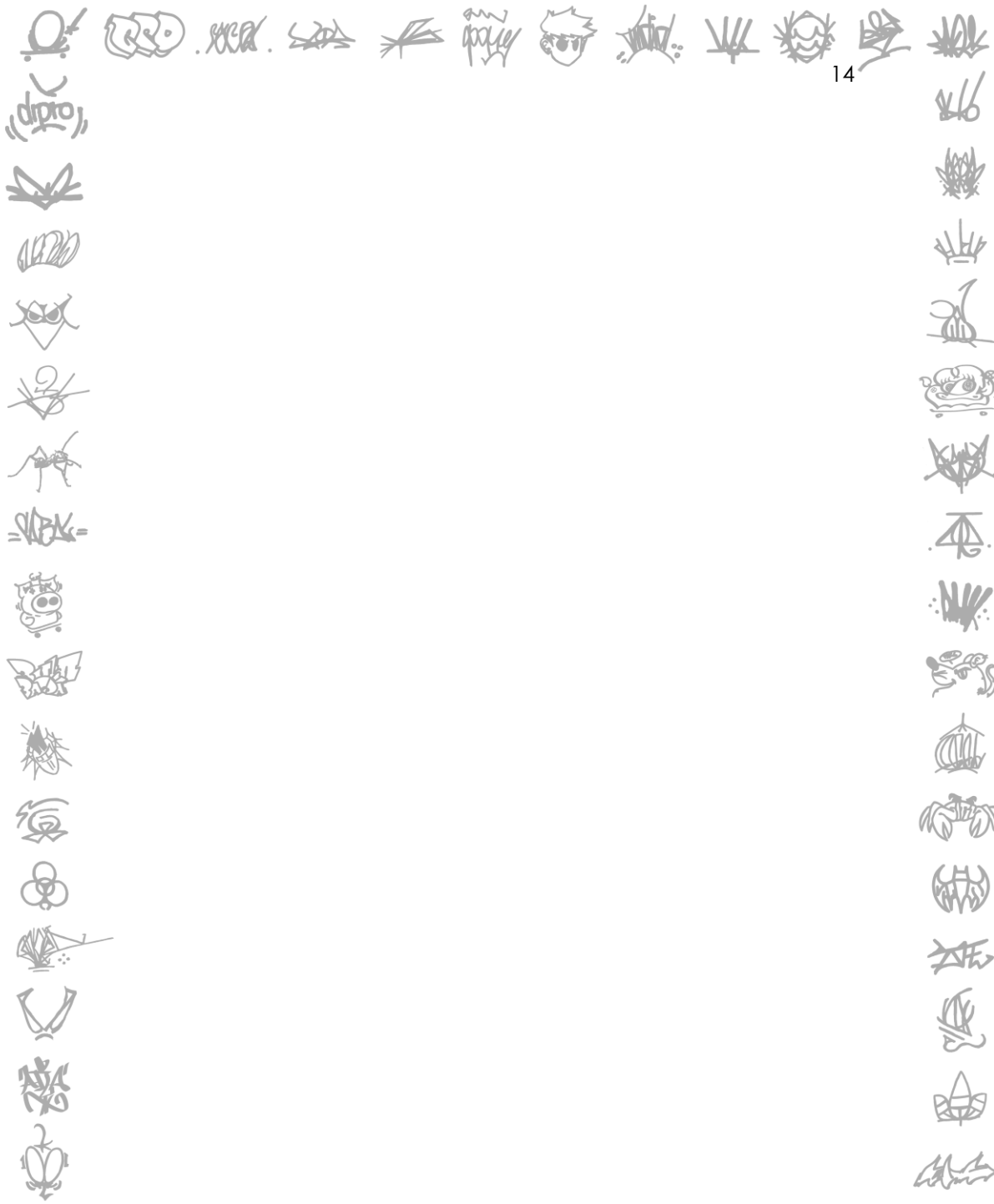




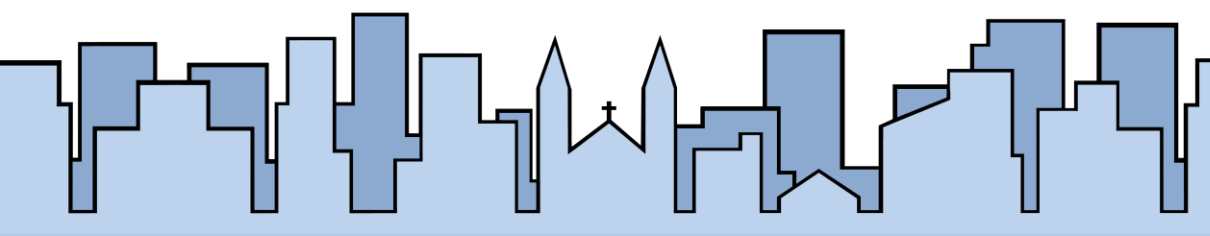


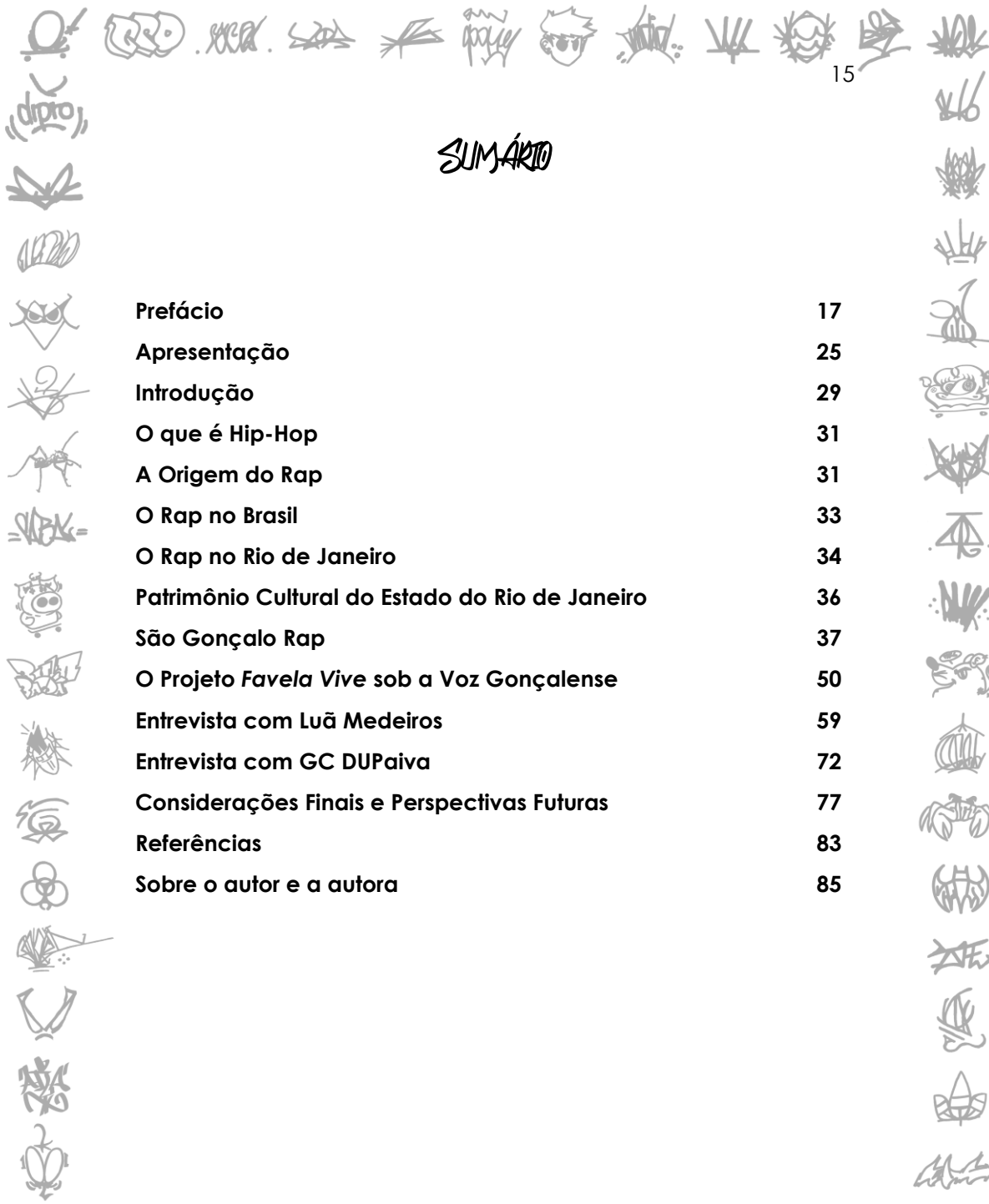
*"A escola me reprovou de série,
mas a rua me aprovou pra ser representante dela".
(Choice em Favela Vive 3).*





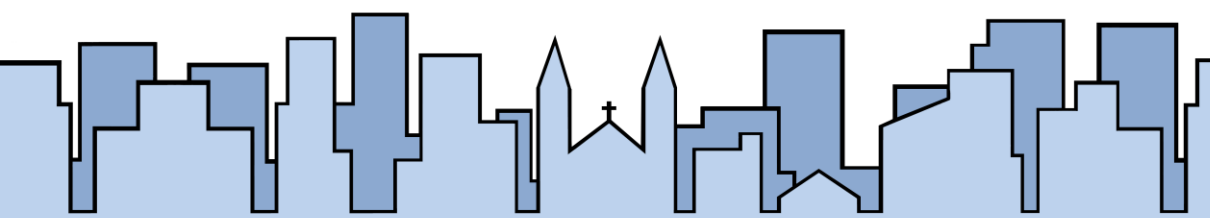
14

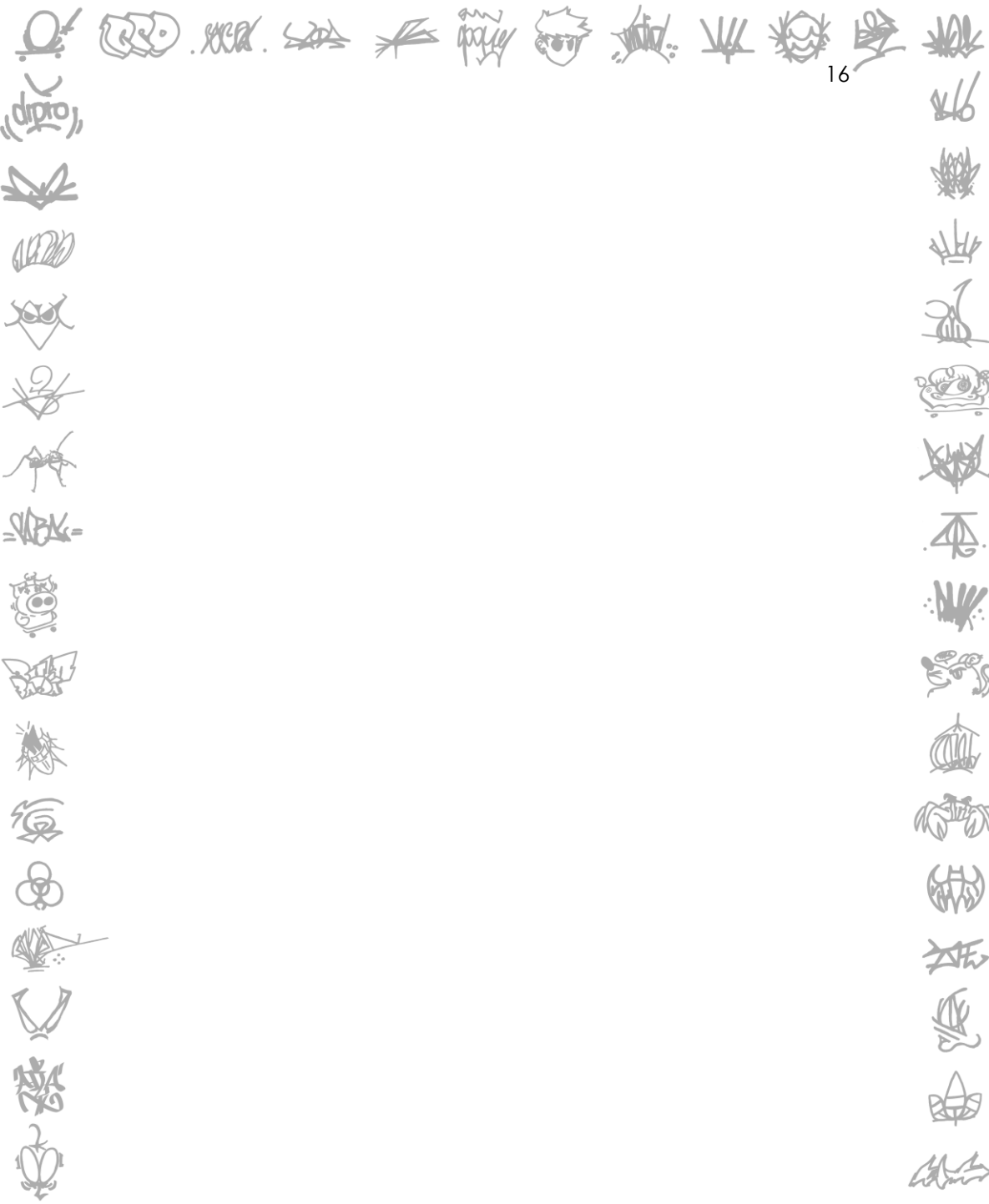




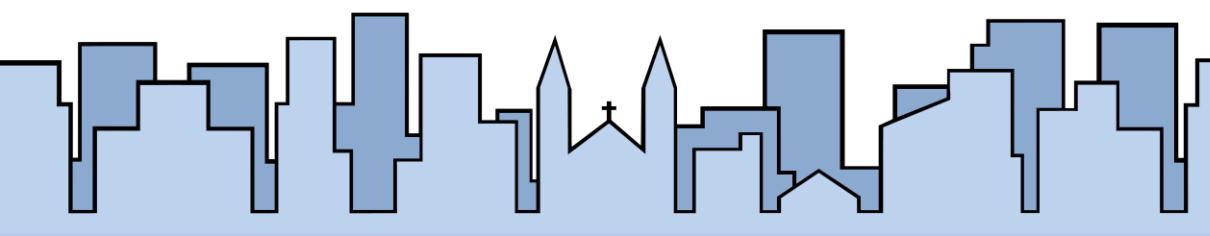
SUMÁRIO

Prefácio	17
Apresentação	25
Introdução	29
O que é Hip-Hop	31
A Origem do Rap	31
O Rap no Brasil	33
O Rap no Rio de Janeiro	34
Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro	36
São Gonçalo Rap	37
O Projeto Favela Vive sob a Voz Gonçalense	50
Entrevista com Luã Medeiros	59
Entrevista com GC DUPaiva	72
Considerações Finais e Perspectivas Futuras	77
Referências	83
Sobre o autor e a autora	85





16



PREFÁCIO

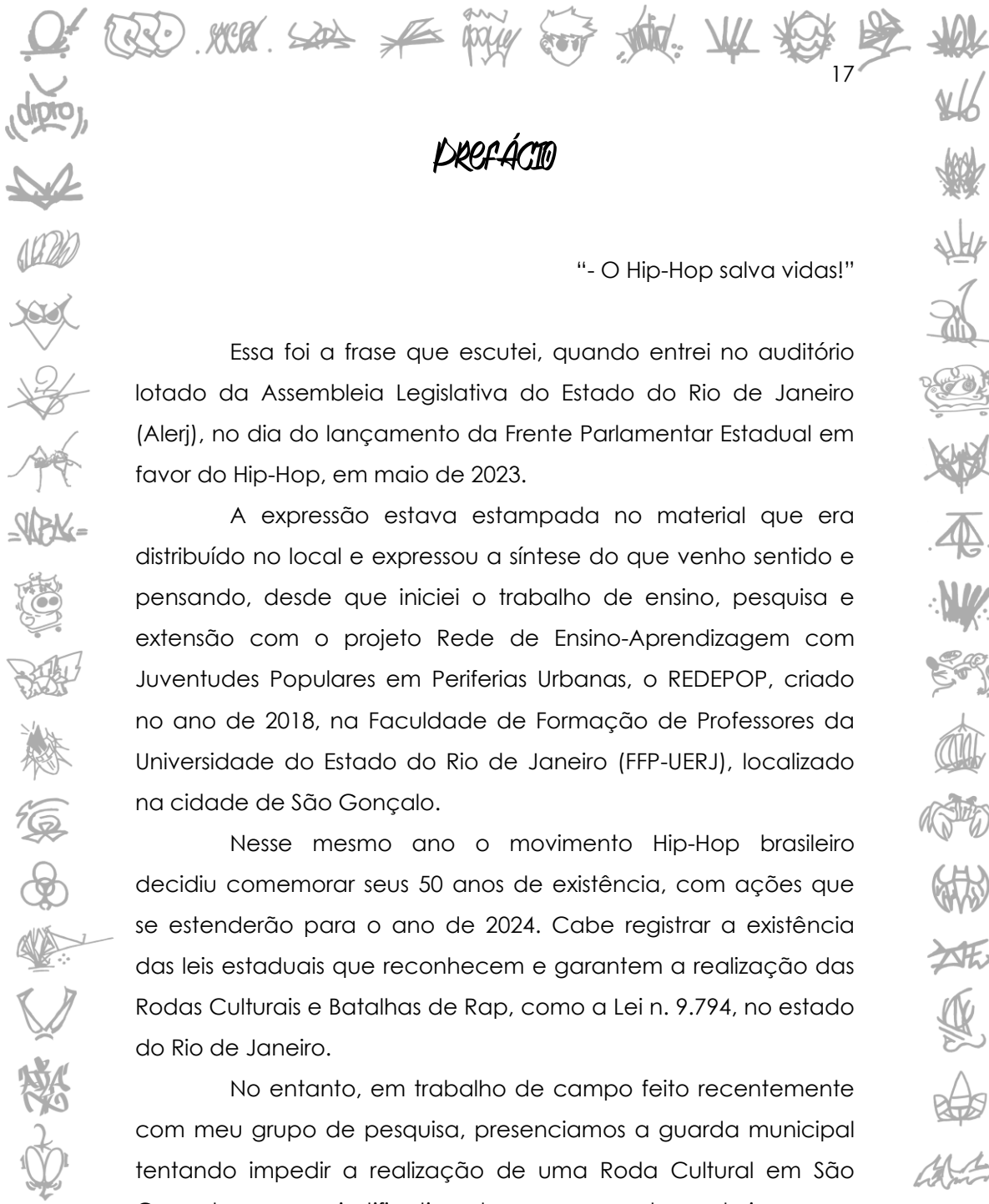
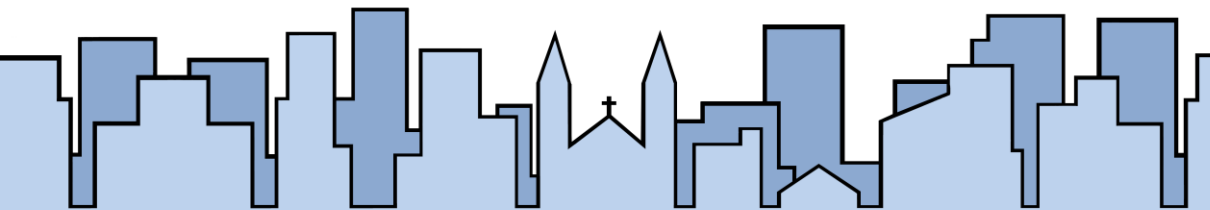
“- O Hip-Hop salva vidas!”

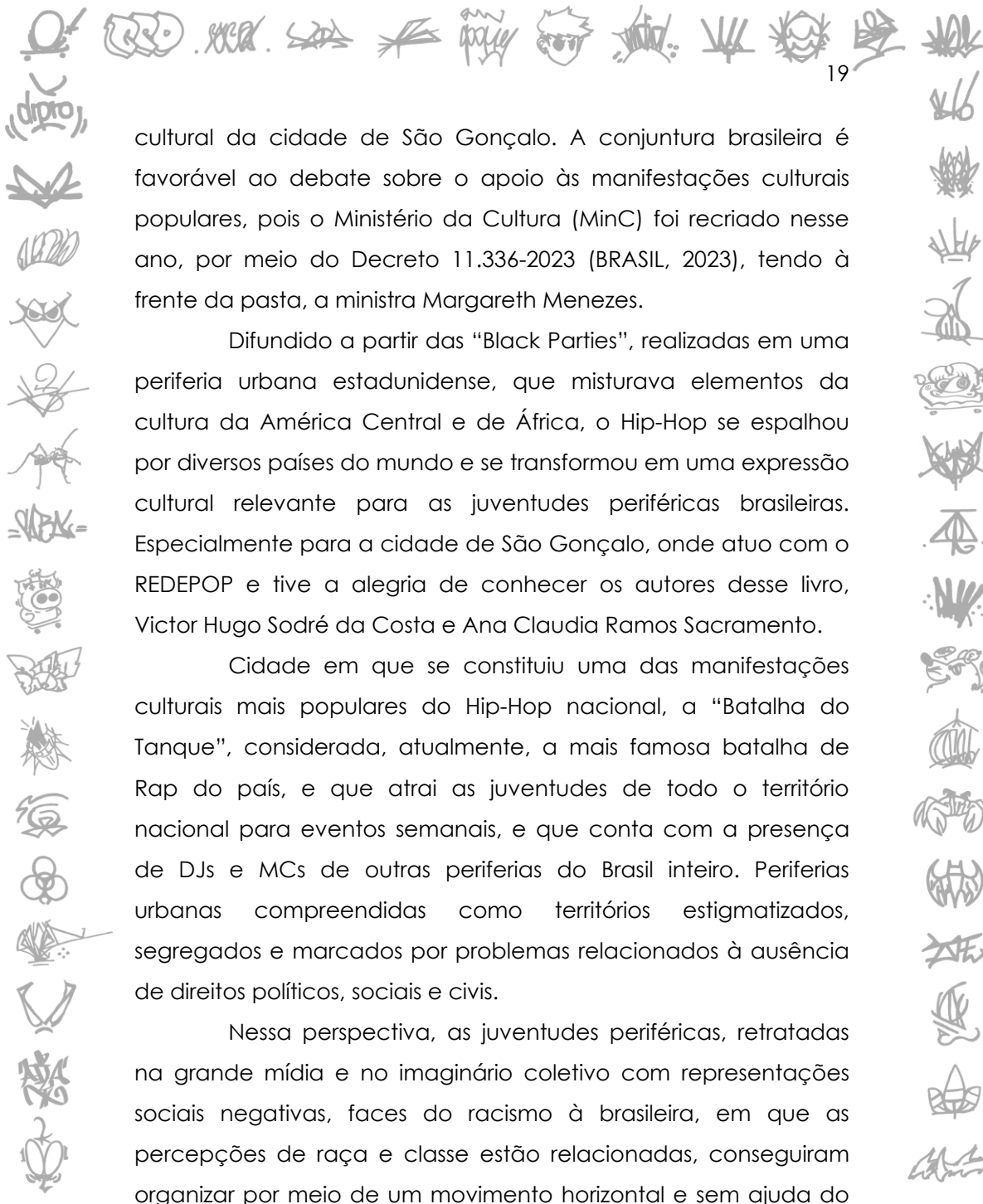
Essa foi a frase que escutei, quando entrei no auditório lotado da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), no dia do lançamento da Frente Parlamentar Estadual em favor do Hip-Hop, em maio de 2023.

A expressão estava estampada no material que era distribuído no local e expressou a síntese do que venho sentido e pensando, desde que iniciei o trabalho de ensino, pesquisa e extensão com o projeto Rede de Ensino-Aprendizagem com Juventudes Populares em Periferias Urbanas, o REDEPOP, criado no ano de 2018, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), localizado na cidade de São Gonçalo.

Nesse mesmo ano o movimento Hip-Hop brasileiro decidiu comemorar seus 50 anos de existência, com ações que se estenderão para o ano de 2024. Cabe registrar a existência das leis estaduais que reconhecem e garantem a realização das Rodas Culturais e Batalhas de Rap, como a Lei n. 9.794, no estado do Rio de Janeiro.

No entanto, em trabalho de campo feito recentemente com meu grupo de pesquisa, presenciamos a guarda municipal tentando impedir a realização de uma Roda Cultural em São Gonçalo, com a justificativa de que o evento poderia causar



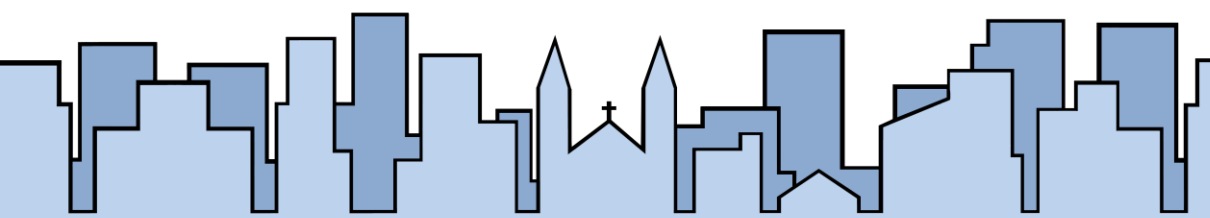


cultural da cidade de São Gonçalo. A conjuntura brasileira é favorável ao debate sobre o apoio às manifestações culturais populares, pois o Ministério da Cultura (MinC) foi recriado nesse ano, por meio do Decreto 11.336-2023 (BRASIL, 2023), tendo à frente da pasta, a ministra Margareth Menezes.

Difundido a partir das “Black Parties”, realizadas em uma periferia urbana estadunidense, que misturava elementos da cultura da América Central e de África, o Hip-Hop se espalhou por diversos países do mundo e se transformou em uma expressão cultural relevante para as juventudes periféricas brasileiras. Especialmente para a cidade de São Gonçalo, onde atuo com o REDEPOP e tive a alegria de conhecer os autores desse livro, Victor Hugo Sodré da Costa e Ana Claudia Ramos Sacramento.

Cidade em que se constituiu uma das manifestações culturais mais populares do Hip-Hop nacional, a “Batalha do Tanque”, considerada, atualmente, a mais famosa batalha de Rap do país, e que atrai as juventudes de todo o território nacional para eventos semanais, e que conta com a presença de DJs e MCs de outras periferias do Brasil inteiro. Periferias urbanas compreendidas como territórios estigmatizados, segregados e marcados por problemas relacionados à ausência de direitos políticos, sociais e civis.

Nessa perspectiva, as juventudes periféricas, retratadas na grande mídia e no imaginário coletivo com representações sociais negativas, faces do racismo à brasileira, em que as percepções de raça e classe estão relacionadas, conseguiram organizar por meio de um movimento horizontal e sem ajuda do

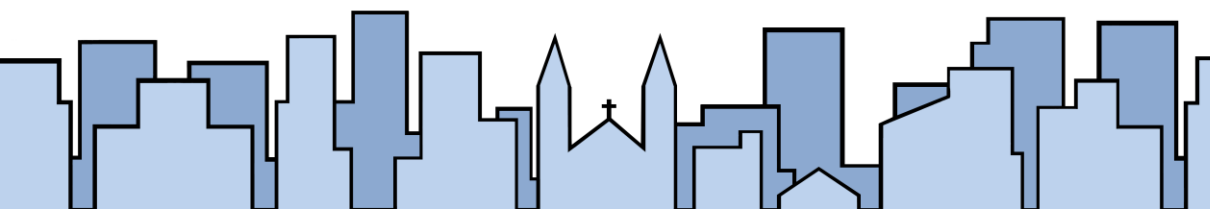


poder público, a maior manifestação da cultura Hip-Hop brasileira em São Gonçalo, cidade com a segunda maior população do estado do Rio de Janeiro, marcada pela ausência de aparatos públicos de lazer e cultura para as juventudes.

Importante ressaltar que pesquisas como a que deram origem a esse livro, em que a cultura local, representada pelo Rap, é investigada e estabelece o diálogo entre o processo de ensino-aprendizagem da Geografia cumprem o propósito de estabelecer uma Pedagogia da Periferia, compreendida como, uma perspectiva educativa que toma como referência as identidades periféricas e formula com e não para os jovens periféricos o seu processo educativo.

Essa proposição está presente na obra de Paulo Freire (1997), o maior nome da Educação Popular brasileira. Para o autor, a teoria sem a prática é verbalismo e a prática sem a teoria é a ativismo. Desse modo, os saberes escolares não se encerram apenas em uma questão, uma didática ou em conjunto de procedimentos alheios às experiências dos/as crianças, adolescentes, jovens e adultos, mas numa dimensão humana, que marca, de forma existencial, vidas e experiências dos/as jovens periféricas e podem dar origem ao que Freire (2014) denominou de inéditos viáveis, ou seja, experiências relevantes que promovem o debate entre a prática pedagógica e a cultura popular de forma muito original.

Paulo Freire concentra esforços em descrever a dinâmica própria do processo de dominação, muito mais do que demonstrar como a dominação se transfigura em um reflexo das

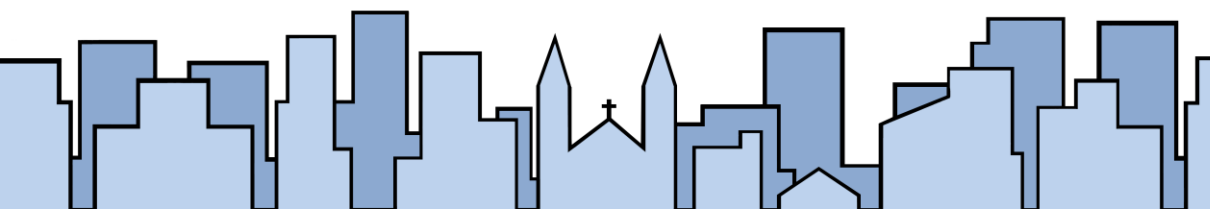


relações econômicas. Suas críticas sobre educação tomam como base a estrutura e o funcionamento da educação institucionalizada.

Dessa forma, o autor produziu uma crítica à escola tradicional nos países subordinados na ordem mundial. É central em sua epistemologia o que ele chama de conceito antropológico de cultura, o que significava entender cultura em oposição à natureza, como criação e produção humana, sem distinção entre cultura erudita e cultura popular, considerada como simplesmente o resultado de todo trabalho humano. Essa concepção até hoje influencia as ações de Educação Popular no Brasil, em espaços de educação formal e não formal, como se tornou a própria "Batalha do Tanque".

Cabe a nós educadores e pesquisadores do campo educacional, reconhecer e investigar como se dão processos educativos outros, que podem nos ajudar a reconhecer como movimentos culturais populares podem reeducar a educação. Penso que esse propósito foi buscado por meio das entrevistas realizadas com o organizador da "Batalha do Tanque", Luã Medeiros e o campeão gonçalense de freestyle, GC DUPaiva, que compõem esse livro.

Nessa obra, os autores buscaram refletir e agir, com vistas a articular a cultura acadêmica e a cultura popular, por meio do uso de diferentes linguagens no processo de ensino aprendizagem com jovens das periferias urbanas, do Leste Fluminense. Reconheceram e publicizaram os saberes dos jovens

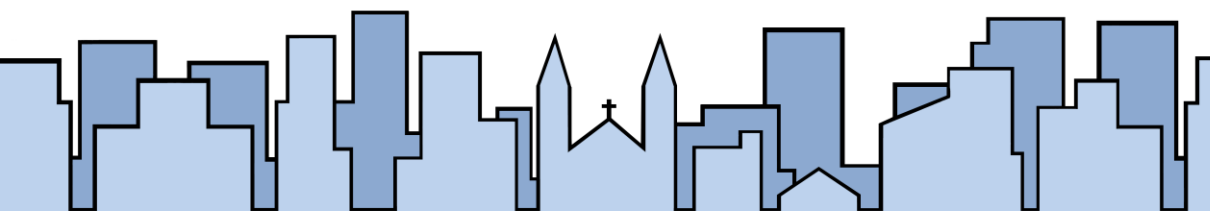


e dos sujeitos que produzem a cultura Hip-Hop no território gonçalense.

Assim, compreendemos que espaços de educação não formal são espaços privilegiados de ação, transformação e criação de linguagens novas que poderão ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, e podem possibilitar a criação de uma rede de pesquisadores, professores, educadores e sujeitos jovens, com vistas a promover uma educação libertadora, que construa com a cultura local, novas possibilidades de inserção dos jovens no mundo, uma Pedagogia da periferia, que trata a educação das juventudes periféricas na interface com a cultura local. Afinal, quem melhor do que o jovem periférico para narrar seu cotidiano em versos como fez GC DuPaiva, em sua música chamada de "Jovem Negro":

*"Sempre procurando uma melhor maneira de fazer dinheiro,
vida difícil pra quem é de baixo, nós é brasileiro.
Matando mais de dez leões por dia eu sou um jovem negro.
Trabalho e fé é minha chave pra conquistar o mundo inteiro".
(GC DuPaiva em Jovem Negro).*

Articular cultura local e educação das camadas populares é tarefa urgente e necessária, na medida em que a construção de novos aportes teóricos como o que se apresenta nesse livro pode servir de referencial para uma questão ainda muito conflituosa no nosso país: a relação dos jovens oriundos das periferias urbanas com o sistema de ensino, pois são esses jovens que tendem a construir trajetórias viciosas de escolarização, marcadas por repetência e evasão escolar. Este livro e o diálogo



estabelecido ao longo da obra entre o ensino de Geografia e a cultura Hip Hop apontam caminhos nessa direção.

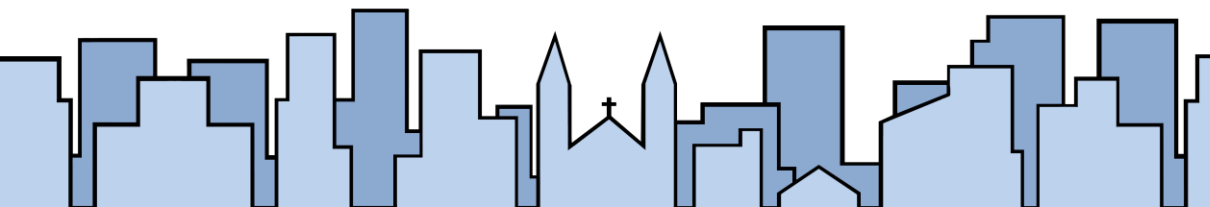
Profa. Dra. Elaine Ferreira Rezende de Oliveira,
28 de setembro de 2023.

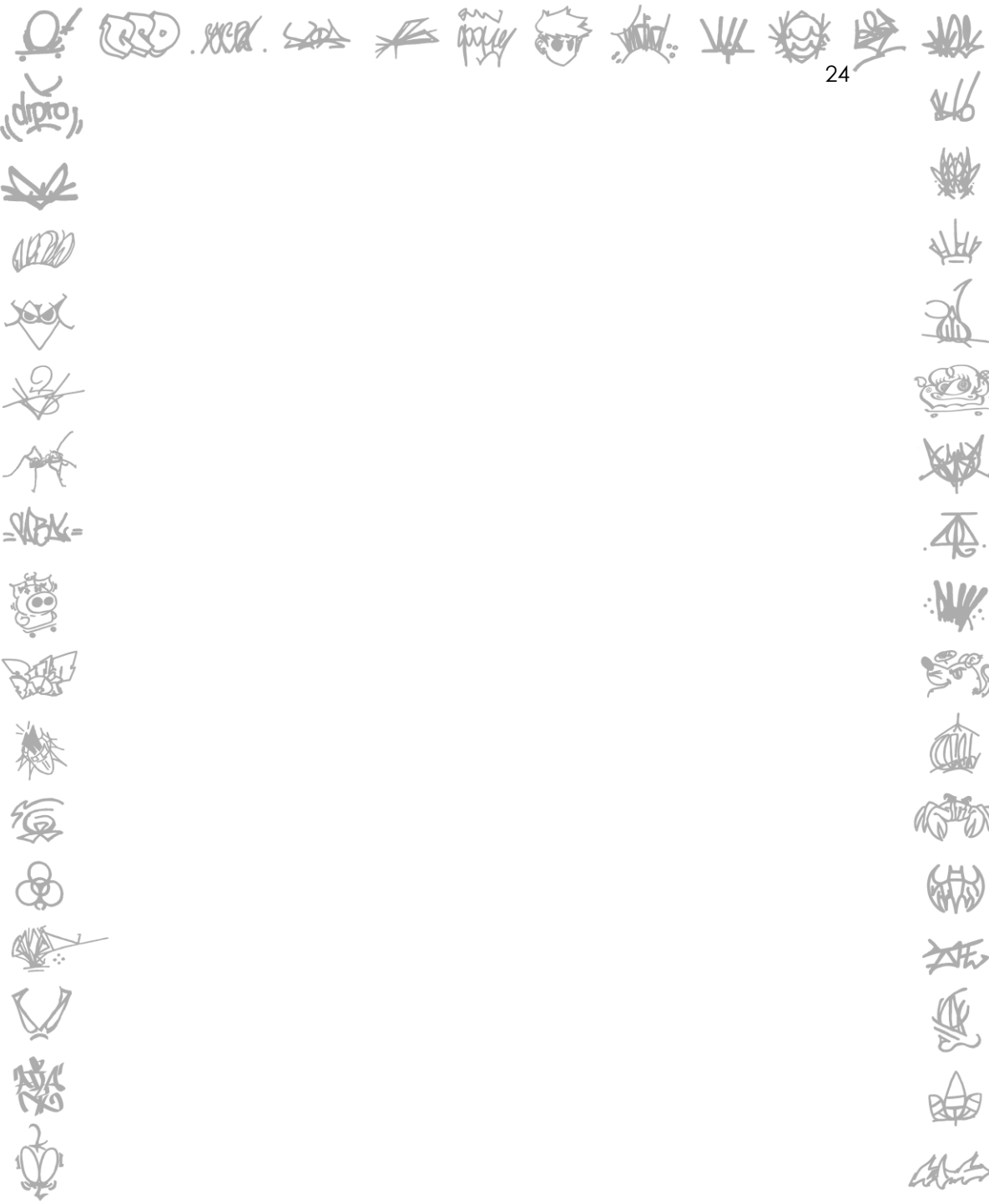
Bibliografia

BRASIL. **Decreto nº 11.336, de 1º de janeiro de 2023, que retoma o Ministério da Cultura, que estabelece como assunto de sua competência uma política nacional de cultura e uma política nacional das artes.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11336.htm. Acesso em: 02 nov. 2023.

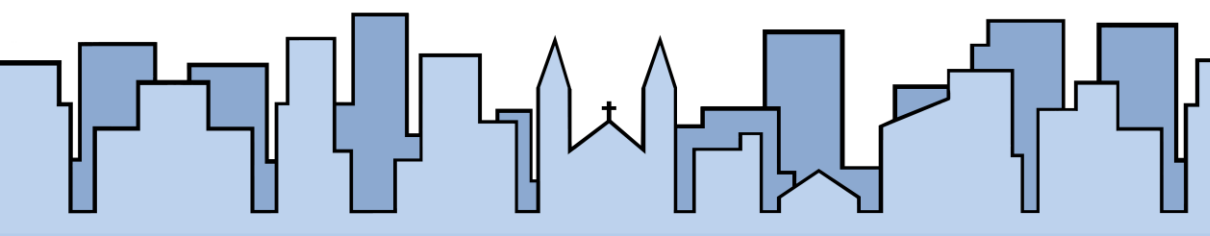
FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. Coleção Leitura.

FREIRE, P. (Org.). **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.





24



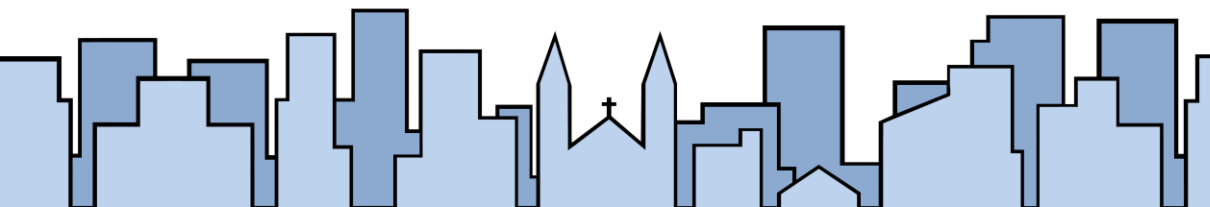
APRESENTAÇÃO

Bem-vindos a São Gonçalo, uma cidade que vibra com ritmo e geografia. Localizada no estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo é reconhecida, não apenas por sua rica diversidade cultural, mas também como um celeiro de prodígios do Hip-Hop. Neste livro, embarcaremos em uma jornada, explorando a relação intrínseca entre o Rap e a Geografia, e como essa conexão pode transformar o ensino da Geografia.

São Gonçalo é uma cidade que transpira criatividade e expressão artística, e o Hip-Hop tornou-se uma força poderosa e transformadora em suas ruas. Ao mergulharmos na cena do Rap em São Gonçalo, iremos desvendar as histórias, as lutas e as aspirações dos talentosos artistas locais, que usam a música como uma forma de contar suas experiências e mapear as geografias de suas vivências.

O estado do Rio de Janeiro, conhecido mundialmente por suas paisagens deslumbrantes, abriga uma rica herança cultural e sua efervescência urbana é um lugar que abriga múltiplas realidades e narrativas. Por meio desse livro, pretendemos explorar as diversas camadas que compõem essa rica tapeçaria geográfica, usando o Hip-Hop como fio condutor para compreender e revelar as complexidades do território fluminense.

No contexto do Rap no estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo emergiu como um ponto de referência, uma cidade berço de talentos, onde os ritmos pulsantes do Rap ecoam nas



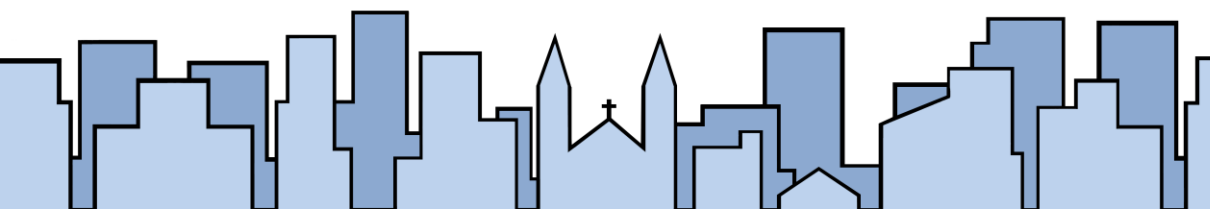
periferias, nas ruas e nos corações daqueles que encontram na música uma voz para expressar sua realidade e suas demandas sociais. Exploraremos o surgimento do Rap, sua chegada ao estado do Rio de Janeiro e o seu papel em São Gonçalo, suas influências culturais e a forma como tem se enraizado nas comunidades locais.

Além disso, este livro busca reconhecer o poder do ritmo como uma ferramenta educacional, abriu-se uma janela de oportunidades para os professores envolverem seus alunos de maneira mais significativa e autêntica.

Pretendemos inspirar educadores, estudantes e pesquisadores a explorar as potencialidades dessa abordagem, promovendo a valorização da cultura local e a construção de espaços de diálogo e empoderamento.

Nas próximas páginas, você encontrará o resgate histórico do gênero, análises aprofundadas, relatos de experiências e reflexões que irão desafiar suas concepções sobre Geografia, Música e Educação. Teremos dois relatos inspiradores de jovens artistas locais, que nos mostrarão como a Geografia e o Hip-Hop podem se entrelaçar de forma harmoniosa, transformando a sala de aula em um espaço de descoberta e conexão com o mundo ao nosso redor.

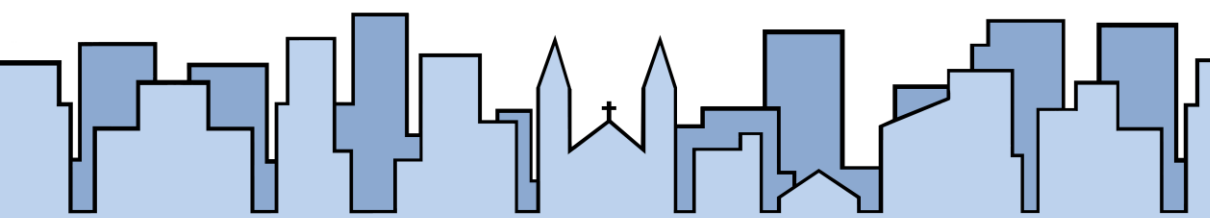
Convidamos você, leitor, a embarcar nessa jornada de descoberta e aprendizado, na exploração de territórios geográficos e sonoros que se entrelaçam, revelando uma visão multifacetada na cidade de São Gonçalo. Este livro é um convite para transcender as fronteiras tradicionais da sala de aula,

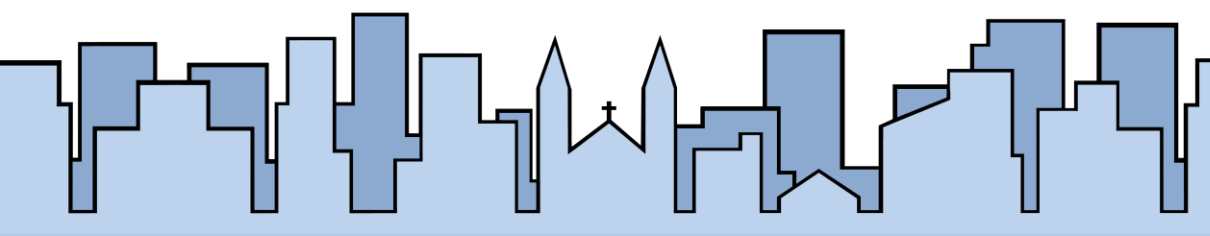
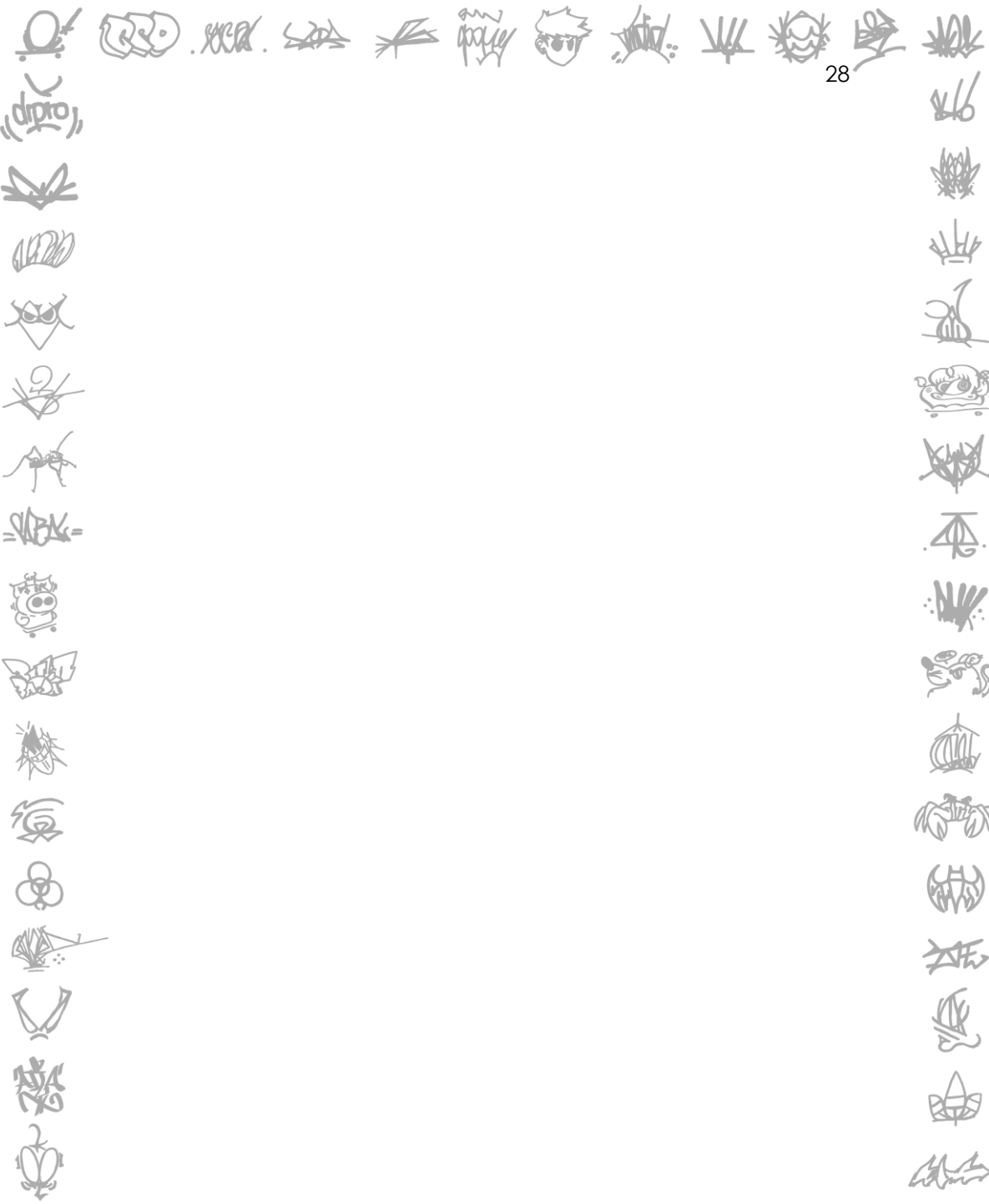


abraçando a cultura urbana, e utilizando-a como uma poderosa ferramenta educacional. Juntos, desvendaremos as paisagens sonoras, os ritmos geográficos e as histórias de uma cidade que respira o Rap e revela talentos que merecem ser conhecidos e valorizados.

Que este livro seja uma fonte de inspiração e conhecimento, estimulando o diálogo entre diferentes saberes e fortalecendo o vínculo entre a academia, as comunidades e as ruas. Que possamos descobrir, juntos, as riquezas geográficas e culturais que permeiam o Hip-Hop em São Gonçalo, abrindo caminhos para uma educação mais inclusiva, transformadora e conectada com as realidades contemporâneas.

Boa leitura!



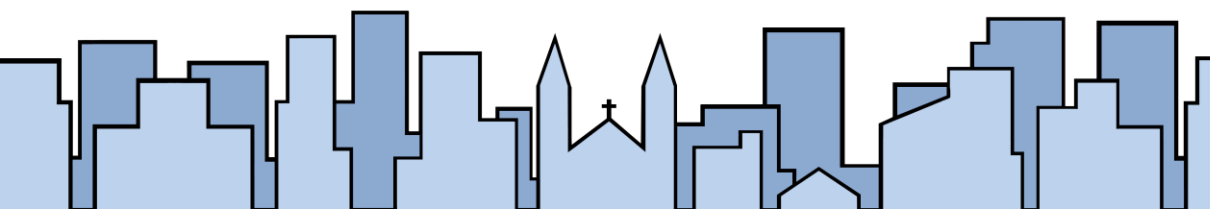


INTRODUÇÃO

No contexto da sociedade contemporânea, a Geografia e o Hip-Hop desempenham papéis fundamentais na compreensão e na transformação do mundo ao nosso redor. Cada um desses elementos possui características distintas e, juntos, podem criar sinergias poderosas para promover uma educação mais inclusiva, conectada e consciente.

A Geografia é uma componente curricular que nos permite entender as relações entre o espaço, o lugar e as pessoas. Ela nos convida a explorar as paisagens naturais e humanas, as interações sociais, os processos econômicos, as dinâmicas urbanas e as questões ambientais. Compreender a Geografia é essencial para analisar as desigualdades territoriais, as transformações urbanas, as migrações, as questões climáticas e uma infinidade de desafios globais. Ao nos aprofundarmos no estudo de Geografia, somos capacitados a apreender melhor o mundo e a tomar decisões informadas para enfrentar os problemas que enfrentamos.

O Hip-Hop, por sua vez, é uma expressão cultural e artística que surgiu nas comunidades marginalizadas, principalmente nos contextos urbanos. Essa forma de expressão abrange a música, a dança, a arte e a poesia, e tem sido uma poderosa ferramenta de resistência, representação e empoderamento. O Hip-Hop permite que vozes antes silenciadas encontrem uma plataforma para contar suas histórias, expressar

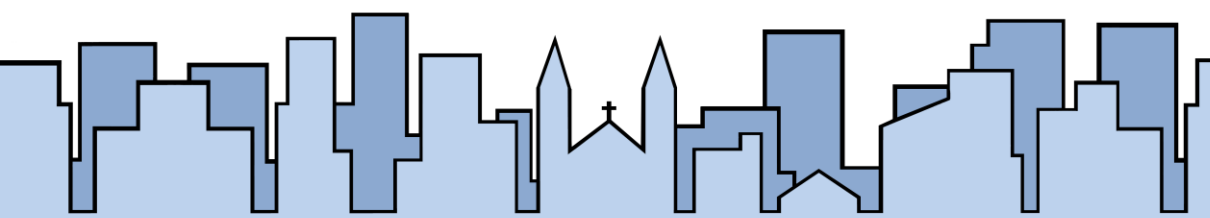
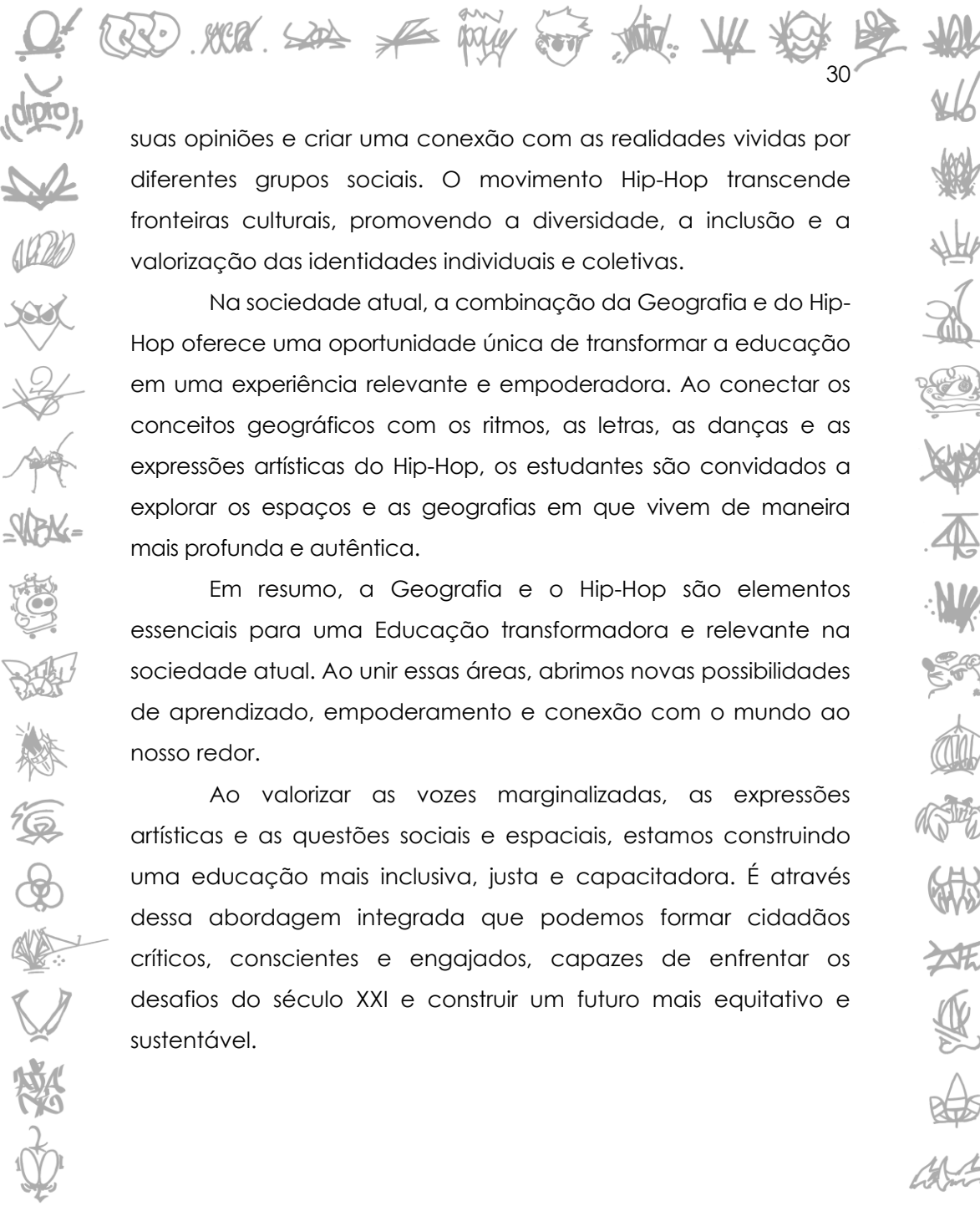


suas opiniões e criar uma conexão com as realidades vividas por diferentes grupos sociais. O movimento Hip-Hop transcende fronteiras culturais, promovendo a diversidade, a inclusão e a valorização das identidades individuais e coletivas.

Na sociedade atual, a combinação da Geografia e do Hip-Hop oferece uma oportunidade única de transformar a educação em uma experiência relevante e empoderadora. Ao conectar os conceitos geográficos com os ritmos, as letras, as danças e as expressões artísticas do Hip-Hop, os estudantes são convidados a explorar os espaços e as geografias em que vivem de maneira mais profunda e autêntica.

Em resumo, a Geografia e o Hip-Hop são elementos essenciais para uma Educação transformadora e relevante na sociedade atual. Ao unir essas áreas, abrimos novas possibilidades de aprendizado, empoderamento e conexão com o mundo ao nosso redor.

Ao valorizar as vozes marginalizadas, as expressões artísticas e as questões sociais e espaciais, estamos construindo uma educação mais inclusiva, justa e capacitadora. É através dessa abordagem integrada que podemos formar cidadãos críticos, conscientes e engajados, capazes de enfrentar os desafios do século XXI e construir um futuro mais equitativo e sustentável.



1. O que é HIP-HOP?

O Hip-Hop é um movimento cultural que surgiu na década de 1970, em bairros marginais de Nova York, nos Estados Unidos. Ele é composto por quatro elementos principais: o Rap, a dança *break*, o DJ e o *Graffiti*. O movimento Hip-Hop apresenta como seus elementos: a música com o Rap (acrônimo para "*rhythm and poetry*", no inglês, ou ritmo e poesia em português), cantadas pelo MC (acrônimo para "*masters of ceremonies*", no inglês, ou "mestre de cerimônia", no português), e com batidas produzidas pelo DJ (acrônimo para "*discjockey*", no inglês, ou "disco jôquei", no português), na dança com o *breakdance*, e nas artes visuais com o grafite. Nos dias atuais outros elementos constituem o movimento Hip-Hop que segue em crescente expansão.

2. A ORIGEM DO RAP

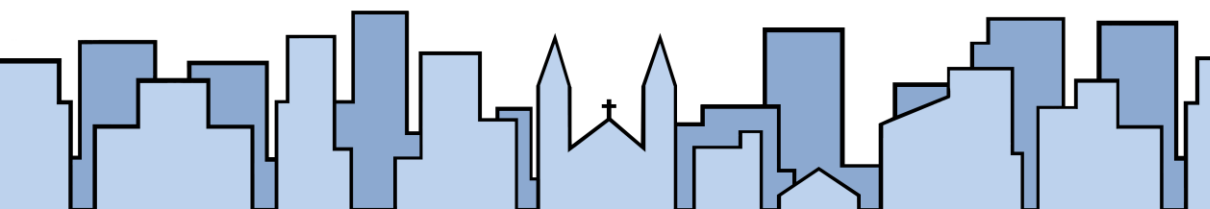
O Rap é parte integrante do movimento Hip-Hop, que tem em sua gênese a contribuição e idealização através do DJ jamaicano Kool Herc, por volta dos anos 1960 e 1970, nos EUA. Oliveira (2011) discorre que imigrantes jamaicanos, durante este mesmo período, se deslocaram até os Estados Unidos para ter oportunidades de emprego e melhorias de qualidade de vida. Incorporando elementos semelhantes ao Reggae, os imigrantes

passaram a trazer as festas de ruas jamaicanas para o solo estadunidense, sendo a partir daí, o gênero musical mais ouvido do país, décadas posteriores¹. Torna-se relevante o contexto estadunidense dessa época, já que a comunidade negra lidava com a luta pelos direitos civis e se organizava politicamente contra o racismo, organizada, sobretudo, por lideranças como Malcom X, os Panteras Negras e Martin Luther King Jr.

Neste sentido, o Hip Hop torna-se um vetor como expressão cultural que se utiliza da arte em amplos sentidos para denunciar a desigualdade social e as mazelas ocorridas na periferia de Nova Iorque, essencialmente sofrida pela população negra, imigrante, pobre e latina, marginalizada.

Oliveira (2011), ainda afirma que do seu surgimento através da periferia estadunidense até sua chegada ao Brasil, a cultura Hip-Hop se manteve firme no enfrentamento do racismo e dos preconceitos que cercavam os jovens excluídos que se identificavam com o gênero, fazendo com que a música se tornasse uma grande ferramenta de empoderamento e uma ponte para a possibilidade de se construir uma criticidade sobre a realidade na qual estavam inseridos.

¹ De acordo com relatório da Nielsen Music, empresa especializada em levantamentos de vendas de música e vídeo em todo os Estados Unidos e Canadá, em 2017, o Rap ultrapassou o Rock pela primeira vez na história como gênero mais ouvido nos EUA. O relatório apontou uma porcentagem de 24,5%, superando o Rock, com 20,8%. Disponível em: <<https://www.nielsen.com/pt/insights/2018/2017-music-us-year-end-report>>.

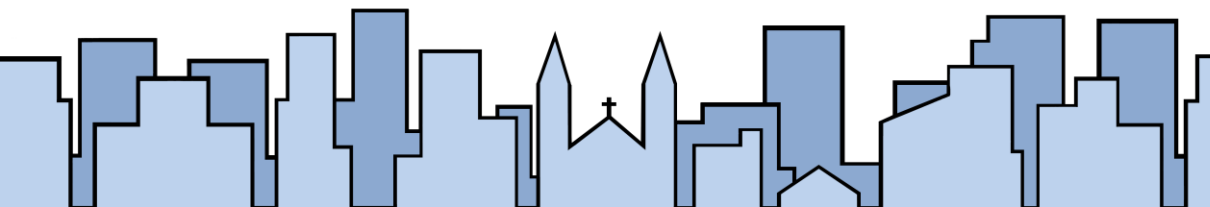


3. O RAP NO BRASIL

Gonçalves (2010) indica que, por volta da década de 1960, a indústria cultural brasileira proporcionou, através da circulação de revistas, filmes e discos, a aproximação dos ritmos musicais caribenhos e estadunidenses como Funk e Soul, possibilitando um processo suave de assimilação da cultura negra internacional para a classe urbana da juventude brasileira, majoritariamente nas cidades de São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro. Assim, pouco a pouco o movimento "Black Power" foi às ruas, em ginásios de comunidades periféricas, até que por volta de 1977, acaba por alcançar as discotecas e clubes frequentados por jovens brancos de classe média.

A cultura Hip-Hop, entretanto, apareceu no Brasil na cidade de São Paulo, através da dança, manifestada pelo *breakdance*, nos encontros ocorridos na Estação São Bento do metrô paulistano, por volta da década de 1980 (OLIVEIRA, 2004).

O contexto sociopolítico da década de 1980 convergia para o avanço tecnológico das comunicações, importando um estilo e ritmo novo, manifestado agora pelos jovens brasileiros, aliado também ao processo de redemocratização nacional, com uma crise de valores e juízos que fizeram dos centros urbanos paulistas, espaços simbolizados como cenários de uma nova expressão popular da cultura jovem (GONÇALVES, 2010). Daí, a grande importância de São Paulo como propagador da cultura Hip Hop para as outras regiões do país.

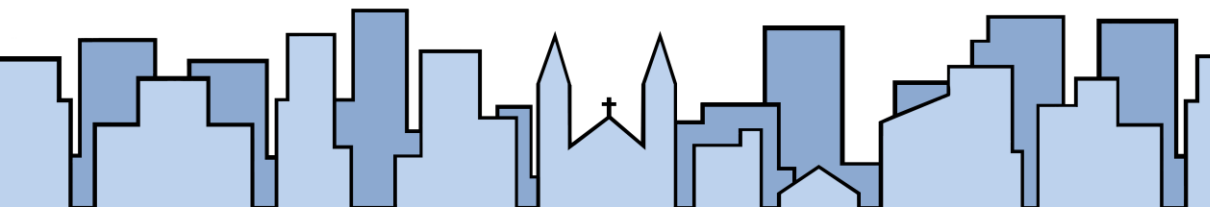


Na perspectiva de Rodrigues (2011), o Hip-Hop se difundiu por meio de festas e bailes de *blackmusic*, coincidindo com o fortalecimento da cultura e estética no movimento negro brasileiro. Os bailes se tornavam espaços sociais para que o Hip-Hop pudesse ser ocupado e manifestado por seus frequentadores. A partir disso, os elementos que faziam parte do gênero são amplamente conhecidos, observados e difundidos nas favelas e arredores do Brasil pelos estados adjacentes a São Paulo, como Rio de Janeiro.

4. O RAP NO RIO DE JANEIRO

A identidade do Hip-Hop fluminense tem sua origem propiciada através dos bailes de *black music* que aconteciam nos subúrbios do Rio de Janeiro. Ao fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, os bailes promoveram uma referência identitária e de pertencimento, mesclando os ritmos de Soul Music, R&B, Funk, Charme e conseqüentemente o Hip-Hop. Pessoas de diversas partes da região metropolitana do estado se encontravam para tais eventos culturais que constituíram a gênese do Rap estadual, influenciando diretamente na construção do estilo e possibilitando a exaltação e reunião da comunidade negra fluminense (OLIVEIRA, 2006).

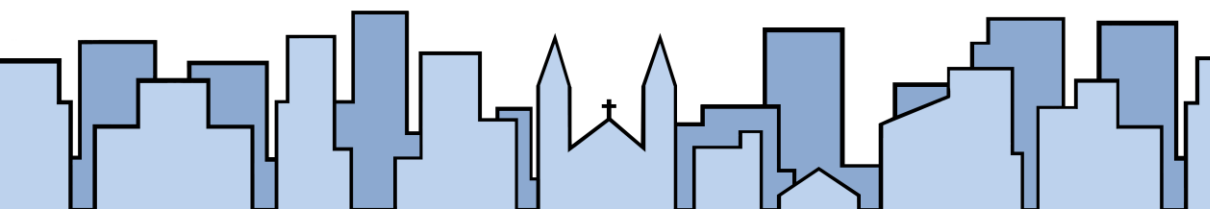
Moura (2017) aponta os episódios marcantes da Chacina da Candelária, em julho de 1993, e da Chacina de Vigário Geral, em agosto de 1993, aliados ao movimento de oposição ao governo de Fernando Collor de Mello. Tais episódios contribuíram



para uma mobilização popular dos jovens para uma nova organização em prol da valorização e resgate da cultura negra, e que por consequência, incluía o novo gênero Rap. É necessário destacar que a difusão e a organização do Hip-Hop no Rio de Janeiro não partem de uma estrutura única, como comenta Oliveira (2006), com sua territorialização ligada em geral aos bairros populares.

Em um momento seguinte da história do Rap estadual, Moura (2017) destaca também a contribuição da festa "Zoeira" como propagadora do gênero e da cultura Hip-Hop, já que além do Rap, contemplava também o grafite e o *breakdance*. A "Zoeira" acontecia no bairro da Lapa, na zona central do Rio, nos anos finais da década de 1990 e início dos anos 2000. Os encontros eram organizados por Elza Choen e possuíam uma perspectiva mercadológica forte, com frequentadores de classe média, majoritariamente pessoas brancas, ligando a Zona Sul da cidade ao centro, formando uma gama de assíduos que possuíam capital financeiro e acesso para frequentar casas de eventos e boates do bairro.

Oliveira (2019) ressalta que a região em que vivemos não é mais a mesma, na atual era de globalização e de novos arranjos espaciais, pois os donos do capital e o Estado trabalham todos os dias para adequar os usos do território de acordo com os interesses do capital. Como resultado, a organização social e a vida cotidiana são totalmente influenciadas por atividades e regulamentações de variadas dimensões.

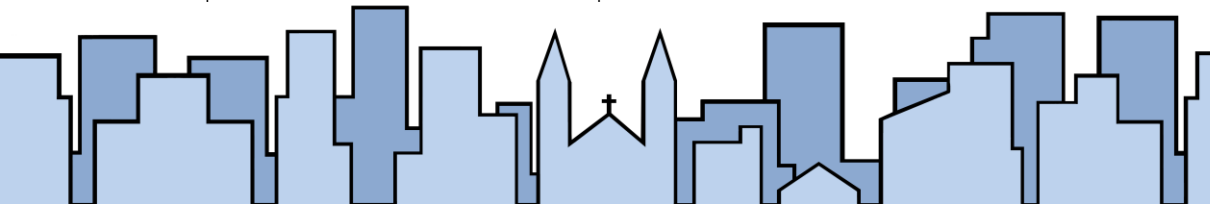


5. PATRIMÔNIO CULTURAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

É necessário afirmar que as Rodas Culturais e Batalhas de Improvisação são reconhecidas e protegidas pela Lei 7.837 (Rio de Janeiro, 2018)², que declara a cultura Hip-Hop e todas as suas manifestações artísticas, como *breakdance*, o grafite, o Rap, o MC e o DJ, como patrimônio cultural de natureza imaterial do estado do Rio de Janeiro e, indica ao poder público, o fomento da cultura Hip-Hop e a realização de suas expressões próprias, sem quaisquer regras discriminatórias, nem diferentes das que regem outras demonstrações da mesma natureza.

O Art. 3º, anteriormente vetado, com veto derrubado pela Alerj, salienta que “fica assegurada a realização de Rodas Culturais no estado do Rio de Janeiro, proibindo qualquer tipo de discriminação ou preconceito contra a cultura Hip-Hop ou seus integrantes, seja de natureza social, racial, cultural ou administrativa”. O Art. 4º, anteriormente vetado, e que novamente teve o veto derrubado pela Alerj, afirma que “caberá às instituições de ensino situadas no estado do Rio de Janeiro, a partir de discussão em seus fóruns, desenvolver ações de

² RIO DE JANEIRO. Lei Nº 7837 de 09 de janeiro de 2018. **Declara Patrimônio Cultural Material do Estado do Rio de Janeiro a Cultura do HIP HOP e dá outras providências.** Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/b3ba9a90a583c01583258217005f1dc0?OpenDocument#:~:text=Art.,%2C%20rap%2C%20MC%20e%20DJ>>.



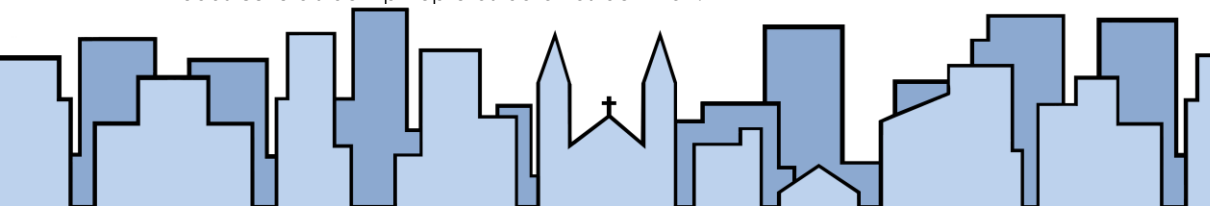
divulgação como oficinas, debates e aulas temáticas sobre a cultura Hip- Hop”.

A Lei 9.794 (Rio de Janeiro, 2022)³, é mais um dispositivo que resguarda a cultural Hip-Hop. Nesse sentido declara como patrimônio cultural de natureza imaterial do estado do Rio de Janeiro, as Rodas Culturais de Hip-Hop e as Batalhas de Rima. A Lei visa “assegurar o reconhecimento dessas importantes manifestações culturais que se espalham por nosso estado e reúnem milhares de jovens semanalmente para discutir temas importantíssimos e difundir a Cultura Hip-Hop que é ferramenta de resistência”.

6. SÃO GONÇALO RAP

A primeira batalha de rima de rua, com registro na cidade de São Gonçalo, é de 2009 e se chamava Batalha da Zé Garoto, sendo apresentada e realizada na Praça Zé Garoto até meados de 2011. Em novembro de 2011, os organizadores passam a realizar semanalmente a batalha e migram deste espaço para a Praça dos Ex-Combatentes, localizada na frente da Faculdade de Formação de Professores, rebatizando assim o evento com o nome de Roda Cultural de São Gonçalo (SANTIAGO, 2017). Desde então, o evento ganhou fama e projeção nacional e hoje

³ RIO DE JANEIRO. Lei Nº 9794 de 14 de julho de 2022. **Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro As rodas culturais de HIP_HOP e as Batalhas de Rimas.** Disponível em: < <https://leisestaduais.com.br/rj/lei-ordinaria-n-9794-2022-rio-de-janeiro-declara-patrimonio-cultural-imaterial-do-estado-do-rio-de-janeiro-as-rodas-culturais-de-hip-hop-e-as-batalhas-de-rima>>.



conta com milhões de visualizações em seu canal oficial do Youtube e com milhares de seguidores em sua conta oficial no Instagram, conhecida como Batalha do Tanque, desde 2012.

Ao compreender a relevância histórica da cultura Hip-Hop e, sobretudo, do Rap na cidade de São Gonçalo, é fundamental espacializar geograficamente esses pontos na cidade onde ocorrem tais manifestações culturais, através das Rodas Culturais e das Batalhas de Improvisação, já que os jovens que frequentam as batalhas de rima e participam ativamente nas Rodas e nesses espaços de cultura, seja através da dança, do grafite, da poesia escrita ou falada e do Rap cantado ou improvisado, são também alunos que estudam nas escolas estaduais e municipais da cidade em que vivem.

Para além da trajetória do movimento Hip-Hop na cidade gonçalense, este trabalho traz alguns locais na cidade que promovem eventos e encontro nas Rodas Culturais ou Batalhas de Improvisação, dispostos majoritariamente em praças públicas, numa alternativa de lazer, entretenimento e construção identitária, já que a gestão da prefeitura local pouco oferece do acesso e mecanismos necessários em políticas públicas eficazes para emancipação desses jovens sujeitos. A Figura 1 apresenta a disposição desses locais da cultura Hip-Hop e manifestação artística por meio do Rap, que acontecem semanalmente na cidade de São Gonçalo, observadas durante o período de 2020-2022.

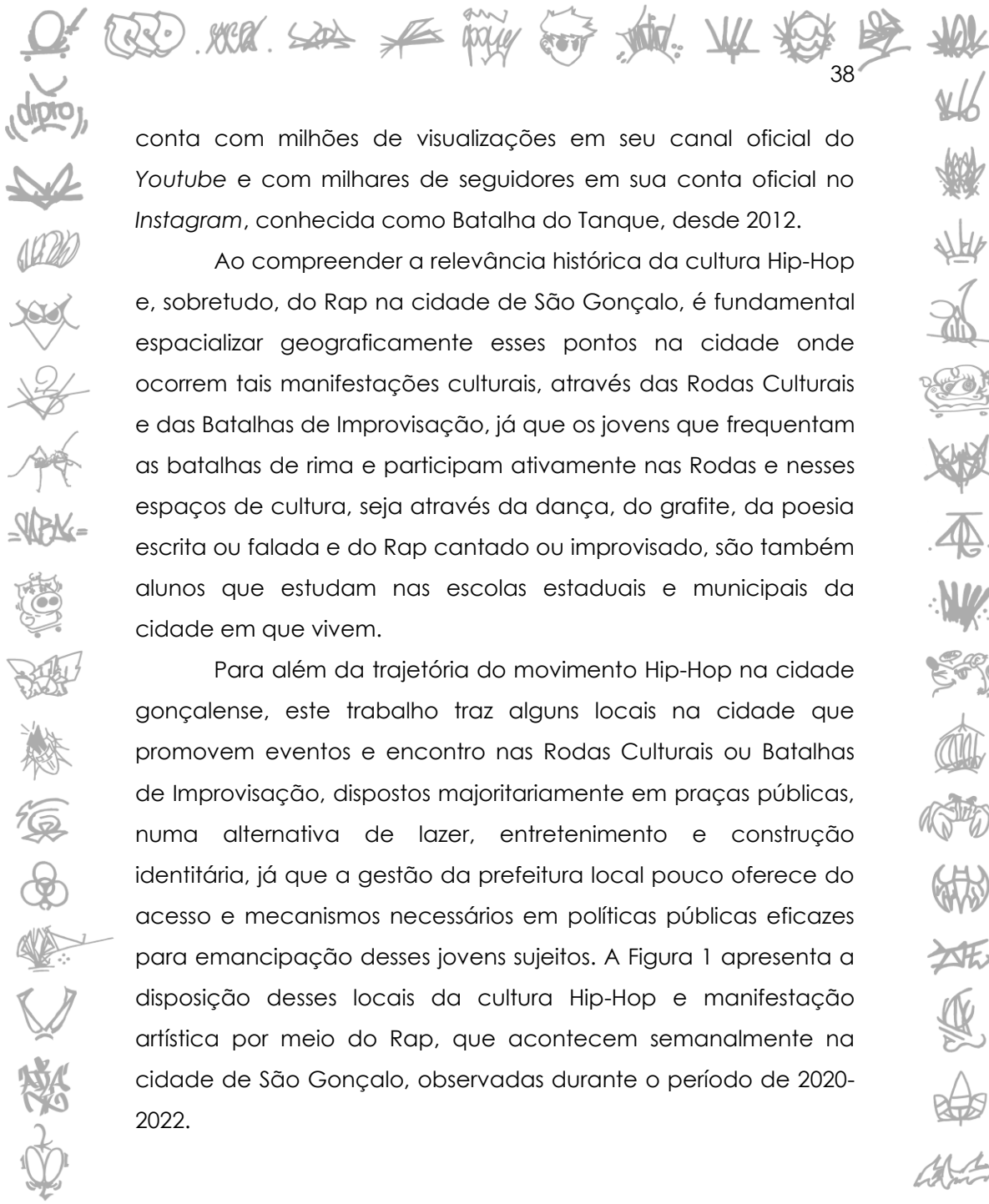
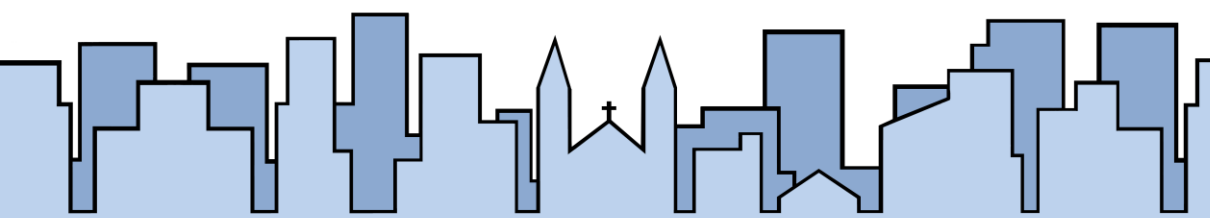
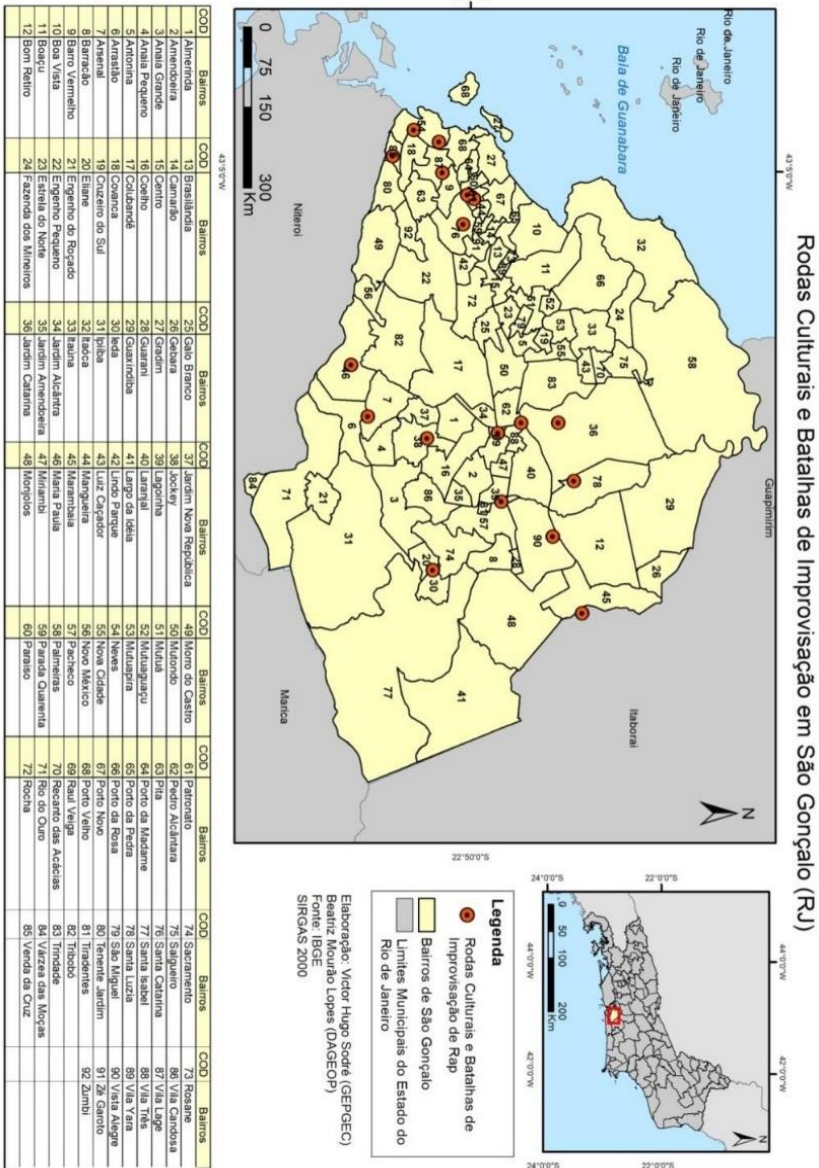
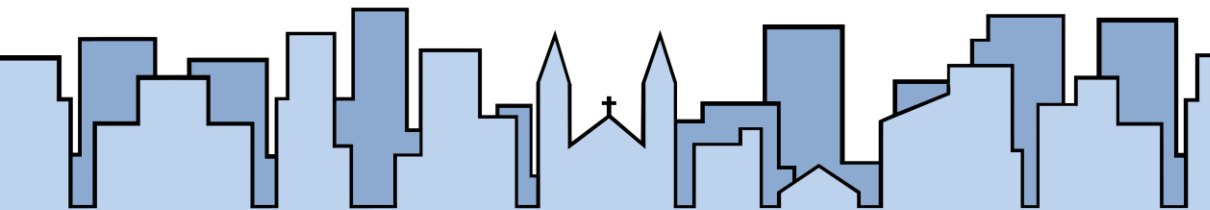


Figura 1 - Rodas Culturais e Batalhas de Improvisação mapeadas.



Fonte: Elaborado por Costa (2022)



O mapa apontado na Figura 1 apresenta o município de São Gonçalo com seus respectivos bairros, indicando a dispersão e presença de Rodas Culturais ou Batalhas de Improvisação, observadas durante o período de 2020-2022. Foram catalogados dezoito espaços de manifestação cultural que acontecem ativamente, abrigando as experiências de jovens gonçalenses que possuem afinidade com o gênero ou buscam tais espaços pela necessidade de lazer, acolhimento e entretenimento.

Nesse sentido, através do mapeamento apontado, anteriormente, a Tabela 1 informa, agora, as Rodas Culturais e Batalhas de Improvisação demarcadas na Figura 1, apresentadas e relatadas destacando informações como endereço, o bairro, a periodicidade do evento e o contato principal onde os representantes e líderes se organizam e articulam para informar o público e anunciar as novidades.

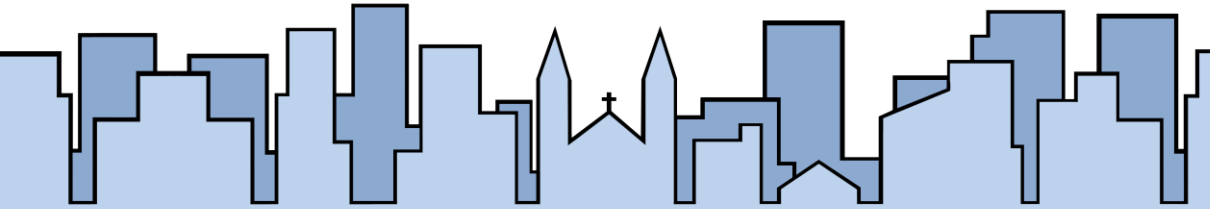


Tabela 1 - Rodas Culturais e Batalhas de Improvisação que ocorrem no município de São Gonçalo.

Evento	Endereço	Bairro	Periodicidade	Contato Principal
Batalha do Tanque	Rua Dr. Francisco Portela, Nº 973-1153	Patronato	Toda quinta-feira às 19h30	https://www.instagram.com/batalhadotanqueoficial
Batalha do Arsenal	Av. Dr. Eugênio Borges, S/N	Arsenal	Toda segunda-feira às 19h	https://www.instagram.com/batalha_do_arsenal
Batalha da Selva	Rua Oliveira Botelho, Nº 1542	Neves	Toda quarta-feira às 19h15	https://www.instagram.com/batalhadaselva2020
Batalha do 01	Estr. de Santa Izabel, S/N	Santa Izabel	Toda terça-feira às 19h30	https://www.instagram.com/batalhado_01
Batalha do VA	Av. Almirante Pena Boto, Nº 184	Vista Alegre	Toda sexta-feira às 19h	https://www.instagram.com/batalhadovra
Batalha do Vila	Rua Lúcio Tomé Feteira, Nº 151	Vila Lage	Toda sexta-feira às 19h15	https://www.instagram.com/ofc_batalhadovila
Batalha dos Predinhos	Rua Doutor Porcincella, Nº 395	Venda da Cruz	Toda terça-feira às 20h	https://www.instagram.com/batalhadospredinhosoficial
Batalha do Posio	Av. Santa Luzia, Nº 678	Santa Luzia	Domingo às 19h30 e segunda-feira às 17h	https://www.instagram.com/batalhadoposioofc
Batalha do Paiva	Rua José Joaquim de Oliveira, Nº 283	Neves	Toda sexta-feira às 19h30	https://www.instagram.com/bdp2020
Batalha do Recanto	Rua Elvis Preslei, Nº 391	Alcântara	Toda sexta-feira às 19h30	https://www.instagram.com/bdrecanto/
Batalha da Garoupa	Rua Expedicionário Romeu Casagrande Estrada Do Pacheco, Nº 400	Maria Paula	Quinzenalmente na sexta-feira às 19h	https://www.instagram.com/batalhadagaroupa.btp
Roda Cultural da Lagoinha	Av. Avenida Albinho Imperato, S/N	Lagoinha	Toda segunda-feira às 20h	https://www.instagram.com/rodaculturaldalagoinha
Batalha da Lona	TV. Oscar Maldonado, Nº 694	Jardim Catarina	Todo domingo às 20h	https://www.instagram.com/batalhadalona28
Batalha do Feijão	Rua Manuel da Costa, Nº 2	Paraiso	Toda quarta-feira às 19h30	https://www.instagram.com/batalhadamuriquia
Batalha da Itaita	Av. Prof. Aída de Souza Faria, Nº 250	Santa Catarina	Toda terça-feira às 19h30	https://www.instagram.com/batalhadaitaita
Batalha da Serraria	Rua Joaquim Lavoura, S/N	Joquei Clube	Toda terça-feira às 19h30	https://www.instagram.com/batalha_serraria
Batalha do Bagdá	Rua Joaquim Lavoura, S/N	Marambaia	Toda terça-feira às 19h30	https://www.instagram.com/batalha_bagda
Roda Cultural do Alcântara	Rua Joaquim Laranjeiras, Nº 116	Raul Veiga	Toda sábado às 19h	https://www.instagram.com/p/CgfskMzj5

Fonte: Elaborada por Silva (2022)

Além da catalogação e distribuição espacial das Rodas Culturais e Batalhas de Rimas, da cidade de São Gonçalo, algumas lideranças que participam da organização da Roda Cultural de Alcântara, Batalha do Arsenal, Roda Cultural do Marambaia, Roda Cultural do Jockey, Batalha do Recanto e da Batalha do Ponto, foram entrevistadas.

O grande interesse da abordagem nas entrevistas era entender a dinâmica espacial que ocorria para realização dos eventos e também sobre o propósito e as dificuldades enfrentadas pelos coletivos.

Ao total, foram concentrados seis grandes questionamentos apresentados na Tabela 2: i) se havia alguma relação entre o coletivo e a prefeitura da cidade de São Gonçalo com relação a questões de apoio e utilização do espaço público; ii) sobre a quantidade de pessoas presentes no espaço durante as atividades; iii) sobre a faixa etária média e o público que consome e se faz presente nesses eventos; iv) se havia alguma outra proposta cultural oferecida para além das Batalhas de Improviso; v) quais os maiores problemas e desafios enfrentados por eles e; vi) por fim, se já teriam sofrido alguma violência policial ou interferência na prática cultural.

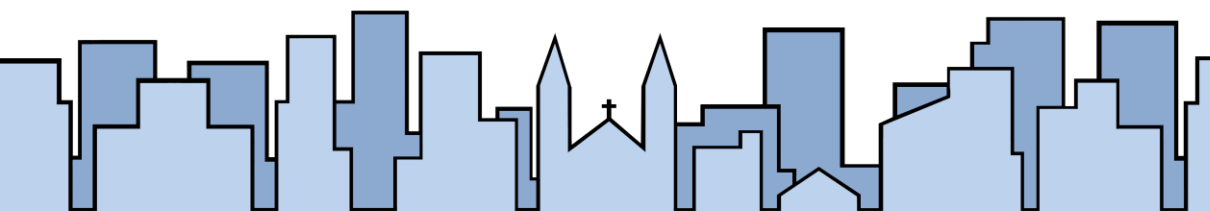
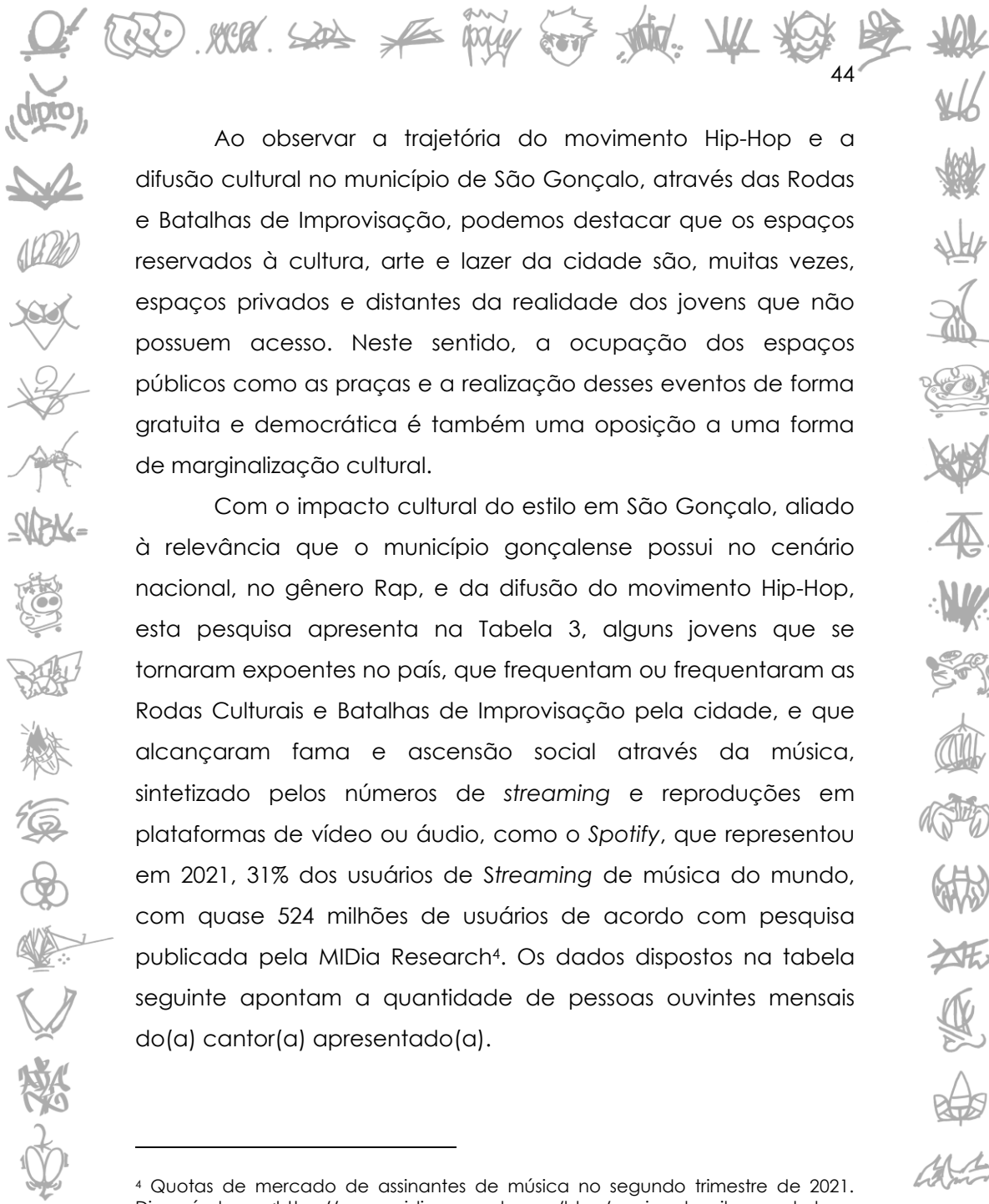


Tabela 2 - Entrevista com Rodas Culturais e Batalhas de Improvisação que ocorrem no município de São Gonçalo.

Coletivo	Ha alguma relação com a prefeitura?	Quantas pessoas frequentam os espantos semanalmente?	Qual a faixa etária média?	Ha outra iniciativa cultural em conjunto?	Quais os problemas e desafios enfrentados?	Já sofreram violência política?
Roda Cultural de Alcântara	Chegou a ter alvará para realizar as atividades até a última gestão municipal. Ainda aguarda autorização da gestão atual.	Entre 70 até 300 pessoas.	25 anos.	Organiza festas com baile charrme, forró, samba e funk. Distribuição de livros.	Falta de estrutura na praça. O coletivo organiza mutirões de reforma sem apoio da prefeitura. Não há iluminação suficiente. O estado de negligência e abandono pela ausência de políticas públicas na praça resulta no surgimento de pontos de venda e consumo de drogas, sobretudo o crack.	Sim, várias vezes.
Batalha do Arsenal	Nenhuma relação com a prefeitura. A própria comunidade se organiza para a atividade cultural.	Entre 20 a 50 pessoas.	21 anos.	Oficinas de Xarpi e Grafite, doação de livros, poesia slam e aulas de breakdance.	Falta de equipamentos, praça ocupada com pouca iluminação e ausência de banheiro público.	Não enfrentaram problemas com violência política.
Roda Cultural do Maranhã	Nenhuma relação com a prefeitura.	Entre 15 a 25 pessoas.	17 anos.	Oficinas de literatura, poesia slam e danças.	Não responderam.	Não enfrentaram problemas com violência política.
Roda Cultural do Jockey	Nenhuma relação com a prefeitura. Ausência total de apoio por parte governamental.	Entre 80 e 150 pessoas.	16 anos.	Oficinas de Xarpi e Grafite, poesia slam e aulas de breakdance.	Pouca estrutura e recurso para organização e manutenção dos eventos.	Não enfrentaram problemas com violência política pela localização de difícil acesso na comunidade.
Batalha do Recano	Possui autorização para realização de eventos. Não há apoio ou incentivo por parte da prefeitura.	Entre 60 e 200 pessoas.	24 anos.	Oficinas de Xarpi e Grafite, poesia slam e aulas de breakdance.	Equipamento, patrocínios, apoio e visibilidade.	Não enfrentaram problemas com violência política.
Batalha do Ponto	Nenhuma relação com a prefeitura.	Acima de 20 pessoas.	20 anos.	Oficinas de Xarpi.	Equipamento de som e iluminação pública.	Não enfrentaram problemas com violência política.

Fonte: Elaborado por Costa (2022)



Ao observar a trajetória do movimento Hip-Hop e a difusão cultural no município de São Gonçalo, através das Rodas e Batalhas de Improvisação, podemos destacar que os espaços reservados à cultura, arte e lazer da cidade são, muitas vezes, espaços privados e distantes da realidade dos jovens que não possuem acesso. Neste sentido, a ocupação dos espaços públicos como as praças e a realização desses eventos de forma gratuita e democrática é também uma oposição a uma forma de marginalização cultural.

Com o impacto cultural do estilo em São Gonçalo, aliado à relevância que o município gonçalense possui no cenário nacional, no gênero Rap, e da difusão do movimento Hip-Hop, esta pesquisa apresenta na Tabela 3, alguns jovens que se tornaram expoentes no país, que frequentam ou frequentaram as Rodas Culturais e Batalhas de Improvisação pela cidade, e que alcançaram fama e ascensão social através da música, sintetizado pelos números de *streaming* e reproduções em plataformas de vídeo ou áudio, como o *Spotify*, que representou em 2021, 31% dos usuários de *Streaming* de música do mundo, com quase 524 milhões de usuários de acordo com pesquisa publicada pela MIDia Research⁴. Os dados dispostos na tabela seguinte apontam a quantidade de pessoas ouvintes mensais do(a) cantor(a) apresentado(a).

⁴ Quotas de mercado de assinantes de música no segundo trimestre de 2021. Disponível em: <<https://www.midiaresearch.com/blog/music-subscriber-market-shares-q2-2021>>.

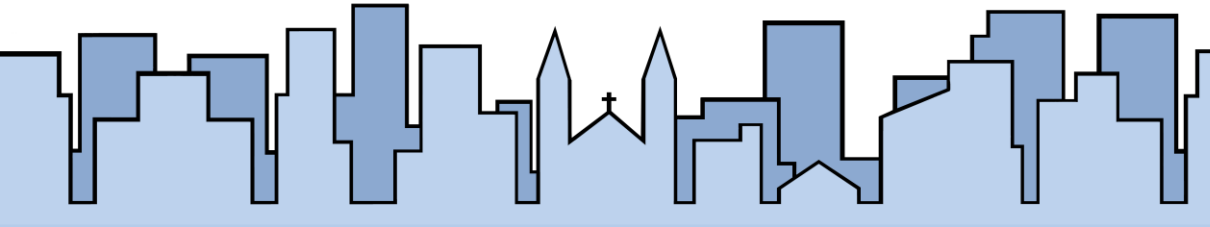


Tabela 3 - Quantidade de ouvintes mensais por *streaming* em aplicativo de artistas oriundos das Batalhas de Improvisação e Rodas Culturais de São Gonçalo.

ARTISTA	STREAMING (SPOTIFY/Outubro, 2023)
Orochi	7.581.233 ouvintes mensais
PeléMilFlows	2.063.618 ouvintes mensais
Johny Mc	94.659 ouvintes mensais
Samurai	2.322 ouvintes mensais
Choice	1.618.844 ouvintes mensais
Azzy	3.015.962 ouvintes mensais
Knust	1.760.392 ouvintes mensais
PK	3.962.405 ouvintes mensais
Xamã	8.573.550 ouvintes mensais
Buddy	48.757 ouvintes mensais
Modéstia Parte	104.368 ouvintes mensais
Funkero	96.647 ouvintes mensais

Fonte: Dados coletados e organizados por Sodré (2023) a partir do <https://open.spotify.com/search>

Esses jovens, ora participando das Batalhas de Improvisação, ou marcando presença nos coletivos das Rodas Culturais, estão hoje realizando shows pelo Brasil e pelo mundo. Aos 23 anos, Orochi é um dos grandes nomes revelados pelo Rap de São Gonçalo. No mês de maio de 2020, o artista se tornou o rapper brasileiro de maior sucesso na plataforma de *streaming* Spotify⁵. Em outubro de 2023, seu canal do *Youtube* possuía mais de 1.841.500.118 bilhões de visualizações em seus vídeos publicados, contando ainda com mais de 3 milhões de inscritos. Em 2015, conquistou o título máximo das batalhas de

⁵ O Dia. Orochi vira o rapper brasileiro de maior sucesso em plataforma musical. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/colunas/fabia-oliveira/2020/05/5924382-orochi-vira-o-rapper-brasileiro-de-maior-sucesso-em-plataforma-musical.html>>.

improvisação no Campeonato Nacional que aconteceu em Belo Horizonte (MG). Em abril de 2022, Orochi realizou a sua primeira turnê internacional, com shows pela Inglaterra, Espanha e Portugal, como aponta a Figura 2.

Figura 2 - Oriundo da Batalha do Tanque, Orochi realiza sua primeira turnê internacional em abril de 2022.



Fonte: Disponível em:
<https://twitter.com/portalapforte/status/1506350512186273794/photo/1>

A cantora e compositora Azzy, de 20 anos, é outro exemplo de êxito, por estampar na Times Square, em Nova York (EUA), seu sucesso nas plataformas digitais como aponta a Figura 3. Azzy é conhecida por ser assídua na Batalha do Tanque. Em 2021, Azzy lançou o segundo EP de sua carreira, intitulado "Rímel".

Figura 3 - Das batalhas de improvisação para um telão na Times Square, Nova Iorque (EUA), comprovando o enorme sucesso de Azzy.



Fonte: Disponível em: <http://instagram.com/azzyoriginal>

Depois das vitórias nas Batalhas de Improvisação, a compositora participou, ainda, de três edições do projeto "Poesia Acústica", de acordo com matéria publicada no jornal *O São Gonçalo* (2021). Em outubro de 2023, Azzy acumulava mais de 3 milhões de ouvintes mensais no *Spotify*, mais de 1 bilhão de visualizações em seu canal no *YouTube* e mais de 2 milhões de seguidores em suas redes sociais. A artista afirma que teve que lidar com o fato de, muitas vezes, ser a única mulher nas Batalhas de Rima das quais participou, como a própria Batalha do Tanque, na Figura 4, e que foi a primeira mulher a participar das batalhas, como no Horto do Fonseca, na cidade vizinha, em Niterói (RJ)7.

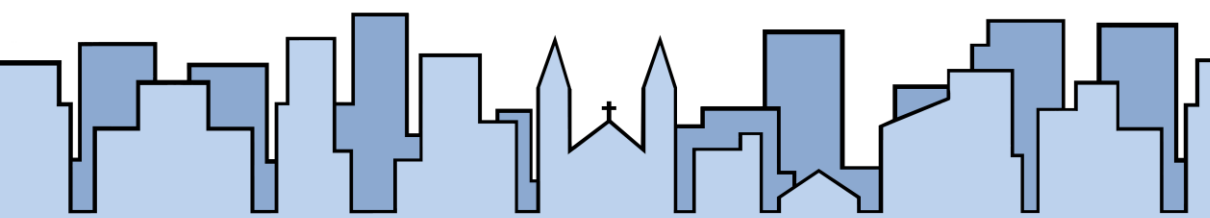


Figura 4 - Azzy durante batalha de rima na Batalha do Tanque (2016).



Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Jy1Q_Uxevqo

Juntamente, com a participação de Xamã, no palco *Sunset*, Azzy, Choice e Orochi se apresentam no festival musical *Rock In Rio*, reconhecido como um dos maiores festivais de música do planeta. Os artistas que compartilharam em comum a cidade de São Gonçalo, como palco inicial de suas respectivas jornadas, durante os encontros nas batalhas de improvisação como a Batalha do Tanque, agora, compartilham também a presença no *Espaço Favela*, palco dedicado e comprometido em trazer visibilidade à diversidade de gêneros, vozes e ideias que existem na comunidade, como apresentado na Figura 5, durante entrevista de Azzy sobre o evento⁶.

⁶ Azzy durante entrevista sobre sua participação no Rock in Rio, na Praça dos Ex-Combatentes. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2022/noticia/2022/09/07/como-azzy-foi-das-batalhas-de-rima-na-periferia-ao-rock-in-rio-os-caras-tiravam-sarro-da-minha-cara.Ghtml>>.

Figura 5 - Azzy durante entrevista sobre sua participação no Rock in Rio, na Praça dos Ex- Combatentes.



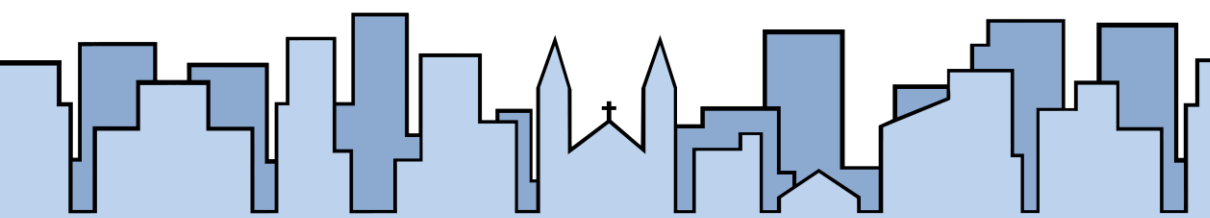
Fonte: Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10826002/>

A Figura 6 destaca a relação de atrações confirmadas na programação do festival em seu site oficial.

Figura 6 - Oriundos da Batalha do Tanque, Choice, Orochi e Azzy se apresentam no Espaço Favela no Rock in Rio.



Fonte: Disponível em: <https://rockinrio.com/rio/pt-br/line-up/palco/espaco-favela/>

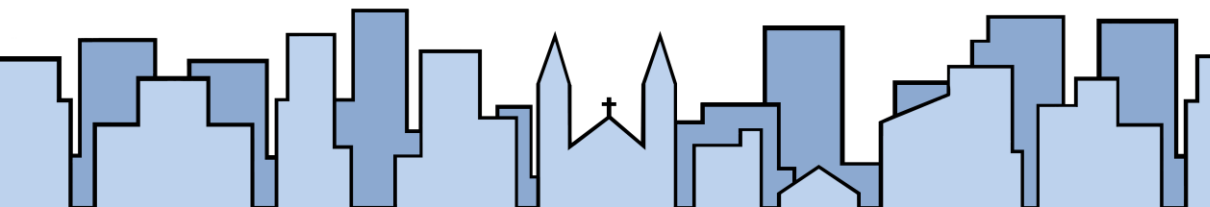


O Rap está por toda parte na cidade de São Gonçalo, seu sucesso reverbera na sua materialização física, através dos espaços de aglutinação dos jovens nas Rodas Culturais e Batalhas de Improvisação, na sua forma audível e imaterial, durante as milhares de reproduções nos aplicativos de *streamings* nas plataformas, e também no imaginário social que constrói o sentido de identidade, acolhimento e pertencimento entre os jovens e as parcelas da sociedade que compartilham a afinidade pelo gênero.

Ao observar o impacto cultural do Rap afirmado pela cidade, a música é capaz de ajudar a levar aos alunos a compreensão do ensino de Geografia de uma maneira mais acessível, podendo ser uma ótima ferramenta para estimular a discussão, reflexão e ajudar os alunos a desenvolverem suas habilidades de expressão e criatividade, já que o Rap possui um poder de acessar a sensibilidade, imaginação, as verdades e os sentimentos de um indivíduo.

7. O PROJETO FAVELA VIVE SOB A VOZ GONÇALENSE

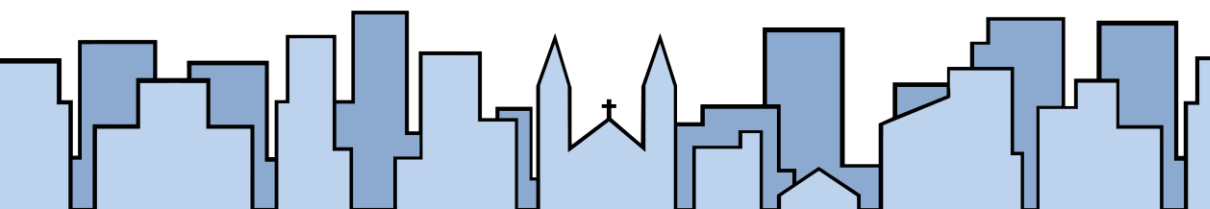
O Projeto *Favela Vive* é uma sequência, com cinco audiovisuais de Rap gravados no estado do Rio de Janeiro, estabelecida pelo grupo de Rap ADL (Além da Loucura), sendo o grande responsável pela divulgação do material, pela seleção e convite de artistas do gênero para gravação das músicas. O



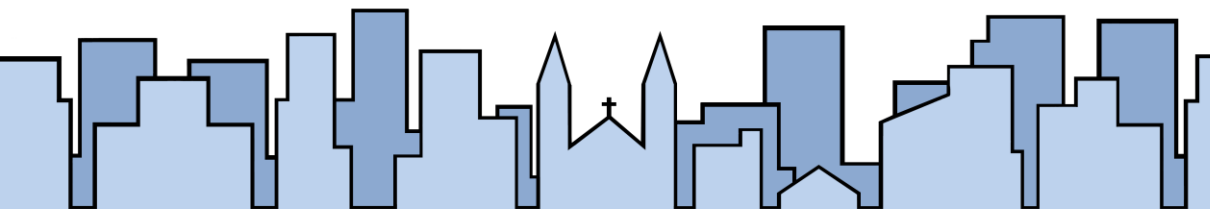
Favela Vive 1 foi divulgado em 20 de setembro de 2016, dirigido por Guilherme Brehm, e conta com a participação dos rappers Sant, do Rio de Janeiro (RJ), Raillow, de São Paulo (SP) e Froid, de Brasília (DF). Em outubro de 2022, o volume 1 do projeto apresentava mais de 36 milhões de visualizações na plataforma Youtube.

Os projetos seguintes, em seus respectivos volumes 2, 3, 4 e 5, ganharam notoriedade por engajar artistas da cidade de São Gonçalo, sobretudo, grandes expoentes das Rodas Culturais e Batalhas de Improvisação. Mediante as participações dos jovens artistas locais nos volumes 2, 3, 4 e 5; e, que somados ao primeiro, já acumulam quase 160 milhões de *streaming* no Youtube ao mês de março de 2023. Esta análise evidencia o potencial do Rap para debates e reflexões sobre conceitos da Geografia.

Em *Favela Vive 2*, divulgado em 23 de dezembro de 2016, dirigido novamente por Guilherme Brehm, os artistas selecionados foram BK, MV Bill e Funkero, todos do estado do Rio de Janeiro. BK e MV Bill representaram a Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, respectivamente Jacarepaguá e Cidade de Deus, enquanto Funkero trouxe a cidade de São Gonçalo, originalmente do bairro Jardim Catarina. Ao analisar os versos e os conteúdos propostos pela música, atentaremos ao impacto gonçalense e presença de Funkero, traduzindo suas rimas em perspectivas pedagógicas e conceitos que possam servir de ferramenta e auxílio para a construção do saber geográfico.



"Favela vive no coração de cada morador
 Na lembrança de cada vida que a guerra levou
 Somos a tribo perdida, trazida de longe
 Somos filhos da lama, Brasil que a mídia esconde
 Nos entopem de pólvora, coca, esgoto a céu aberto
 E quilombos de madeirite e concreto
 O futuro chegou e ainda usamos corrente
 Escravizados através do tráfico de entorpecente
 Nos empurram todo dia goela a abaixo
 Ódio, medo, desespero e incentivo à violência
 Dizem que somos bandidos
 Mas quem mata usa farda e exala despreparo e truculência
 Cada beco da cidade guarda um pouco da guerra
 Com projéteis que acerta, com projéteis que erra
 Parece cocaína, mas é só tristeza
 Ódio nos olhos de quem só conheceu pobreza
 Quem é o inimigo? Quem é você?
 Nessa guerra sem motivos e sem vencedor
 Quem é o inimigo? Quem é você?
 A bala perdida acha o outro sofredor
 Somos soldados pedindo esmolas
 Crianças de pistola, jogando a infância fora
 Ninguém incentiva um favelado a ler, escrever
 Nós já nascemos preparados pra morrer.
 [...]. É um campo minado
 PM aplica pena de morte com aval do Estado
 Quem tá certo? Quem tá errado?
 Só sei que o alvejado é sempre o favelado
 Quantos irmãos tombaram cedo demais
 Favela vive sangrando implorando por paz, paz!"



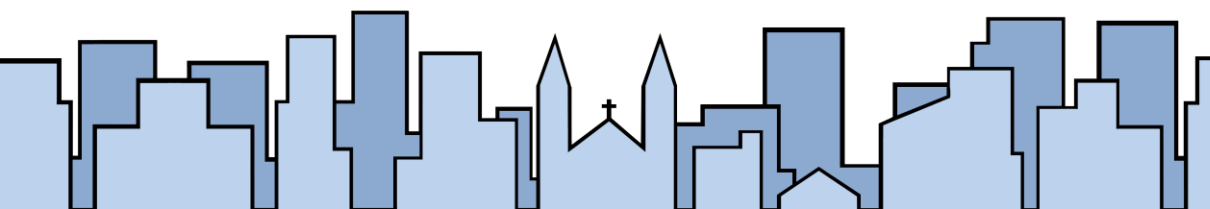
Ao analisar a letra, algumas temáticas são tratadas e podem ser utilizadas para discussão sobre problemas urbanos. O videoclipe é gravado em uma zona periférica entre casas, em uma favela, como destaca a Figura 7, e aponta para um debate sobre a confusão urbana apresentada, a condição da periferia, problemas de desigualdade social, pobreza, marginalização, repressão policial e ausência de políticas públicas eficazes. O Rap escrito e cantado por Funkero parece transportar a ideia de necropolítica, onde o Estado faz uso político e social e distribui de maneira desigual a oportunidade de viver ou existir em um sistema capitalista, tal como reflete Mbembe (2003).

Figura 7 - Trecho do videoclipe de *Favela Vive 2*.



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYvzwZmjXJY>

Em *Favela Vive 3*, lançado em 9 de agosto de 2018, dirigido outra vez por Guilherme Brehm, o grupo ADL apresentou,



em sua seleção, os rappers Djonga de Belo Horizonte (MG), o funkeiro Menor do Chapa, da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro (RJ), Negra Li, de São Paulo (SP) e o rapper Choice, representando a cidade de São Gonçalo (RJ), mediante ao enorme sucesso que obteve nas batalhas de improvisação, na Batalha do Tanque, principalmente.

*“Quem segura um fuzil quando o menor sonhava em ser jogador
 Mas, sem dinheiro, não decola
 Sem dinheiro são poucas escolhas
 O favelado na favela vive dentro de uma bolha
 O favelado na favela vive e sobrevive nela
 Eu sou o favelado que vive pela favela.*

*A escola me reprovou de série, mas a rua me aprovou pra ser
 representante dela*

*Se a sirene sinaliza a dor, atira o sinalizador pra explicar que hoje é
 guerra*

Matei o presidente pra que o povo se rebele

Gritei: Marielle, presente!, essa bala também me fere

E esse tiro fere cada morador que já teve um sonho frustrado

E só quem é vai sentir na pele

E eu prego a fé, independente da crença

É a nossa dor que alimenta as reportagens da imprensa

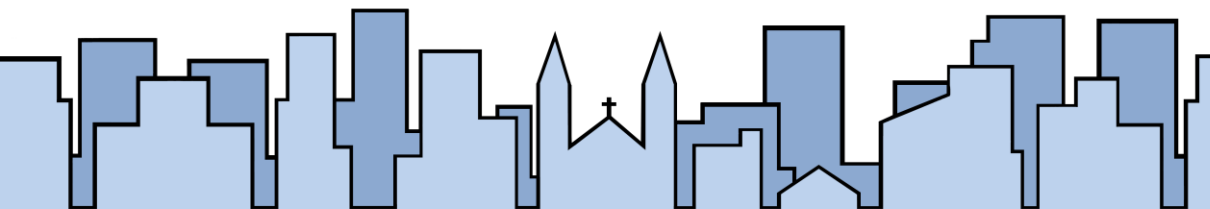
Me diz, o que custa pedir licença?

Troca de tiro te assusta, mas a troca de olhar comigo é mais tensa

Meu mano Play ficou preso dezoito anos

Quando eu tinha dezoito, ele me disse: O crime não compensa

*Eu respondi que sou daqueles que acredita que pensar sobre a vitória vai
 fazer que você vença*



*Nos dão armas e drogas, e nos perguntam por que somos bandidos e
por que nós atiramos
Fiquem bem longe de nós, deixa que nós nos viramos
Temos tudo que precisamos".*

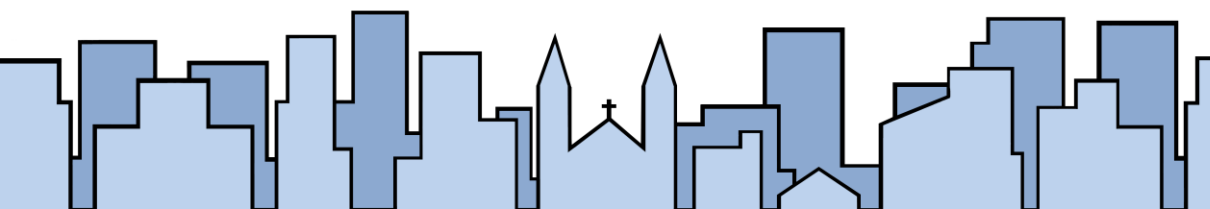
As letras de Choice apontam, novamente, para um debate geográfico com perspectivas, para uma construção crítica sobre segregação socioespacial, racismo, desigualdade social, contexto urbano, favelas e violência policial.

O videoclipe apresenta várias referências sobre o contexto de violência urbana, evidenciado na Figura 8, com destaque ao uniforme ensanguentado da Educação Básica, da rede municipal do Rio de Janeiro, lembrando casos de violência policial, como a morte do menino Kauã Mendonça⁷, de 13 anos, durante troca de tiros entre criminosos e policiais. o adolescente levou um tiro de fuzil e não sobreviveu e, também, de Ágatha Vitória Sales Félix⁸, de 8 anos, morta com um tiro de fuzil, no Complexo do Alemão, dentro de um veículo, quando voltava para casa com a mãe.

O artista menciona ainda, o assassinato de Marielle Franco⁹, vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, eleita com

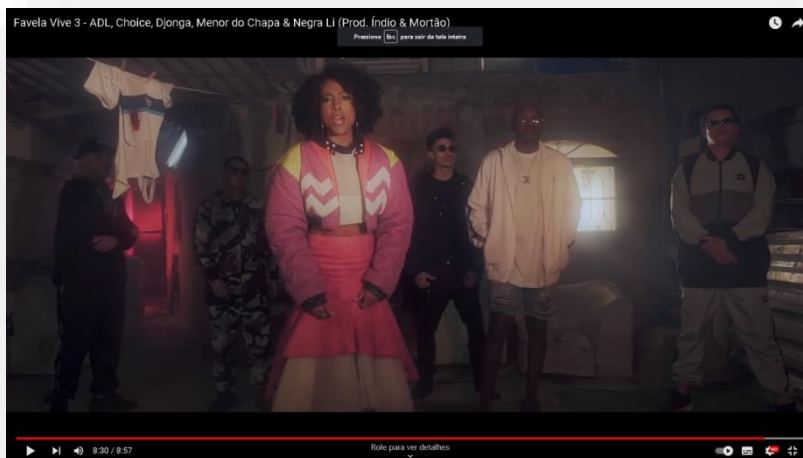
⁷ G1. Menino de 13 anos é morto durante confronto em Itaboraí. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/08/04/menino-de-13-anos-e-morto-durante-confronto-em-itaborai.ghtml>>

⁸ G1. Dois anos após a morte de Ágatha Felix, mãe ainda aguarda julgamento de PM: 'Muita dor'. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/09/21/dois-anos-apos-a-morte-de-agatha-felix-mae-ainda-aguarda-julgamento-de-pm-muita-dor.ghtml>>



mais de 46 mil votos, morta em 14 de março de 2018, quando 13 tiros atingiram seu veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes.

Figura 8 - Trecho do videoclipe de *Favela Vive 3*.



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI>

Em “Favela Vive 4”, divulgado em 12 de novembro de 2020, o grupo ADL selecionou o MC Cabelinho, representando a favela Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, da Zona Sul, da cidade do Rio de Janeiro (RJ), a rapper Kmila CDD, representando a Cidade de Deus, da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro (RJ), César

⁹ G1. Quatro anos após o assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, a Polícia Civil e o Ministério Público dizem que ainda não há prazo para a conclusão da investigação. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/03/14/caso-marielle-quatro-anos-apos-o-crime-o-que-falta-responder-e-quais-os-proximos-passos-da-investigacao.ghtml>

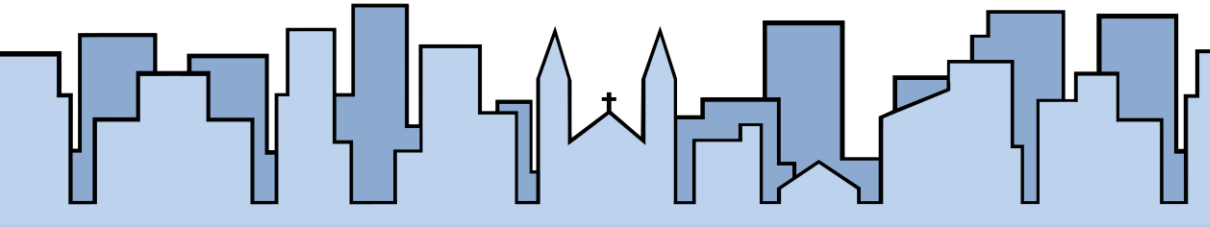
MC da cidade de Vitória (ES), Edi Rock do grupo Racionais MCs da cidade de São Paulo (SP), e Orochi representando a cidade de São Gonçalo (RJ). Mais uma vez, o foco do projeto se baseia em denunciar as arbitrariedades cometidas pelo Estado e o descaso com as populações marginalizadas que enfrentam diariamente terror e pânico, como apresentado na Figura 9.

Figura 9- Trecho do videoclipe de Favela Vive 4



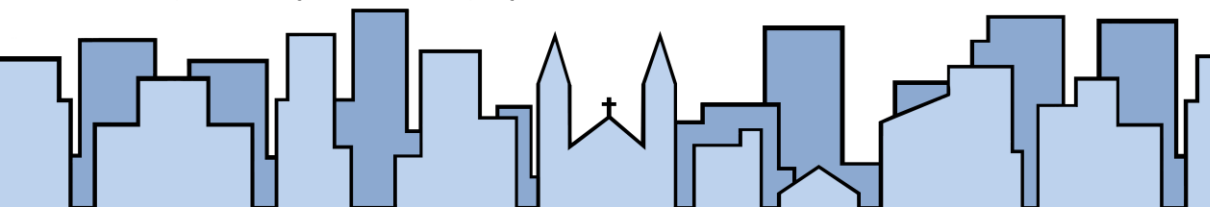
Fonte: Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\$Z1H5lIOluU](https://www.youtube.com/watch?v=$Z1H5lIOluU)

“Ontem eu sonhei que todos se uniram [...] Os irmão levam tiros, animais extintos, Pantanal em chamas, [...] com os índios Rastro de mortes, lágrimas e gritos Favela chorando e a mídia sorrindo Ontem eu sonhei que todos se uniram [...] Sou a prova que a favela venceu



Sou o contrário do que querem pra mim
 Eu pergunto e as favelas respondem
 Fé em Deus, não nos homens
 Pelo bem da família e dos irmãos
 Pra não ver nosso sangue pelo chão
 Em dia de baile ou de operação
 Fé em Deus, não nos homens
 Orochi, mais um preto no topo
 A favela venceu de novo e eles fingiram que não viram
 Y'all, cê não tá entre nós
 Porque sua máscara caiu bem antes do Coronavírus
 Humildade prevalece à la Didico
 Sinta o poder bélico, welcome tô Rio
 Nessas linhas eu pratico terrorismo
 Comendo o coração de um racista vivo
 Levantei minha cidade e tirei uns manos do crime
 Pago qualquer fiança, um contrato da Mainstreet
 Levando a cultura do playboy ao desfavorecido
 Com a cara na capa de revista [...] Sou a prova que a favela venceu
 Sou o contrário do que querem pra mim
 Eu pergunto e as favelas respondem
 Fé em Deus, não nos homens (ah)
 Pelo bem da família e dos irmãos
 Pra não ver nosso sangue pelo chão
 Em dia de baile ou de operação
 Fé em Deus, não nos homens"

Os versos de Orochi retratam a superação da pobreza e das desigualdades sociais que decorrem do processo de periferização do espaço. Seus versos mencionam ainda



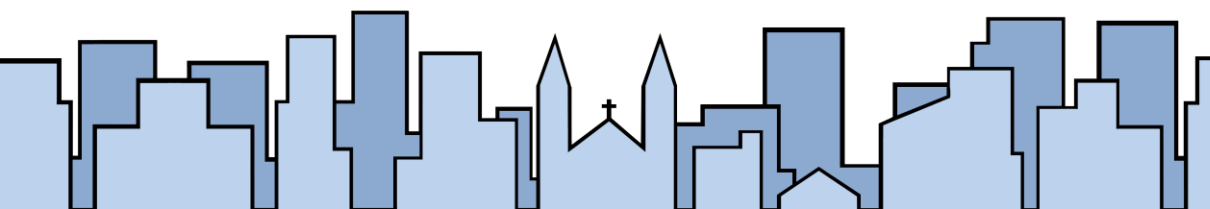
problemas ambientais com a extinção da fauna e as queimadas em biomas, como o Pantanal, por exemplo. Há espaço ainda para um debate sobre políticas públicas para emancipação da população periférica e, o trabalho da construção do imaginário social, sobre a estereotipização desses espaços marginalizados.

8. ENTREVISTA COM LUÃ, FUNDADOR DA BATALHA DO TANQUE

Devido à pandemia de Covid-19, tivemos que adotar medidas para evitar a propagação do vírus, tal como isolamento social. Neste contexto, as entrevistas previstas no projeto foram realizadas na modalidade remota. As entrevistas remotas foram realizadas através de plataformas de videoconferência, tais como o Zoom e o Skype, permitindo que o entrevistado pudesse ser ouvido sem precisar se deslocar fisicamente.

A entrevista foi realizada em agosto de 2022, com a participação de Luã Medeiros, fundador da Batalha do Tanque, que ocorre na cidade de São Gonçalo (RJ). Na entrevista, Luã narra a trajetória da organização da Batalha do Tanque, desde a ideia do seu surgimento, das dificuldades, do reconhecimento, da relação problemática com a política municipal e os casos de truculência policial vividos.

A Batalha conta hoje com um canal oficial no YouTube com mais de um milhão de inscritos. Os 6 vídeos publicados mais

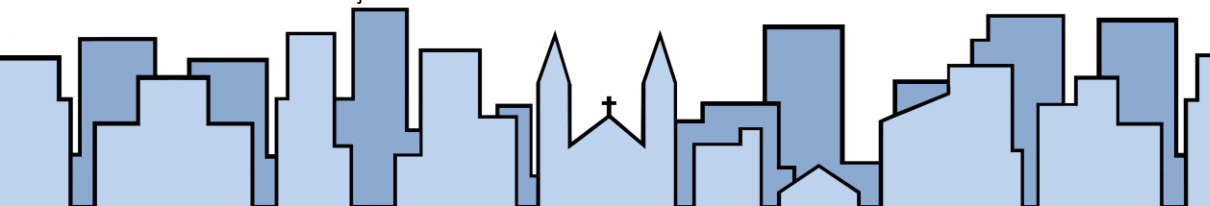


assistidos das batalhas ocorridas somam mais de 40 milhões de visualizações. Durante a entrevista remota, o áudio foi gravado e posteriormente transcrito¹⁰ para que o conteúdo pudesse ser revisado, editado e publicado em sequência.

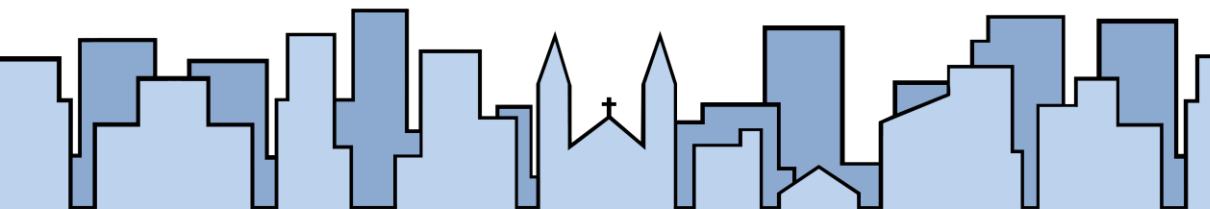
Victor Hugo: Luã, eu queria entender um pouco da história da Batalha do Tanque, de como surgiu a ideia até o sucesso nacional que tem hoje. Além disso, se possível, pode me explicar também sobre a relação com a prefeitura da cidade durante essa trajetória?

Luã Medeiros: *Salve Victor! A Roda Cultural nasceu da necessidade de um evento cultural que abordasse estilos específicos que, tipo assim, só tinha bagulho em São Gonçalo de funk ou de pagode. Eu sou cria de comunidade também e não tinha rap, o único lugar que tinha rap em São Gonçalo era um evento que acontecia no SESC e se chamava Turbilhão Hip-Hop, que tipo assim, os “reliquias” do rap em São Gonçalo iniciaram esse projeto que era um projeto chamado “Geração na Trilha” que era um evento meio que itinerante, rodava por vários lugares e eu acho que tinha apoio do SESC. Depois esse evento acabou indo para dentro do SESC, acho*

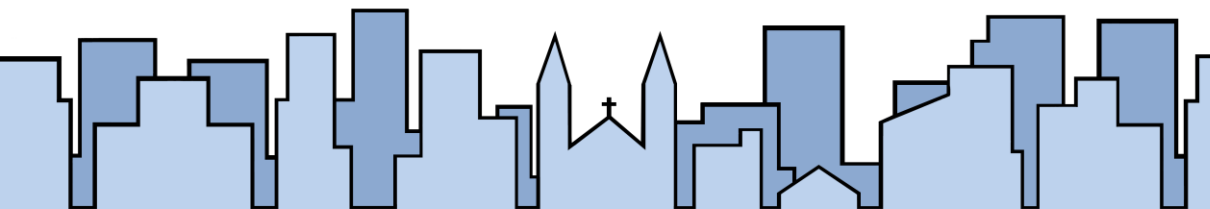
¹⁰ No texto transcrito, optou-se por manter os traços linguísticos que conferem a subjetividade dos entrevistados.

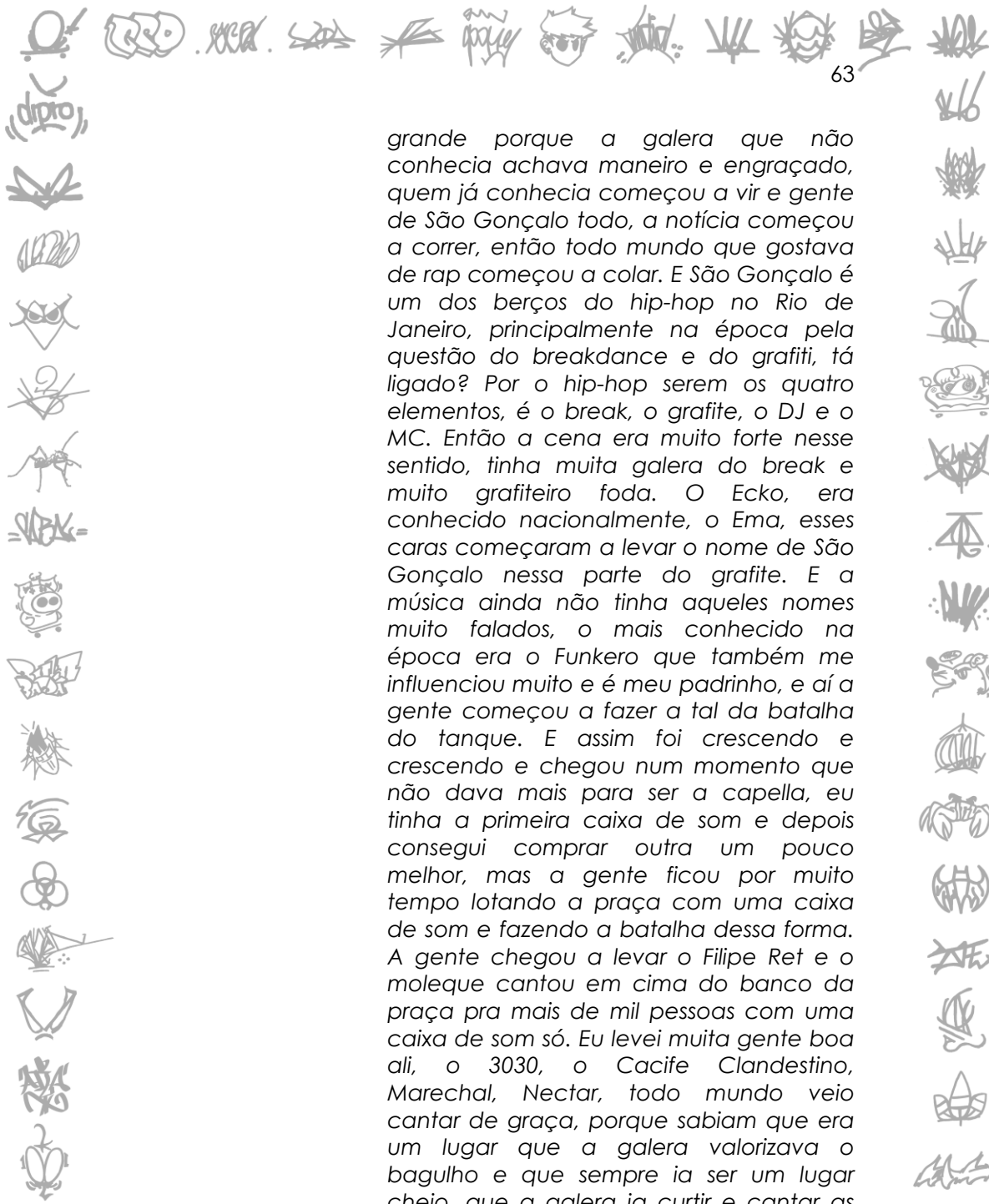


que acontecia uma vez por mês num domingo e se chamava Turbilhão Hip-Hop. Esse evento foi muito importante para outras pessoas conhecerem o hip-hop, até na minha formação mesmo, e aí tipo assim, o Turbilhão acabou durante um tempo e ficou esse hiato sem rolar e uma galera gostava de rap em São Gonçalo, mas para gente curtir um evento ou dar qualquer role a gente tinha que ir pro Rio, tá ligado? Então tipo assim, eu sempre fui muito para Lapa, hoje eu moro em Santa Teresa né, então sempre vivi muito por aqui, mas eu queria fazer algo na minha cidade, tá ligado? Para não ter sempre que sair e tentar constituir uma cena, né? Então a gente começou com essa ideia de querer fazer um evento, eu e alguns amigos na época, a gente estava num churrasco e já tava rolando a Roda Cultural de Botafogo. A Roda Cultural de Botafogo foi acho que a primeira do Circuito, e eu já frequentava e conhecia uma galera e comecei essa ideia de trazer para São Gonçalo e fazer a Roda Cultural de São Gonçalo. E nesse churrasco, era aniversário do Tigrão, Tigrão é um amigo das antigas do rap, a gente trocando essa ideia e falamos "pô, vamos fazer esse bagulho", e todo mundo colocou muita fé e na hora de fazer acabou sendo eu sozinho, e durante muito tempo fui eu sozinho, levando som, apresentando, sendo DJ. E com o tempo foram aparecendo algumas pessoas muito importantes para essa parada acontecer, tá ligado? No começo a gente levava violão, um amigo com ukulelê, outro com cajón, e a gente ia fazendo um som, com freestyle, os MCs que rimavam iam

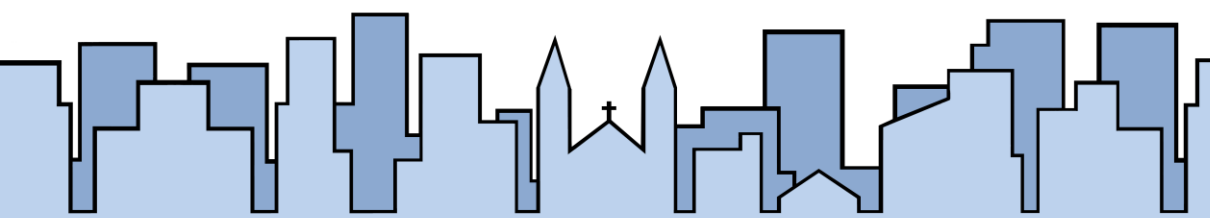


rimando em cima do instrumental que era feito ali e a gente começou a fazer uma biblioteca itinerante com a galera trazendo livros e a gente doava, fazendo troca. Se você era poeta, podia ir até lá recitar seus poemas, ou pendurá-los e expor seus quadros. A gente tentava fazer uma Roda Cultural de verdade, e começou a ser um lugar de agregar pessoas que não se sentiam acolhidas porque não tinham espaço em outros lugares. A cena rock em São Gonçalo estava muito fraca, o rap não havia nada, então toda essa galera que não pertencia ao funk e o pagode começava a ir para Batalha do Tanque. Então aquela reunião que de início era de dez a vinte cabeças fazendo um som, aumentou para trinta, a galera da UERJ saía e começava a colar e nessa que começou a ter umas cinquenta e sessenta pessoas. Na brincadeira dessas rimas ali na hora rolou a primeira batalha, na brincadeira assim né. A batalha de MCs já é algo clássico assim na cena rap, tipo, eu fui criado praticamente vendo a batalha do real acontecer aqui na Lapa, porque frequentava desde os quatorze anos e quando vi os moleques batalhando e vi a galera curtindo me deu aquela visão de que poderia ser uma Roda Cultural que dentro tem uma batalha. E aí eu pensei na batalha e tinha o tanque enorme na Praça dos Ex-Combatentes e falei "Batalha do Tanque". E aí pegou, a gente começou a fazer a batalha que era a capella com um som desses das casas Bahia, tá ligado? Porque eu tinha comprado na época, e a parada começou a crescer irmão. A parada de batalhar foi algo que deu uma visibilidade

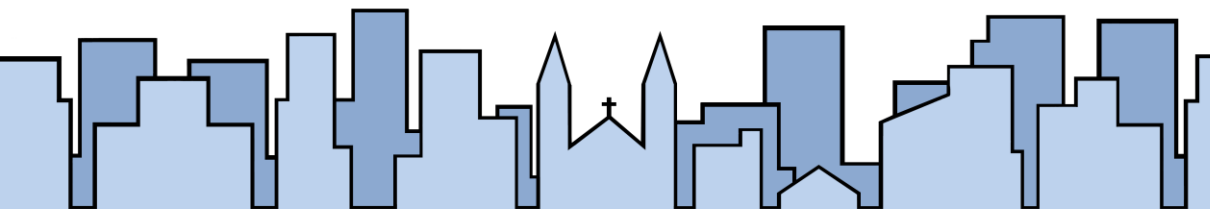


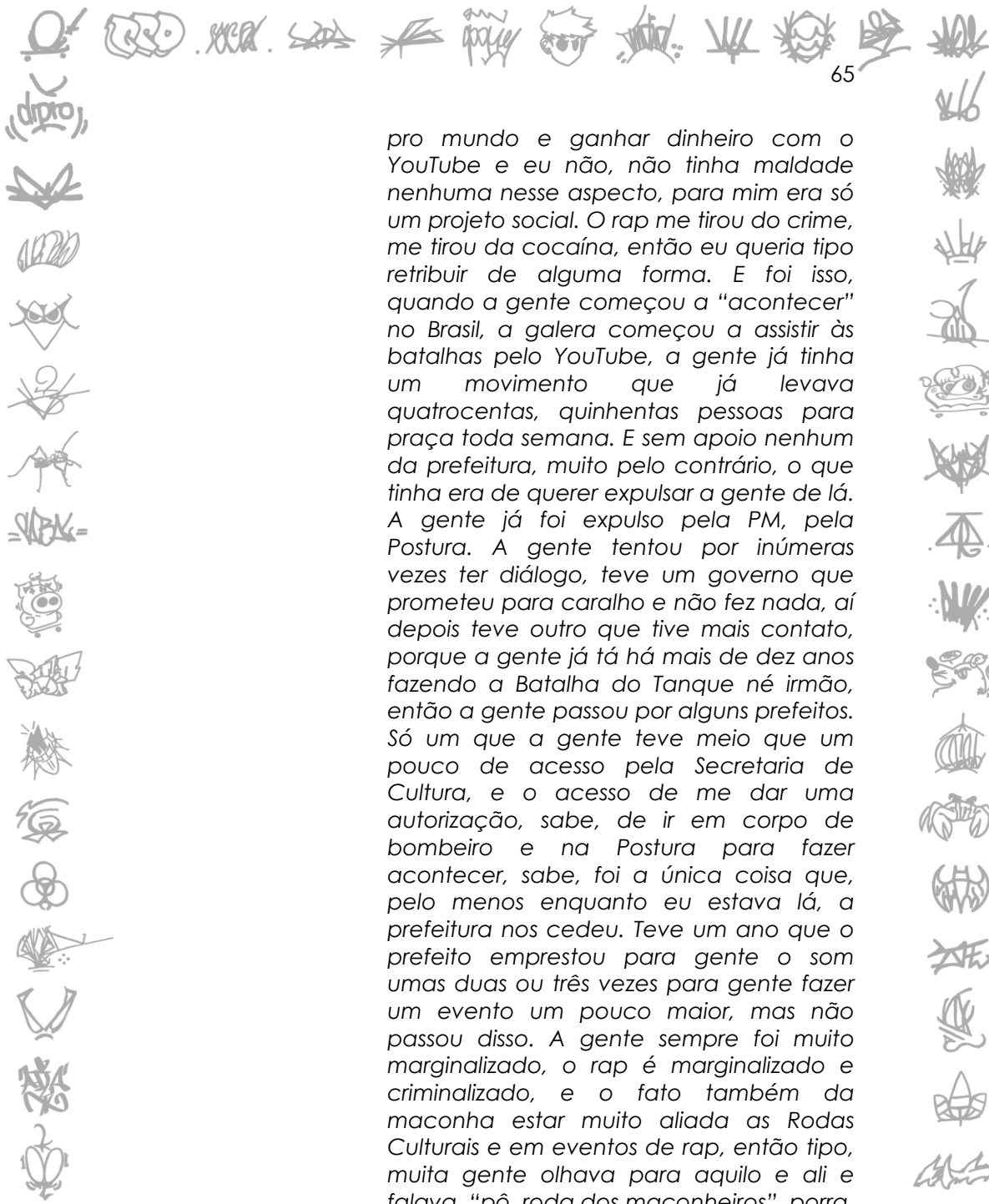


grande porque a galera que não conhecia achava maneiro e engraçado, quem já conhecia começou a vir e gente de São Gonçalo todo, a notícia começou a correr, então todo mundo que gostava de rap começou a colar. E São Gonçalo é um dos berços do hip-hop no Rio de Janeiro, principalmente na época pela questão do breakdance e do grafite, tá ligado? Por o hip-hop serem os quatro elementos, é o break, o grafite, o DJ e o MC. Então a cena era muito forte nesse sentido, tinha muita galera do break e muito grafiteiro foda. O Ecko, era conhecido nacionalmente, o Ema, esses caras começaram a levar o nome de São Gonçalo nessa parte do grafite. E a música ainda não tinha aqueles nomes muito falados, o mais conhecido na época era o Funkero que também me influenciou muito e é meu padrinho, e aí a gente começou a fazer a tal da batalha do tanque. E assim foi crescendo e crescendo e chegou num momento que não dava mais para ser a capella, eu tinha a primeira caixa de som e depois consegui comprar outra um pouco melhor, mas a gente ficou por muito tempo lotando a praça com uma caixa de som e fazendo a batalha dessa forma. A gente chegou a levar o Filipe Ret e o moleque cantou em cima do banco da praça pra mais de mil pessoas com uma caixa de som só. Eu levei muita gente boa ali, o 3030, o Cacife Clandestino, Marechal, Nectar, todo mundo veio cantar de graça, porque sabiam que era um lugar que a galera valorizava o bagulho e que sempre ia ser um lugar cheio, que a galera ia curtir e cantar as

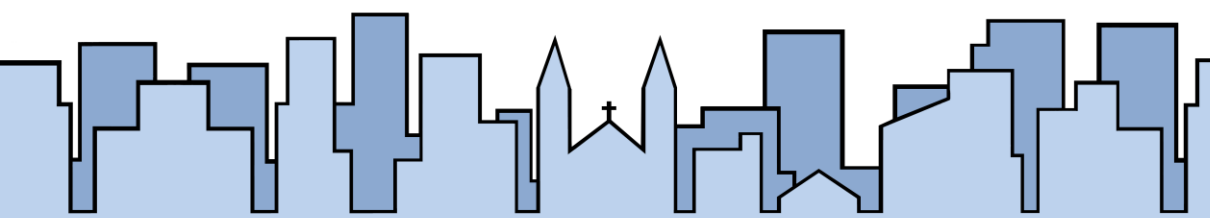


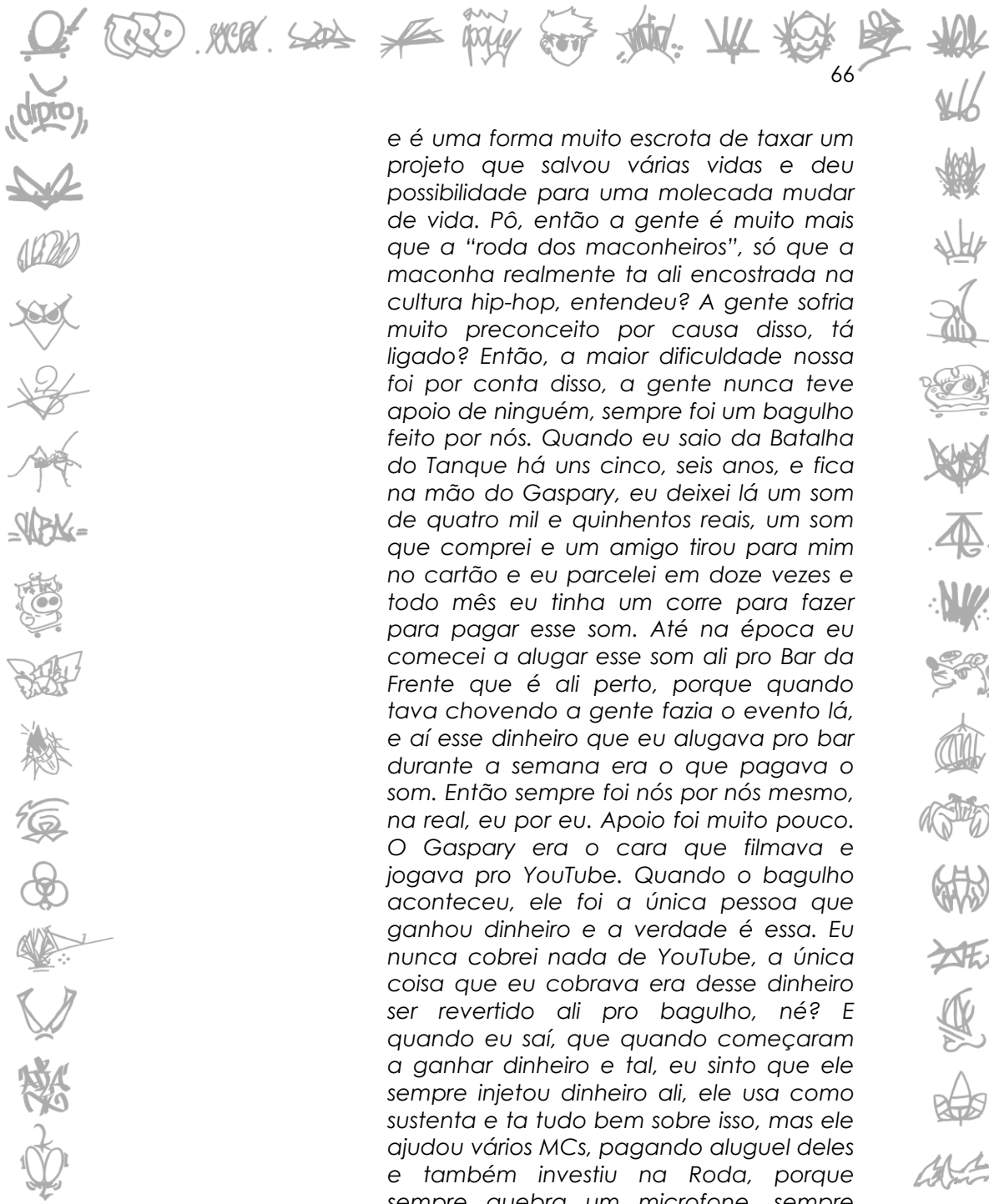
músicas e aí nesse momento que eu tava fazendo sozinho, começaram a surgir pessoas muito importantes. De verdade quem meteu a mão e me ajudou, vários amigos ajudaram em alguma coisa ou outra, em determinado momento, mas os caras que acabaram sendo fiel mesmo para fazer a parada acontecer foi o DJ Arrá, que é falecido. Esse cara foi muito importante porque ele era meu braço direito, real assim, às vezes a gente precisava puxar uma luz do poste e ele quem subia pra fazer, enquanto eu já articulava outras coisas que ele não dava conta. Então essa dupla deu certo ali, ta ligado? Ele infelizmente tinha muito problema com droga, era um cara muito acelerado e eu conseguia controlar essa parada nele de certa forma, e nesse meio tempo surgiu o Felipe Gaspary, que hoje é o atual responsável pela Batalha do Tanque, que foi um mano que tinha um trabalho e chegava um pouco mais tarde, a parada já tava acontecendo e ele já trabalhava com bagulho de vídeo, eu não entendia muito na época e ele começou a filmar as batalhas e colocar no canal dele. E não tinha a menor maldade e não imaginava que o bagulho iria estourar no Brasil inteiro. Eu só queria fazer aquilo dali, pelo que te falei, faltavam coisas, eventos de rap para quem gostava de rap. Então era até numa forma de poder me divertir e criar uma network para lançar minhas músicas para poder ter um público, para amanhã ou depois levar para uma casa e cobrar uma entrada, porque isso foi feito também né. E o Gaspary surge nesse momento, mas ele já tinha uma visão de mostrar isso



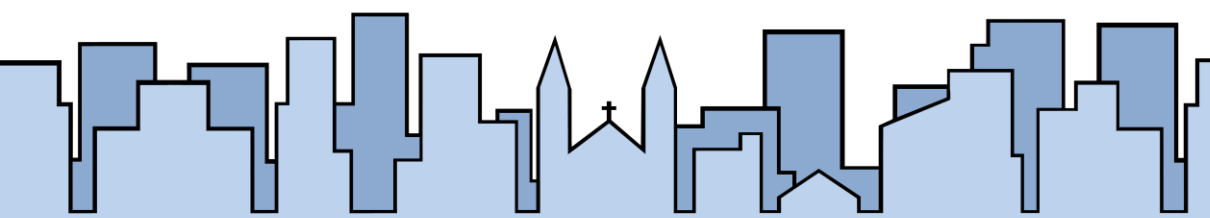


pro mundo e ganhar dinheiro com o YouTube e eu não, não tinha maldade nenhuma nesse aspecto, para mim era só um projeto social. O rap me tirou do crime, me tirou da cocaína, então eu queria tipo retribuir de alguma forma. E foi isso, quando a gente começou a “acontecer” no Brasil, a galera começou a assistir às batalhas pelo YouTube, a gente já tinha um movimento que já levava quatrocentas, quinhentas pessoas para praça toda semana. E sem apoio nenhum da prefeitura, muito pelo contrário, o que tinha era de querer expulsar a gente de lá. A gente já foi expulso pela PM, pela Postura. A gente tentou por inúmeras vezes ter diálogo, teve um governo que prometeu para caralho e não fez nada, aí depois teve outro que tive mais contato, porque a gente já tá há mais de dez anos fazendo a Batalha do Tanque né irmão, então a gente passou por alguns prefeitos. Só um que a gente teve meio que um pouco de acesso pela Secretaria de Cultura, e o acesso de me dar uma autorização, sabe, de ir em corpo de bombeiro e na Postura para fazer acontecer, sabe, foi a única coisa que, pelo menos enquanto eu estava lá, a prefeitura nos cedeu. Teve um ano que o prefeito emprestou para gente o som umas duas ou três vezes para gente fazer um evento um pouco maior, mas não passou disso. A gente sempre foi muito marginalizado, o rap é marginalizado e criminalizado, e o fato também da maconha estar muito aliada as Rodas Culturais e em eventos de rap, então tipo, muita gente olhava para aquilo e ali e falava, “pô, roda dos maconheiros”, porra,

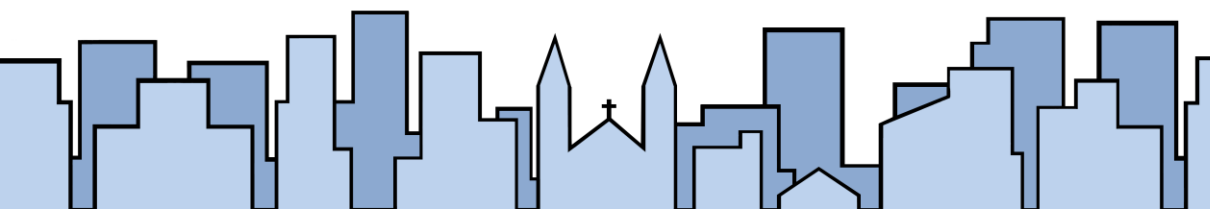


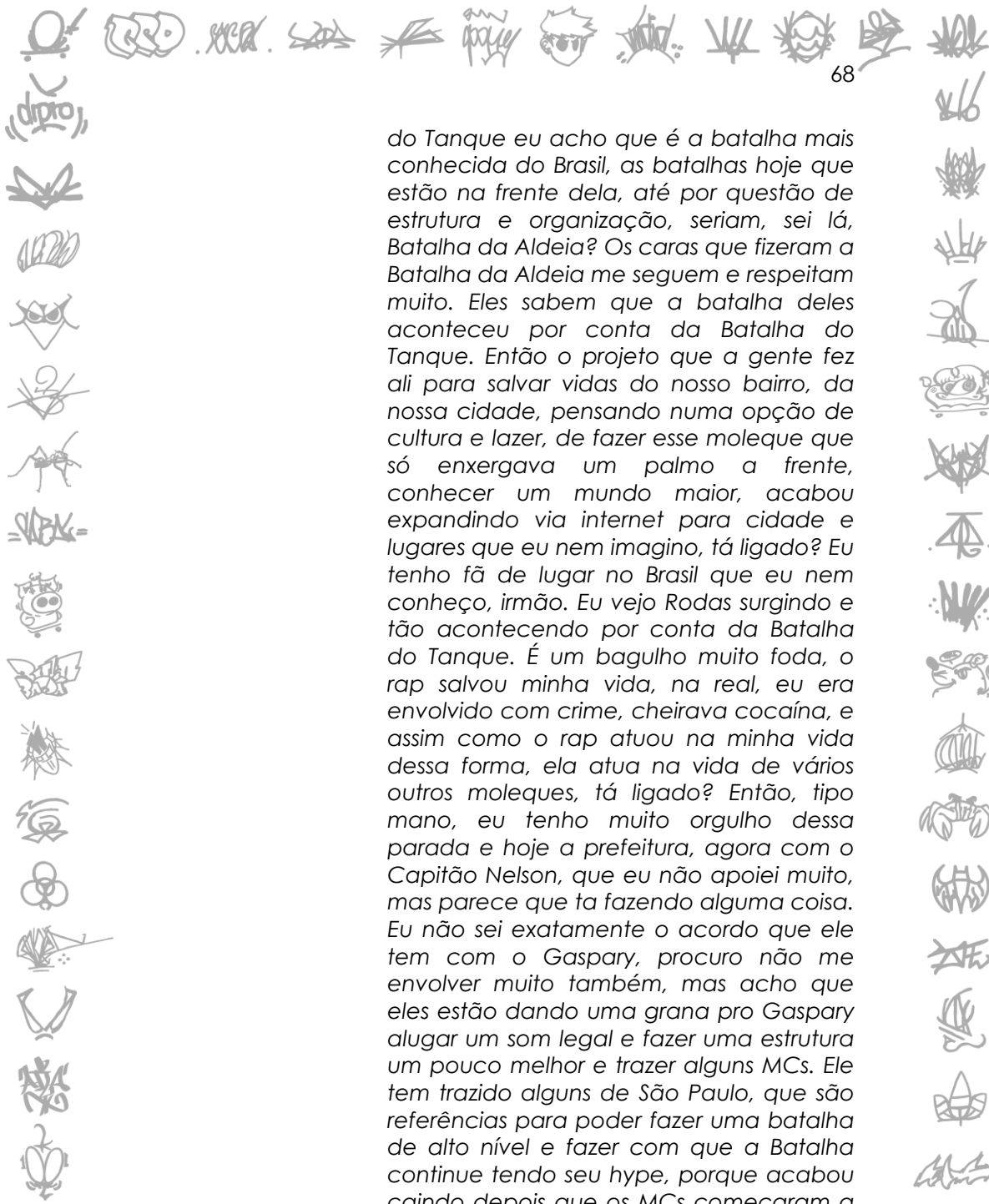


e é uma forma muito escura de taxar um projeto que salvou várias vidas e deu possibilidade para uma molecada mudar de vida. Pô, então a gente é muito mais que a "roda dos maconheiros", só que a maconha realmente ta ali encostrada na cultura hip-hop, entendeu? A gente sofria muito preconceito por causa disso, tá ligado? Então, a maior dificuldade nossa foi por conta disso, a gente nunca teve apoio de ninguém, sempre foi um bagulho feito por nós. Quando eu saio da Batalha do Tanque há uns cinco, seis anos, e fica na mão do Gaspary, eu deixei lá um som de quatro mil e quinhentos reais, um som que comprei e um amigo tirou para mim no cartão e eu parcelei em doze vezes e todo mês eu tinha um corre para fazer para pagar esse som. Até na época eu comecei a alugar esse som ali pro Bar da Frente que é ali perto, porque quando tava chovendo a gente fazia o evento lá, e aí esse dinheiro que eu alugava pro bar durante a semana era o que pagava o som. Então sempre foi nós por nós mesmo, na real, eu por eu. Apoio foi muito pouco. O Gaspary era o cara que filmava e jogava pro YouTube. Quando o bagulho aconteceu, ele foi a única pessoa que ganhou dinheiro e a verdade é essa. Eu nunca cobre nada de YouTube, a única coisa que eu cobrava era desse dinheiro ser revertido ali pro bagulho, né? E quando eu saí, que quando começaram a ganhar dinheiro e tal, eu sinto que ele sempre injetou dinheiro ali, ele usa como sustenta e ta tudo bem sobre isso, mas ele ajudou vários MCs, pagando aluguel deles e também investiu na Roda, porque sempre quebra um microfone, sempre

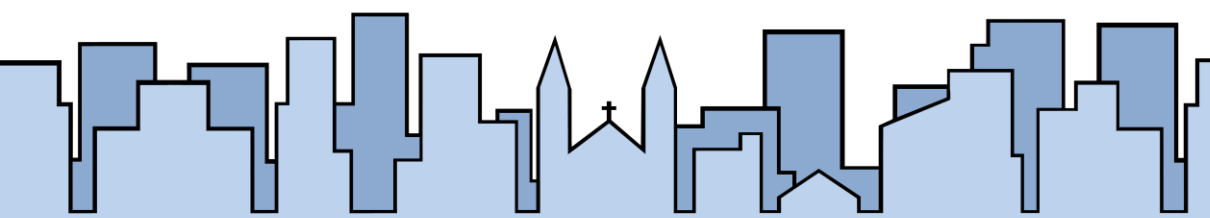


precisa de som novo, sempre tem um gasto, sacou? Até mesmo de passagem e alimentação para ta ali toda semana e fazer acontecer. Só que a parada do YouTube cresceu de uma forma que ninguém esperava né mano, tem um milhão de inscritos e ganhou muito dinheiro com essa parada. Hoje analisando, faltou maldade da minha parte, era para gente ter criado um canal com o nome da Batalha do Tanque, era para gente ter dividido esse canal entre nós dois e não, só quem teve monetização e ganhou dinheiro com isso foi ele. Eu nunca ganhei dinheiro com Batalha do Tanque e sou o fundador, sou o cara que tomou muito para fazer esse bagulho acontecer e a maioria chegou com a parada já feita, tá ligado? E acabou lucrando com isso. Mas o mundo é injusto, eu sou um produtor musical, trabalhei com a maioria desses artistas que hoje estão ricos, eu não tô e a maioria finge que eu não existo, mas eu tô vacinado contra isso. Para mim o mais importante era o movimento seguir, o Gaspary tem algumas linhas de raciocínio que eu não concordo, a gente é amigo, mas a gente pensa diferente, então pro bagulho continuar acontecendo eu tive que deixar na mão do cara que eu não achava que teria o pulso que eu tinha, os mesmos ideais, e foi um pouco do que aconteceu. Assim que saí as batalhas começaram a não ter mais regras, foram para níveis que eu mesmo não curti em muitos aspectos em níveis de falar qualquer coisa, de não ter o mínimo de respeito. Só que isso para questão comercial deu certo né? Hoje a Batalha





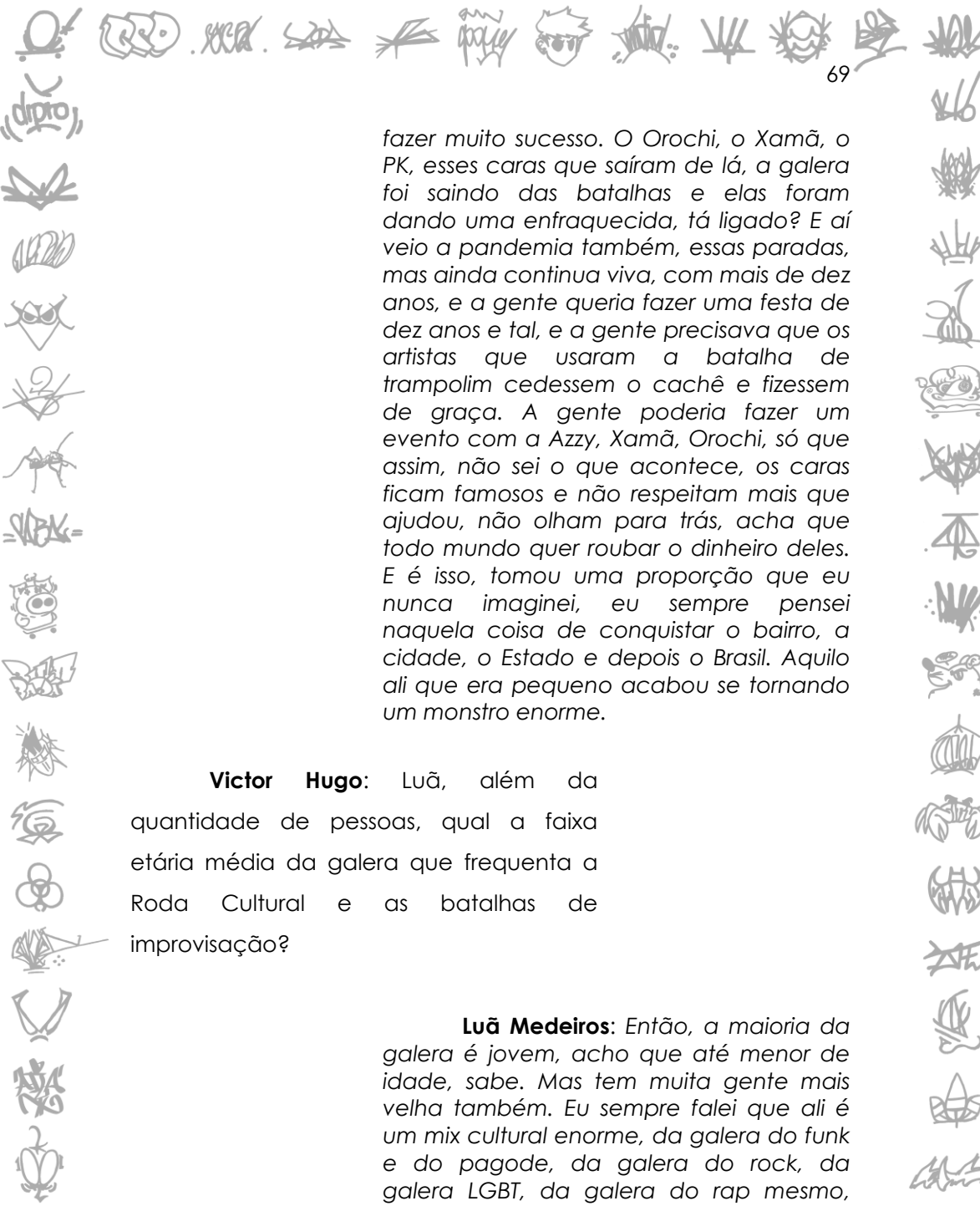
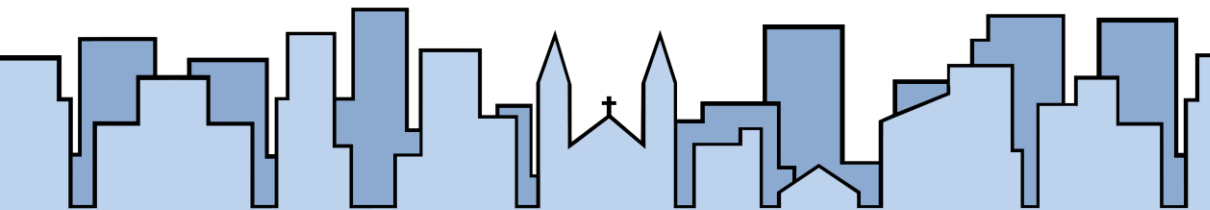
do Tanque eu acho que é a batalha mais conhecida do Brasil, as batalhas hoje que estão na frente dela, até por questão de estrutura e organização, seriam, sei lá, Batalha da Aldeia? Os caras que fizeram a Batalha da Aldeia me seguem e respeitam muito. Eles sabem que a batalha deles aconteceu por conta da Batalha do Tanque. Então o projeto que a gente fez ali para salvar vidas do nosso bairro, da nossa cidade, pensando numa opção de cultura e lazer, de fazer esse moleque que só enxergava um palmo a frente, conhecer um mundo maior, acabou expandindo via internet para cidade e lugares que eu nem imagino, tá ligado? Eu tenho fã de lugar no Brasil que eu nem conheço, irmão. Eu vejo Rodas surgindo e tão acontecendo por conta da Batalha do Tanque. É um bagulho muito foda, o rap salvou minha vida, na real, eu era envolvido com crime, cheirava cocaína, e assim como o rap atuou na minha vida dessa forma, ela atua na vida de vários outros moleques, tá ligado? Então, tipo mano, eu tenho muito orgulho dessa parada e hoje a prefeitura, agora com o Capitão Nelson, que eu não apoiei muito, mas parece que ta fazendo alguma coisa. Eu não sei exatamente o acordo que ele tem com o Gaspary, procuro não me envolver muito também, mas acho que eles estão dando uma grana pro Gaspary alugar um som legal e fazer uma estrutura um pouco melhor e trazer alguns MCs. Ele tem trazido alguns de São Paulo, que são referências para poder fazer uma batalha de alto nível e fazer com que a Batalha continue tendo seu hype, porque acabou caindo depois que os MCs começaram a



fazer muito sucesso. O Orochi, o Xamã, o PK, esses caras que saíram de lá, a galera foi saindo das batalhas e elas foram dando uma enfraquecida, tá ligado? E aí veio a pandemia também, essas paradas, mas ainda continua viva, com mais de dez anos, e a gente queria fazer uma festa de dez anos e tal, e a gente precisava que os artistas que usaram a batalha de trampolim cedessem o cachê e fizessem de graça. A gente poderia fazer um evento com a Azzy, Xamã, Orochi, só que assim, não sei o que acontece, os caras ficam famosos e não respeitam mais que ajudou, não olham para trás, acha que todo mundo quer roubar o dinheiro deles. E é isso, tomou uma proporção que eu nunca imaginei, eu sempre pensei naquela coisa de conquistar o bairro, a cidade, o Estado e depois o Brasil. Aquilo ali que era pequeno acabou se tornando um monstro enorme.

Victor Hugo: Luã, além da quantidade de pessoas, qual a faixa etária média da galera que frequenta a Roda Cultural e as batalhas de improvisação?

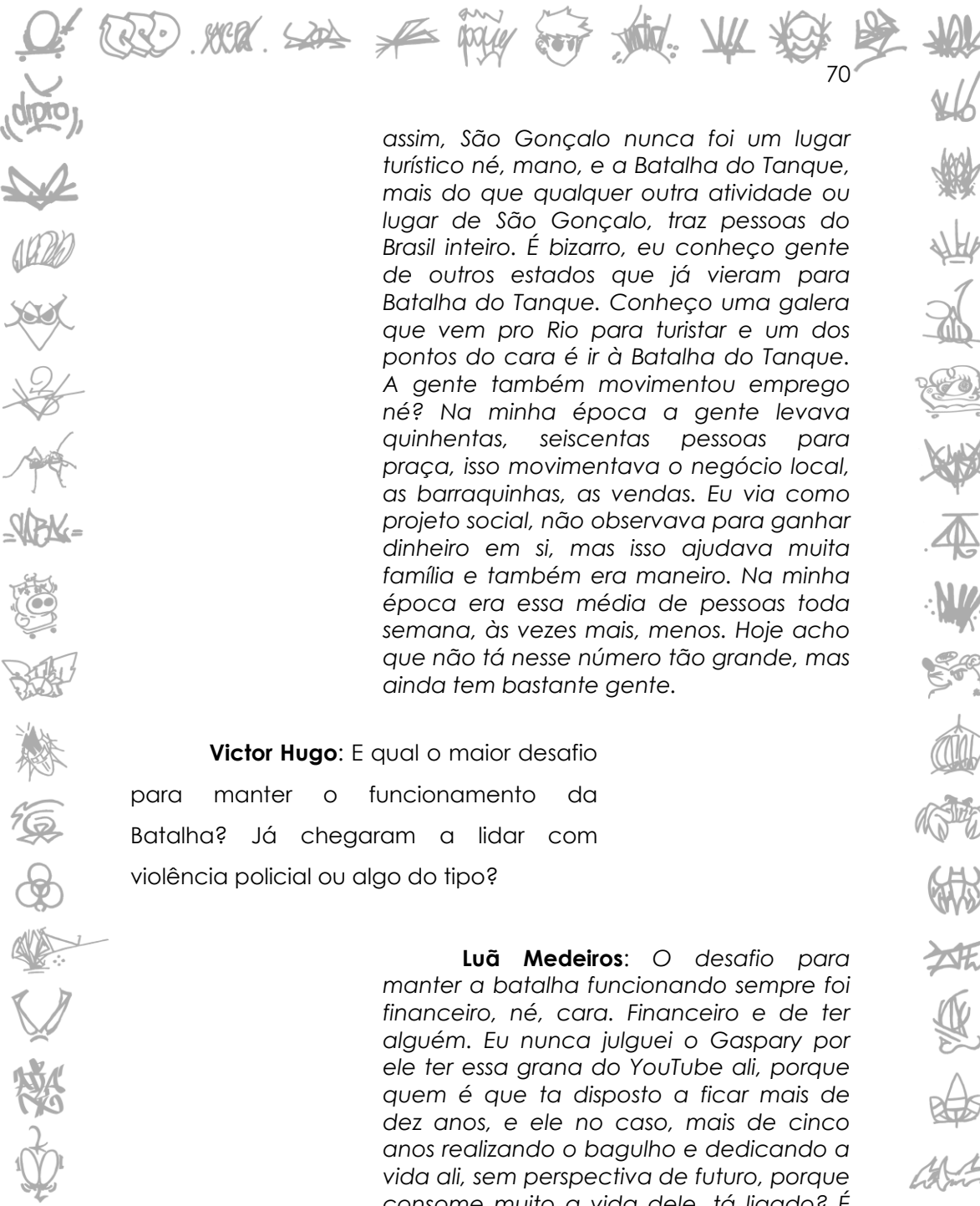
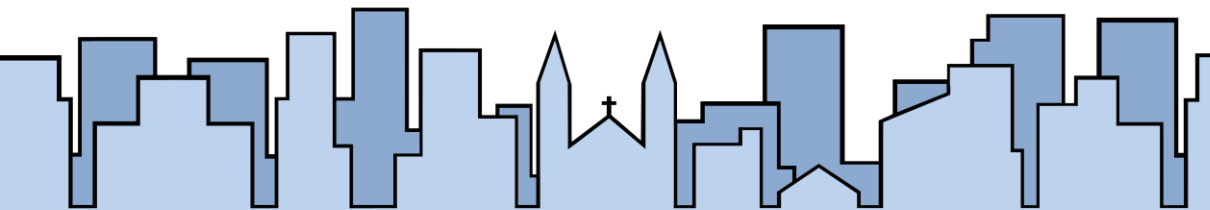
Luã Medeiros: Então, a maioria da galera é jovem, acho que até menor de idade, sabe. Mas tem muita gente mais velha também. Eu sempre falei que ali é um mix cultural enorme, da galera do funk e do pagode, da galera do rock, da galera LGBT, da galera do rap mesmo, entendeu? E o mais maneiro, mano, é que



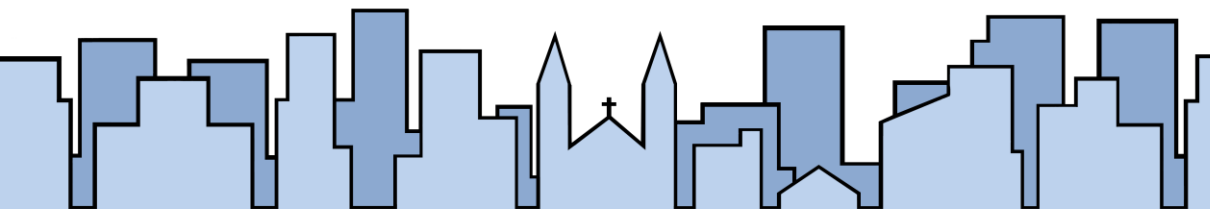
assim, São Gonçalo nunca foi um lugar turístico né, mano, e a Batalha do Tanque, mais do que qualquer outra atividade ou lugar de São Gonçalo, traz pessoas do Brasil inteiro. É bizarro, eu conheço gente de outros estados que já vieram para Batalha do Tanque. Conheço uma galera que vem pro Rio para turistar e um dos pontos do cara é ir à Batalha do Tanque. A gente também movimentou emprego né? Na minha época a gente levava quinhentas, seiscentas pessoas para praça, isso movimentava o negócio local, as barraquinhas, as vendas. Eu via como projeto social, não observava para ganhar dinheiro em si, mas isso ajudava muita família e também era maneiro. Na minha época era essa média de pessoas toda semana, às vezes mais, menos. Hoje acho que não tá nesse número tão grande, mas ainda tem bastante gente.

Victor Hugo: E qual o maior desafio para manter o funcionamento da Batalha? Já chegaram a lidar com violência policial ou algo do tipo?

Luã Medeiros: O desafio para manter a batalha funcionando sempre foi financeiro, né, cara. Financeiro e de ter alguém. Eu nunca julguei o Gaspary por ele ter essa grana do YouTube ali, porque quem é que tá disposto a ficar mais de dez anos, e ele no caso, mais de cinco anos realizando o bagulho e dedicando a vida ali, sem perspectiva de futuro, porque consome muito a vida dele, tá ligado? É



evento semanal mano, fazer evento toda semana e o menor não consegue estudar e realizar outro bagulho. Nada mais justo que ele também sobreviva, tipo assim, a parada era ter investimento de verdade. Um evento cultural que acontece há mais de dez anos sem ajuda de prefeitura. Só na gana e na força de quem tá realizando o bagulho. Em qualquer outro lugar do mundo seria muito respeitado e teria muito apoio. Aqui não, é São Gonçalo, aquelas coisas né... Sou exemplo de que a cultura, a música, a arte, salva as pessoas, tá ligado? Acho que nosso país só melhora quando tiver mais investimento em esporte, educação, arte e cultura. Esse é o bagulho! O moleque que tá envolvido no esporte, com a arte, ele não vai pro crime. Se o moleque tá sozinho, não tem o que fazer, a referência que ele tem é só dos caras do crime, irmão. A gente botou um evento ali onde os moleques começaram a olhar pros caras da boca e começaram a olhar para nós, aí via nós ali bombando no Brasil inteiro, rimando, virando referência, e começaram a olhar pros MCs em vez de olhar pro tráfico. Então essa era nossa fita. E no meio disso tudo, a gente tentando tirar os moleques do tráfico, para parar de dar tiro na polícia, a polícia ia lá e expulsava nós. Teve uma vez que a gente foi expulsa da praça com eles apontando fuzil para gente, dando tiro de bala de borracha, tacando spray de pimenta, e tinha criança. Meu filho frequentava a Roda Cultural desde o dia que nasceu, nesse dia, graças a Deus, ele não estava. A gente correu, foi muito no reflexo. Cada um que ajudava a organizar ali pegou

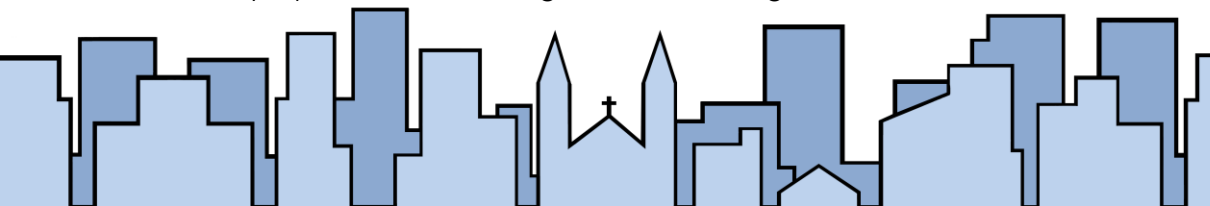


uma caixa de som e levou pro meu carro, porque vieram na intenção de quebrar o som, como se fosse um baile funk. Esse dia eu quase apanhei da polícia, nós discutimos, foi uma ação muito truculenta. E sempre foi assim, só que teve um momento, logo nos primeiros anos que a polícia não deixava a gente ligar o som, toda vez que a gente ligava, eles mandavam desligar. Eu sempre contestava dizendo ser ocupação de espaço público e que eles não tinham esse direito, e eles sempre falavam várias leis que nem mesmo conheciam, para falar que eu estava errado. E depois disso fizemos uma "Roda da Resistência", que era uma Roda sem som, a gente só levava os instrumentos e a se reunia lá. A gente ficou um mês, dois meses se reunindo e lotando a praça. Chegou um momento que os caras perceberam que a gente não iria sair e não ia adiantar expulsar a gente. Acho que hoje não tem mais essa repressão policial toda não, mas com certeza tem muito preconceito por ser uma Roda de rap e também pela questão da maconha.

9. ENTREVISTA COM GC DUPAIVA,

CAMPEÃO GONÇALENSE DE FREESTYLE

GC DUPaiva é um rapper gonçalense campeão de Freestyle pela cidade. Em agosto de 2022, a gravadora do artista



Caverna do Dragão Records disponibilizou o videoclipe “Jovem Negro”. Em fevereiro de 2023, divulgou em seu canal oficial o videoclipe da música “Vitória”, seu mais recente trabalho fonográfico, disponível em várias plataformas de Streaming como Spotify, Deezer e Amazon Music. A produção, filmagem, edição e direção dos videoclipes foram realizados por Luã Gordo, fundador da Batalha do Tanque. A entrevista também foi realizada de forma remota, em outubro de 2022, com o conteúdo do áudio transcrito, conforme disponibilizado a seguir.

Victor Hugo: Pode nos contar um pouco sobre sua trajetória no Rap?

GC DUPaiva: *Victor, comecei no Rap em 2015, quando a Batalha do Tanque estava muito em alta, principalmente em SG, conheci as batalhas pelo Orochi e fui lentamente tentando aprender a rimar porque queria participar das rodinhas de rima na escola. E de tanto treinar, consegui pegar o jeito e aí segui tentando conhecer mais e mais a cultura Hip-Hop, comecei a escutar mais músicas e ler mais sobre, fui conhecendo relíquias como Racionais, RZO, Sabotage, Expressão Ativa e também a nova geração da época... Minha primeira batalha foi em 2017, que foi quando fui morar em Iguaba e participei da Roda Cultural da Estação, numa praça da cidade, perdi na segunda fase e depois disso só voltei a batalhar em 2020, quando eu já estava de volta a SG. Em 2020, na Batalha da Selva virei o maior*

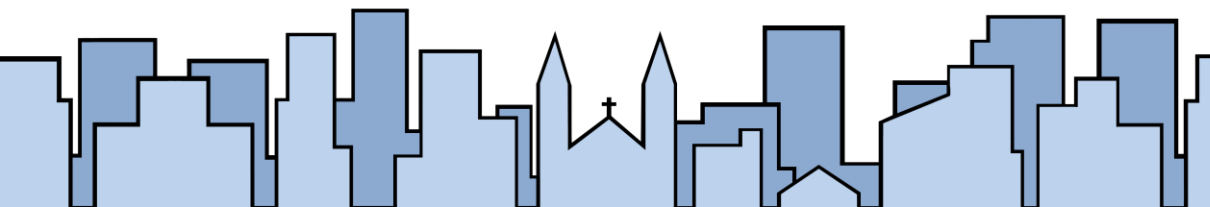
campeão e ganhei o título de Rei da Selva no final do ano, depois disso segui batalhando, fui a Niterói, ganhei algumas batalhas por lá e em 2021 fui campeão Municipal aqui em SG.

Victor Hugo: Como é ser um artista em São Gonçalo e representar a cidade?

GC DUPaiva: Ser um Artista em SG não é fácil porque aqui carece um pouco de apoio a arte na minha visão, se não fosse algumas correrias dobradas de uma galera, a prefeitura não daria 1% de apoio, então é complicado, e também em 2022 SG não tá mais naquele hype que tivemos de 2015 até 2017, então a visibilidade deu uma diminuída também. Representar a cidade é muito gratificante para mim, e também é bem pesado porque SG tem um nome forte na cena do Rap, na história do RapBR atual, SG é uma das cidades mais importantes, então é muito gratificante, aonde vou, viso levar o nome da minha cidade sabendo do peso que esse nome tem também. O bom aqui é que a galera abraça muito, pelo menos do meio do rap, então aonde vamos pela cidade somos bem recebidos e isso nos motiva muito a seguir em frente!

Victor Hugo: O que o Rap e a cultura Hip-Hop significam pra você?

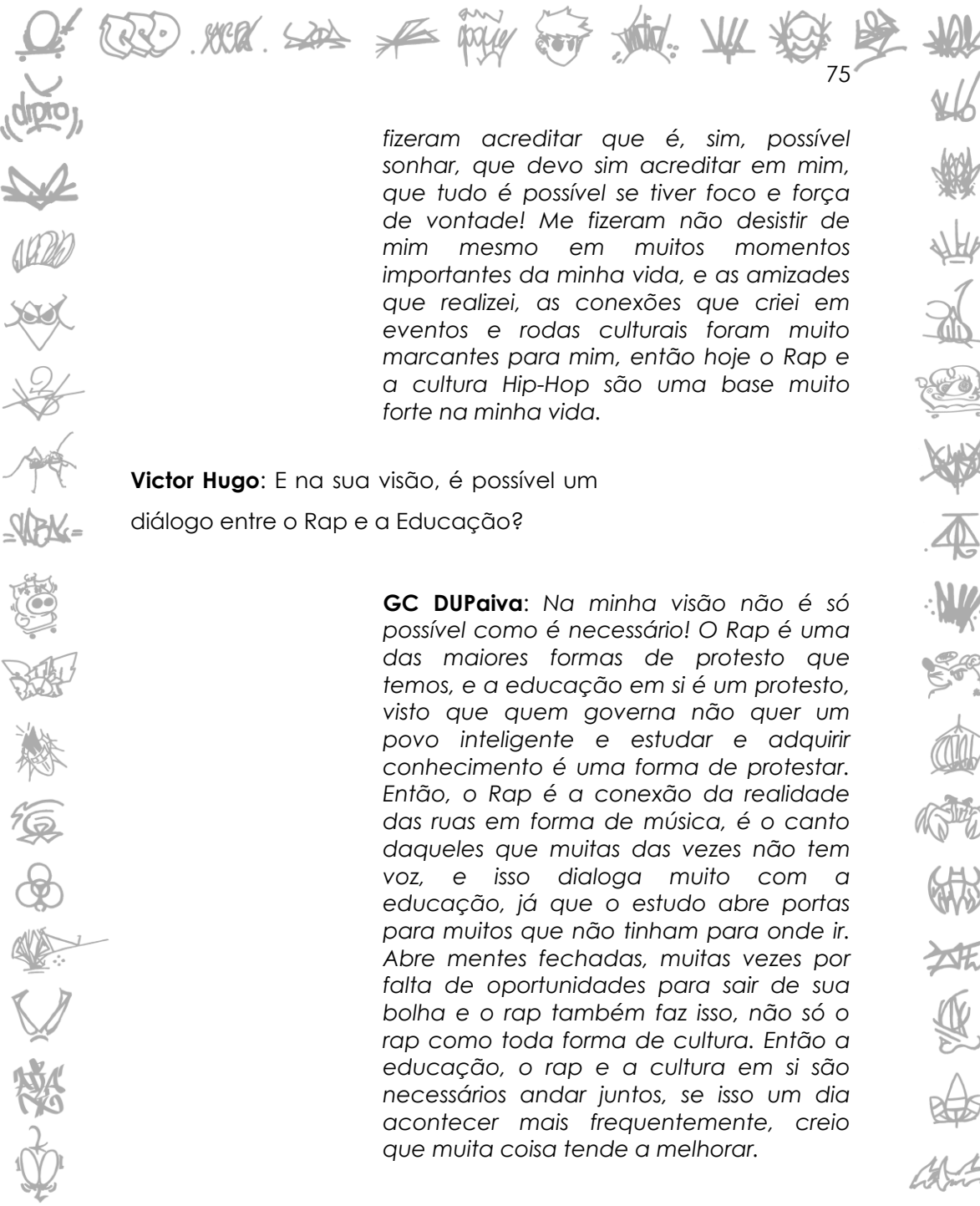
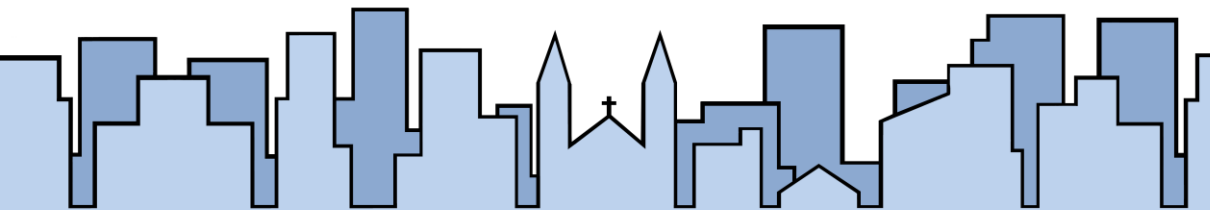
GC DUPaiva: o Rap e a Cultura Hip-Hop significam esperança para mim. Me

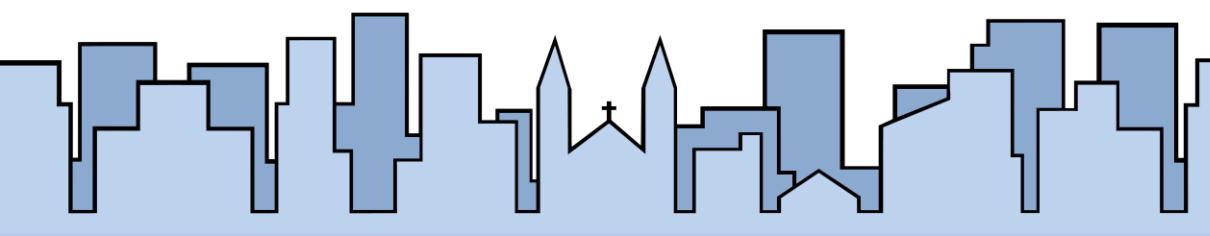
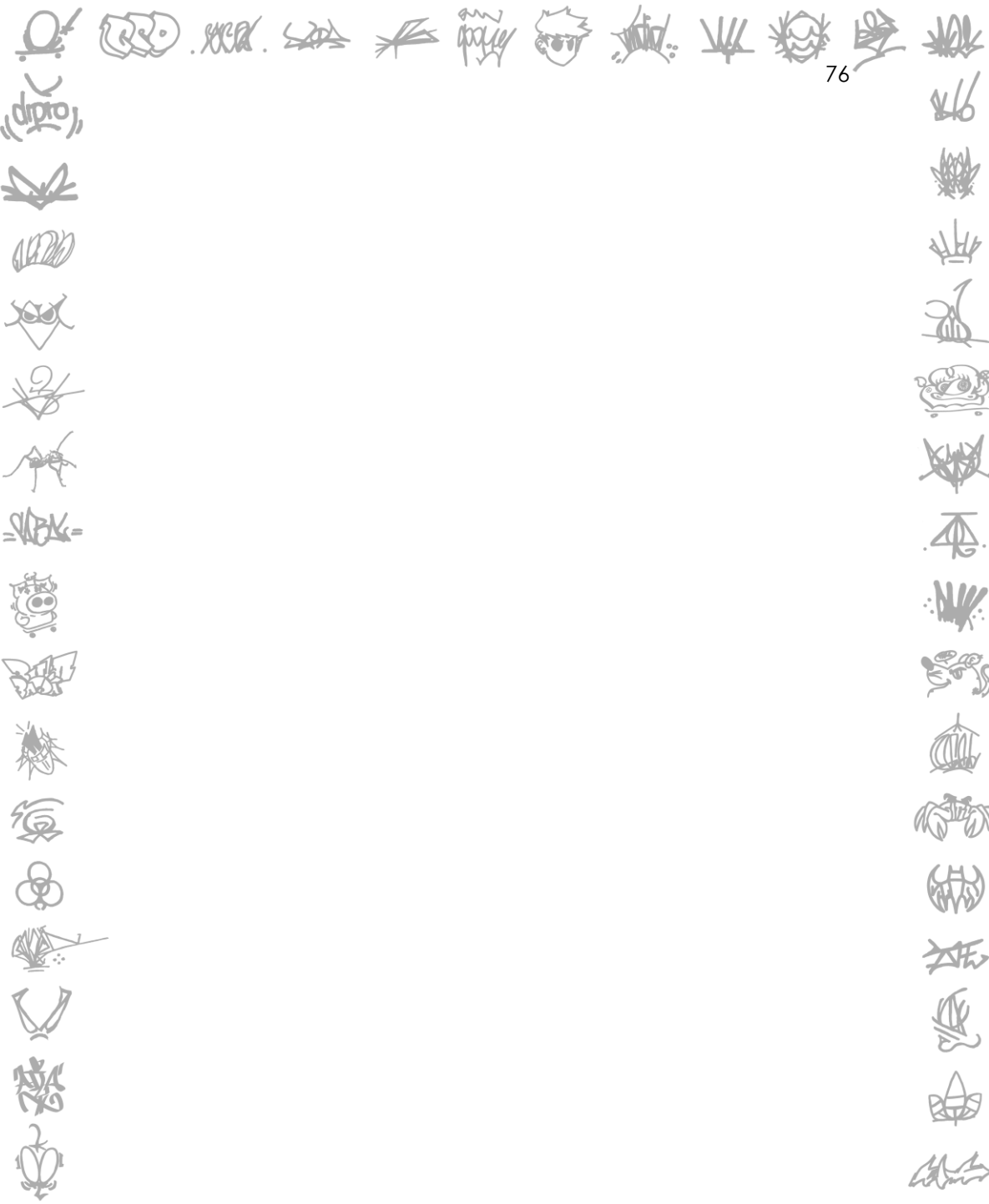


fizeram acreditar que é, sim, possível sonhar, que devo sim acreditar em mim, que tudo é possível se tiver foco e força de vontade! Me fizeram não desistir de mim mesmo em muitos momentos importantes da minha vida, e as amizades que realizei, as conexões que criei em eventos e rodas culturais foram muito marcantes para mim, então hoje o Rap e a cultura Hip-Hop são uma base muito forte na minha vida.

Victor Hugo: E na sua visão, é possível um diálogo entre o Rap e a Educação?

GC DUPaiva: Na minha visão não é só possível como é necessário! O Rap é uma das maiores formas de protesto que temos, e a educação em si é um protesto, visto que quem governa não quer um povo inteligente e estudar e adquirir conhecimento é uma forma de protestar. Então, o Rap é a conexão da realidade das ruas em forma de música, é o canto daqueles que muitas das vezes não tem voz, e isso dialoga muito com a educação, já que o estudo abre portas para muitos que não tinham para onde ir. Abre mentes fechadas, muitas vezes por falta de oportunidades para sair de sua bolha e o rap também faz isso, não só o rap como toda forma de cultura. Então a educação, o rap e a cultura em si são necessários andar juntos, se isso um dia acontecer mais frequentemente, creio que muita coisa tende a melhorar.



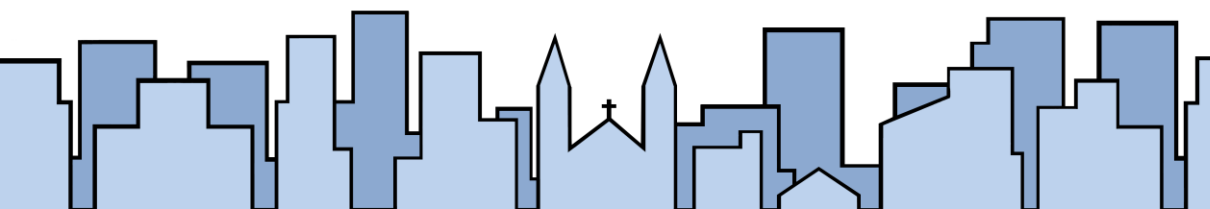


CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao chegarmos ao final desta jornada, é importante refletirmos sobre as descobertas e considerar as possibilidades futuras dessa convergência rica e promissora, as aprendizagens adquiridas e as oportunidades que se abrem para o futuro. Este livro buscou desvendar as geografias sonoras e culturais de uma cidade que se destaca como um berço de talentos do Hip-Hop, ao mesmo tempo apresentou o potencial educacional dessa forma de expressão artística para o ensino de Geografia.

Durante todo o trabalho, testemunhamos a importância do Rap como uma forma de expressão e resistência cultural, capaz de mapear as geografias sociais e emocionais de São Gonçalo. Ao abordar a Geografia através da lente do Rap, percebemos como as letras das músicas são reflexos das dinâmicas espaciais e sociais presentes na cidade.

Observamos como o Rap se tornou uma poderosa ferramenta de conscientização, de resistência e de transformação nas comunidades de São Gonçalo. As rimas e as melodias do Rap trouxeram à tona questões sociais, urbanas e culturais, mapeando geografias invisíveis e proporcionando um espaço para a voz daqueles que, muitas vezes, são

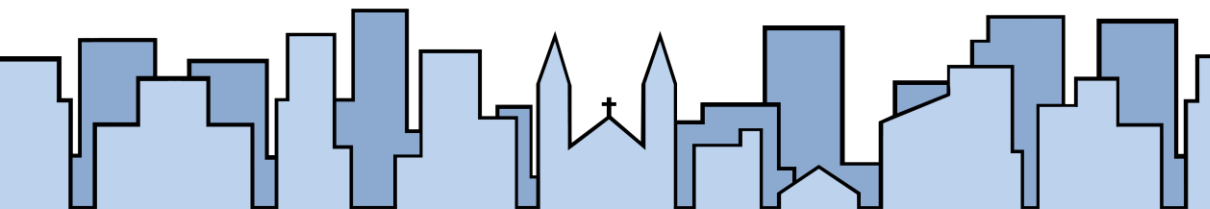


marginalizados e invisibilizados, possibilitando por meio da música uma maneira de contar suas histórias, expressar suas realidades e enfrentar os desafios cotidianos em suas comunidades.

Ao conectarmos o Rap com a Geografia, pudemos enxergar as paisagens urbanas sob uma nova perspectiva, compreendendo como as experiências pessoais e sociais moldam os espaços e os lugares em que vivemos. O Rap nos convidou a refletir sobre as desigualdades socioespaciais, as dinâmicas de poder e as interações complexas que ocorrem no tecido urbano de São Gonçalo.

No contexto pedagógico, o uso de letras para explorar conceitos geográficos, a análise das geografias urbanas presentes nas músicas e a valorização das identidades culturais e espaciais locais despertaram um novo interesse e engajamento dos alunos. Essas abordagens criativas e relevantes proporcionam uma conexão mais profunda com o conteúdo, capaz de despertar o interesse dos alunos, estimular o pensamento crítico e promover a conexão entre a teoria geográfica e a realidade vivida pelos estudantes.

As perspectivas futuras são promissoras. À medida que avançamos no tempo, podemos imaginar uma maior integração do Rap e da Geografia nas salas de aula, não apenas em São Gonçalo, mas em diversas regiões e contextos educacionais. Os educadores têm a oportunidade de explorar a riqueza cultural e geográfica de suas comunidades, utilizando o Rap como um instrumento de ensino e aprendizagem. Essa abordagem interdisciplinar não apenas enriquece o ensino da Geografia, mas



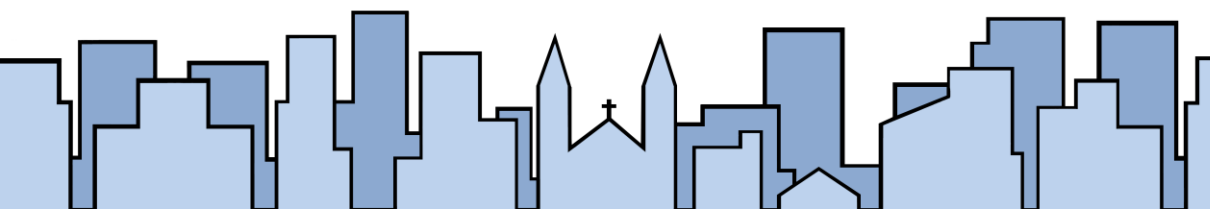
também promove uma compreensão mais profunda do mundo e de suas complexidades.

No entanto, este livro representa apenas o começo de uma jornada mais ampla. A intersecção entre o Rap e as práticas pedagógicas para a Geografia contempla um potencial ainda maior para transformar o ensino e a forma como compreendemos e interagimos com as cidades. Aqui estão algumas perspectivas futuras que podem impulsionar o desenvolvimento desse campo:

1. Pesquisa e aprofundamento: É fundamental que continuemos a explorar e a pesquisar a relação entre o Rap e a Geografia. Investigações mais aprofundadas podem fornecer *insights* valiosos e embasar práticas pedagógicas ainda mais eficazes.

2. Colaboração entre artistas e educadores: A união entre artistas, professores e educadores pode resultar em parcerias produtivas, enriquecendo o ensino da Geografia e proporcionando experiências autênticas de aprendizado aos estudantes.

3. Ampliação para outras cidades e contextos: O exemplo de São Gonçalo pode inspirar a replicação desse trabalho em outras cidades e contextos. Cada local possui suas próprias geografias e artistas, tornando possível a criação de abordagens pedagógicas contextualizadas e relevantes. Ao mesmo tempo, as análises das letras e dos videoclipes, demonstradas ao longo deste livro, nos mostraram possibilidades de utilização do Rap como um recurso educacional para o ensino de Geografia.

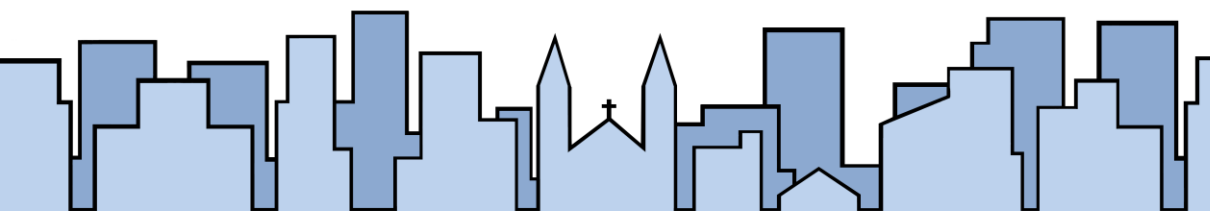


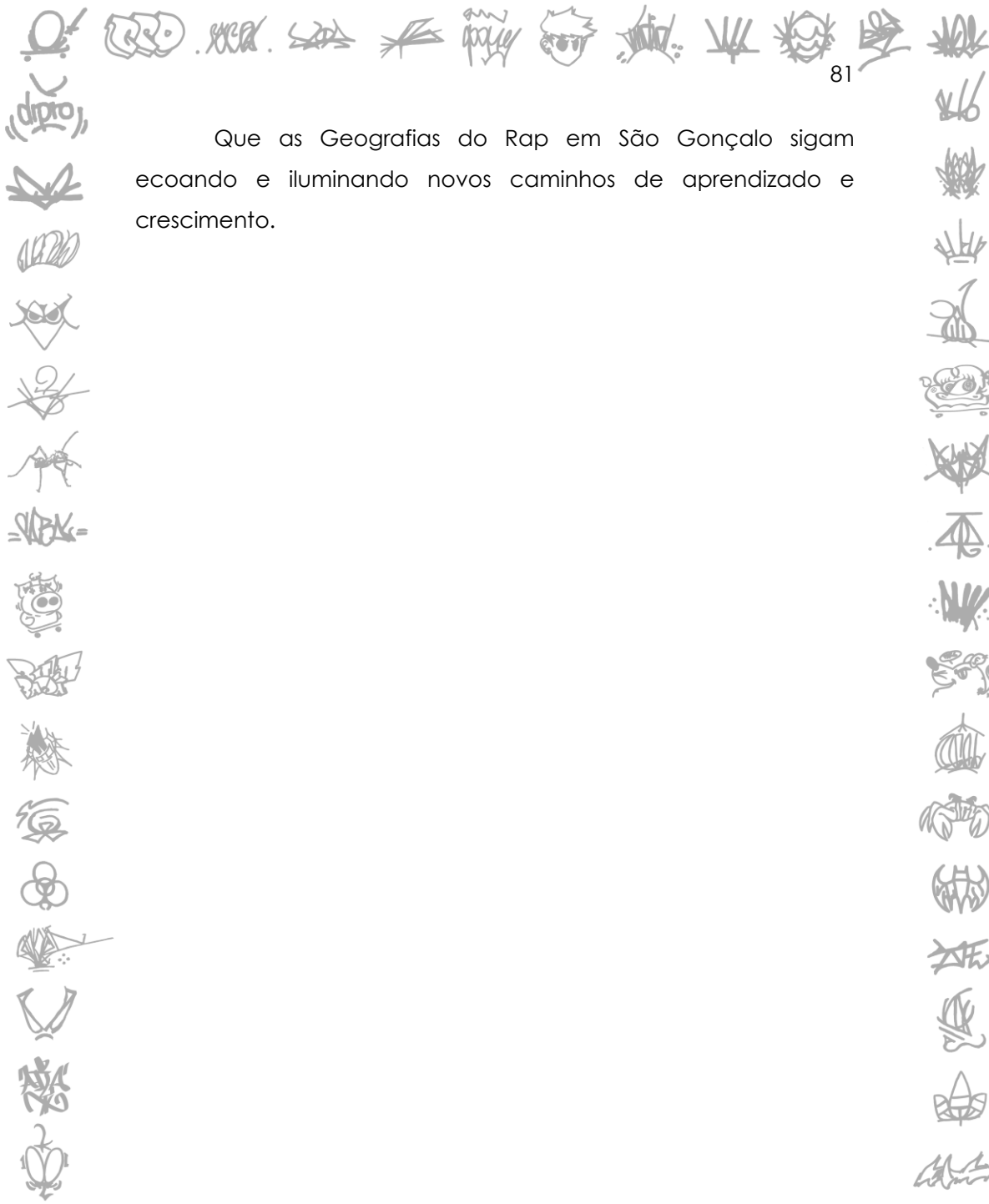
4. Inclusão e diversidade: É fundamental garantir que as práticas pedagógicas relacionadas ao Rap e à Geografia sejam inclusivas e respeitem a diversidade de vozes e experiências presentes nas comunidades. Isso envolve ouvir e valorizar a multiplicidade de perspectivas e identidades.

O Rap em São Gonçalo continuará a evoluir, trazendo novas vozes, novos temas e novas abordagens geográficas. É importante que educadores, pesquisadores e profissionais da área reconheçam o valor do ritmo, como uma forma legítima de conhecimento geográfico, incorporando-o cada vez mais nos currículos escolares e nas práticas pedagógicas.

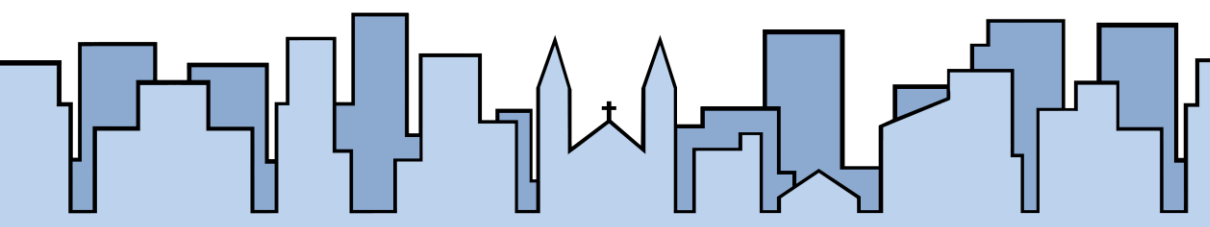
Esperamos que este livro tenha fornecido inspiração, conhecimento e um convite para explorar novos horizontes educacionais, valorizando o conhecimento e as experiências dos estudantes, e reconhecendo o potencial transformador do Hip-Hop no ensino da Geografia. Que possamos continuar avançando nesse caminho, capacitando os estudantes e promovendo uma maior compreensão do mundo em que vivemos, por meio do Rap, da Geografia e do poder das práticas pedagógicas inovadoras.

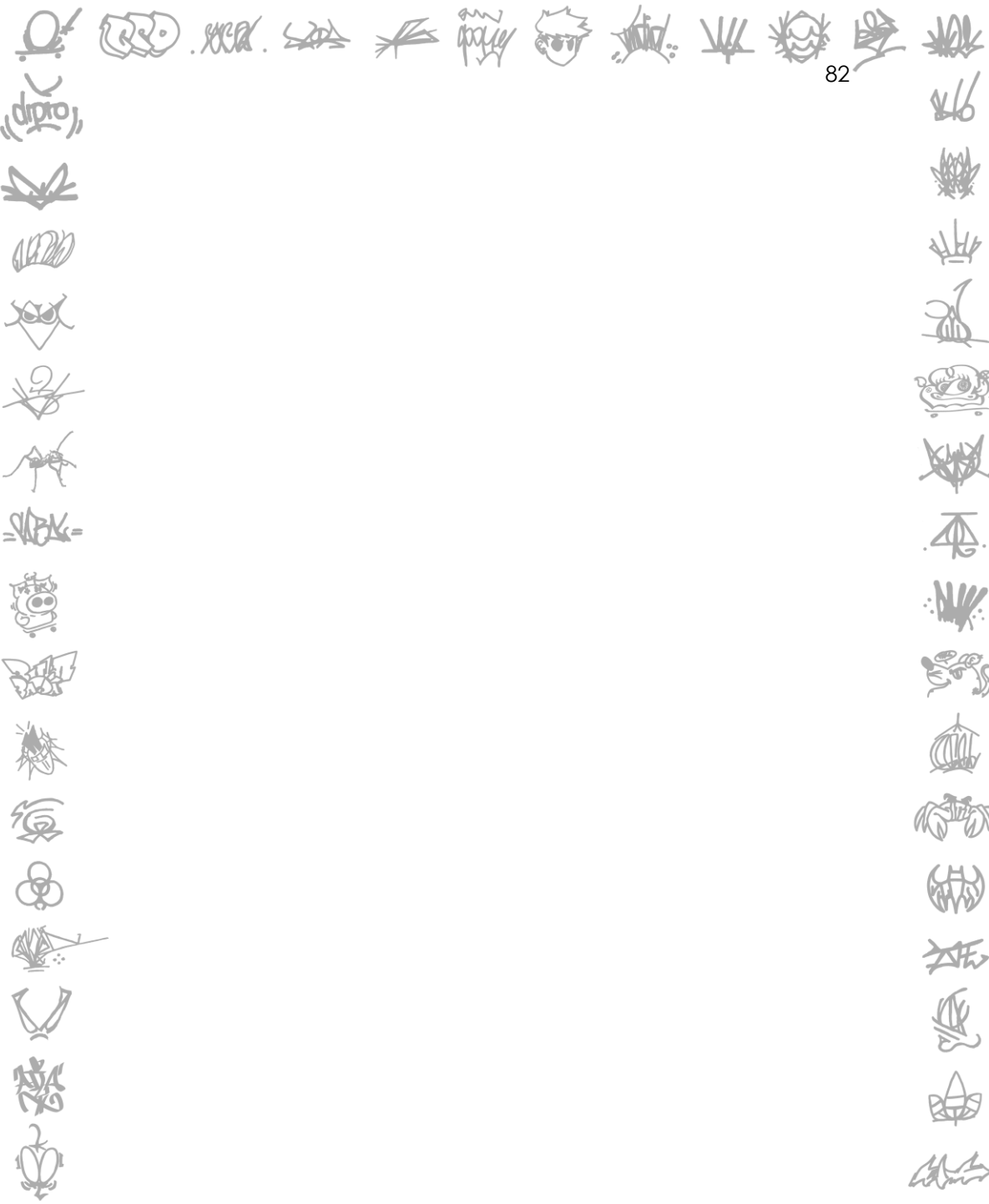
À medida que fechamos esta obra, queremos expressar nossa gratidão aos artistas do Rap em São Gonçalo, aos educadores engajados e aos estudantes curiosos que são protagonistas nessa jornada de conexões entre a Música, a Geografia e a Educação.



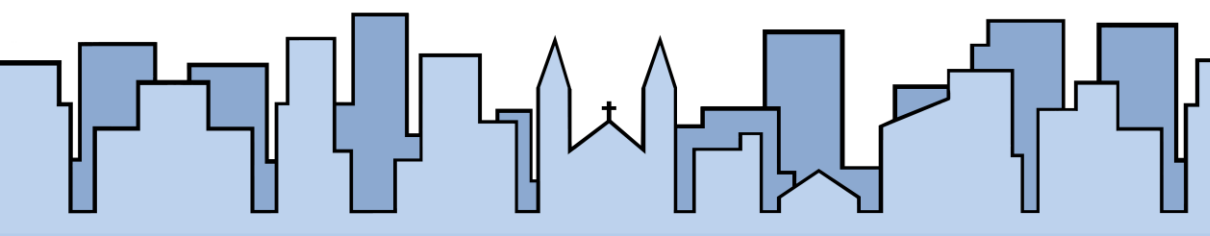


Que as Geografias do Rap em São Gonçalo sigam ecoando e iluminando novos caminhos de aprendizado e crescimento.





82



REFERÊNCIAS

GONÇALVES, M. G. O discurso possível de uma juventude excluída. **Cadernos PENESB**. Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira Faculdade de Educação – UFF. n. 12, p. 23-70, 2010. Disponível em: <<http://penesbi.uff.br/wp-content/uploads/sites/573/2019/02/PENESB-11.pdf>>.

OLIVEIRA, D. A. **Por uma significação geográfica do movimento hip-hop**. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

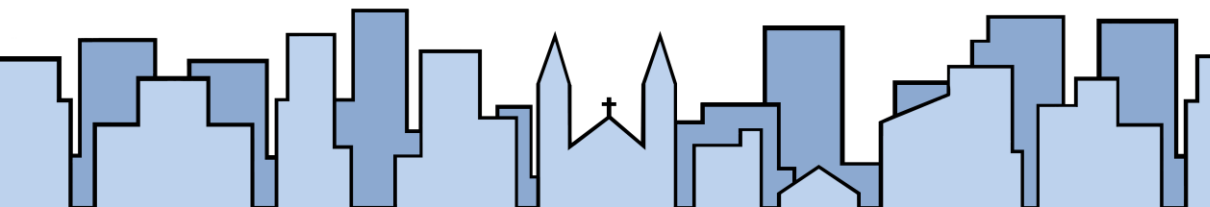
OLIVEIRA, D. A. **Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras de cidade a partir da cultura Hip Hop na metrópole carioca**. 2006. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/18768>>.

OLIVEIRA, D. A. Cultura Política Urbana: uma análise da inscrição territorial do hip-hop no bairro de Monjolos, São Gonçalo (RJ). **Revista Crítica Cultural**, p. 95-102, 2011. Disponível em: <https://thifanipostali.files.wordpress.com/2013/02/cultura14.pdf>

OLIVEIRA, F. J. G. A produção do espaço social e a economia política. Espaço e economia. In: OLIVEIRA, F. G. *et al.* (org.). **Espaço e economia: geografia econômica e a economia política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019, p. 199-218.

RODRIGUES, G. B. Espaço, política e cultura Breves considerações acerca do movimento hip-hop. **Revista Crítica Cultural**, 2011.

SANTIAGO. C. C. **Batalhas de rimas de São Gonçalo: "Tô aqui"**. Monografia (Especialização em Estudos Literários). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2017.

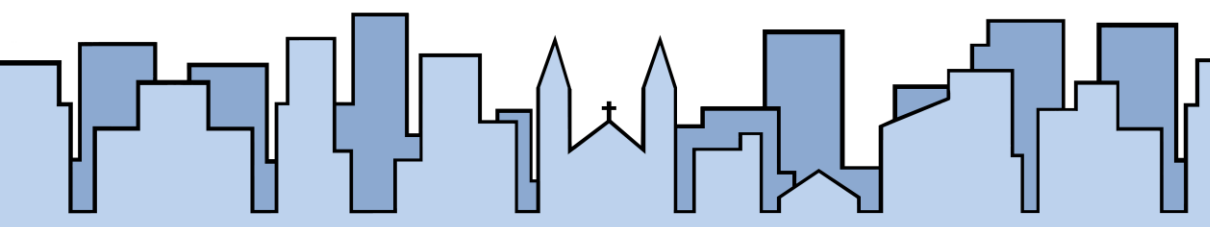




SILVA, R. S. **A importância da música nas aulas de geografia:** práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia. Monografia (Graduação em Geografia). 45f. Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande PB (UFCG), campus Cajazeiras, 2015.

Filmografia

O SOM DO TEMPO. Direção: Arthur Moura e Gabriel Moreno. Produção: 202 Filmes. Brasil. 2017. (103 min.) Disponível em: <<https://libreflix.org/i/o-som-do-tempo>> Acesso em: 10 jan. 2022.



SOBRE O AUTOR E A AUTORA



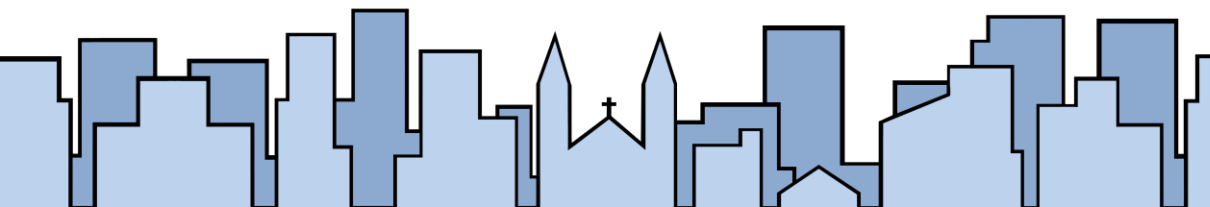
Victor Hugo Sodré da Costa

Graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ (2022) e Especialista em Currículo e Prática Docente nos Anos

Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Piauí, UFPI (2023). Atualmente é Pós-Graduando em Estratégias para a Conservação da Natureza pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, IFMS. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/IC-UERJ) no projeto: "Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e de urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo". Foi integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Rede de Ensino-Aprendizagem de Juventudes Populares em Periferias Urbanas (REDEPOP) e também do Grupo de Estudo e Pesquisa Geografia, Educação e Cidades (GEPGEC).

Email: sodrevh@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5170850372520452>



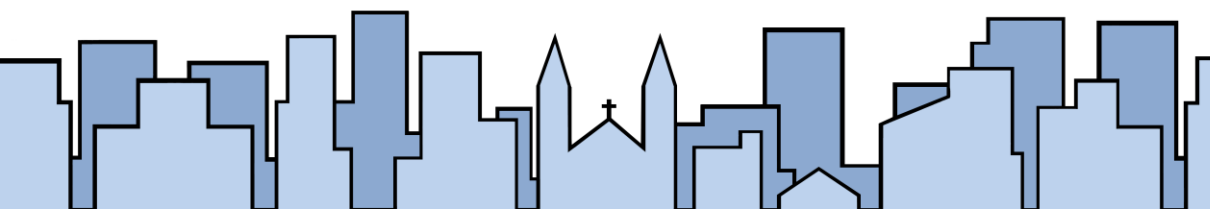


Ana Claudia Ramos Sacramento

Graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela UERJ-FFP (2002), Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP (2007) e Doutora em Geografia Física pela DG-FFLCH-USP (2012). Tem experiência como professora das redes pública e privada. Professora associada no Departamento de Geografia da UERJ-FFP. Tem experiência na área de Ensino de Geografia, principalmente nos seguintes temas: Educação Geográfica, Formação de Professor, Materiais Didáticos, Ensino de Cidade, Currículo e Didática de Geografia. Coordenadora de Projetos FAPERJ desde 2013, Procientista (UERJ) (2021-2024) e Projeto Universal - CNPq (2022-2025). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades (UERJ-FFP). Pós-doutoranda em Geografia pelo Departamento de Geografia da UFRRJ (2023).

Email: ana.sacramento@uerj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9625153721149261>



O LIVRO PROCURA DAR VOZ E SIGNIFICADO A UM ELEMENTO CULTURAL CRUCIAL NA FORMAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA, CATIVANDO A TODOS COM SUA RIQUEZA SONORA E EXPRESSÃO ATRAVÉS DA DANÇA. AS RIMAS, RITMOS E A FORMA ÚNICA DE EXPRESSÃO PRESENTES NESTA OBRA PROPORCIONAM UMA COMPREENSÃO PROFUNDA, DESTACANDO A IMPORTÂNCIA DE CRIAR MANEIRAS ENVOLVENTES DE APRESENTAR A RELAÇÃO ENTRE O RAP E A CIDADE DE SÃO GONÇALO – DE MANEIRA VIBRANTE E AUTÊNTICA. QUE A LEITURA SE TORNE UM CONVITE IRRESISTÍVEL PARA QUE TODOS POSSAM EXPLORAR E COMPREENDER O FASCINANTE UNIVERSO DO HIP-HOP.



FACULDADE DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES
UERJ



GEPGEC
Grupo de Estudo e Pesquisa em:
Geografia, Educação e Cidades.
UERJ - FFP

Pedro & João Editores



pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-0870-1



9 786526 508701 >